



SÉRIE FAMILIA MACKENZIE 06 – CADE

Disponibilização e Revisão Inicial: Mimi

Revisão Final: Angélica

Gênero: Hetero / Contemporâneo



Cade MacKenzie está preparado em dar a sua vida para destruir o cartel que matou sua amante, mas a única maneira de atraí-los é apresentá-los com a isca perfeita.

Bayleigh Scott não tem ideia de quem seu novo vizinho é, só que o seu corpo está atraído por ele, de uma forma que ela não pode explicar, e o perigo que o rodeia não é o impedimento que ela sabe que deveria ser.

Mais os fogos de artifício explodem entre Cade e Bayleigh quando ela descobre por que ele implacavelmente a persegue, mas aí já é tarde demais, porque já foi atirada em um jogo mortal de desejo, decepção e vingança.



COMENTÁRIOS DA REVISÃO

MIMI

Já imaginou como seria ter um vizinho TDB, com corpo para o pecado???

Pois é nossa mocinha aqui descobriu como é. Kkkk Cade é uma ninhada, sexy como o pecado Alpha herói masculino. Ele foi morto por dentro desde o terrível dia em que perdeu sua amante. Por causa desta noite, Cade nunca esteve em um relacionamento sério e só vai ter uma amante, quando tiver com muito tesão. Porque não consegue ficar longe de Bayleigh, ele a põe em perigo e tem que mantê-la segura. A química sexual de Cade e Bayleigh é escaldante. Amei como eles não dormiram juntos imediatamente. Cade é um herói arrogante e sexy, mas realmente quem me cativou foi Bayleigh. Mulher forte, decidida, trabalhadora e apesar de alguns grilos colocados por seu ex, ela é uma mocinha surpreendente. Acho que a autora acertou a mão dessa vez, que o livro realmente é excitante e muito bem escrito. Divirta-se e comente.

ANGÉLLICA

Bem, bem, bem.... se achou os Mackenzie de Montana quentes, sexys, gostosos, intrigantes... os primos são nitroglicerina pura, numa potência estratosférica.

Cade é a personificação da testosterona e Bayleigh... ela é abusada! Adooooorrrroo.

Não é exagero, só lendo para conferir. Concordo que a autora acertou a mão, esta história é simplesmente F@DEROSA!!



PRÓLOGO

Miami, há dois anos.

Cade MacKenzie conhecia o medo.

Ele apertou contra o peito e apertou-lhe o coração cada vez que sua amante gritou de dor. Ela olhou para ele com olhos selvagens que tinha derretido como o chocolate escuro quando chegou ao clímax em seus braços apenas algumas horas antes. Ela tinha sido suave e flexível contra ele, seu nome um cântico nos lábios, quando enterrou-se dentro dela.

Mas agora aqueles olhos estavam cheios de terror, o hematoma no lado de seu rosto já sem cor e os lábios inchados e sangrando onde Miguel del Fuego tinha tomado o punho nela, um homem que nunca mostrou remorso ou culpa por aterrorizar mulheres ou crianças. Carmen tinha sido pega dando a localização para o próximo carregamento de drogas de del Fuego para o DEA, e não houve uma segunda chance com o líder do cartel. Nem mesmo para sua própria filha.

Cade e Carmen tinham estado arrastando na cama no meio da noite, ambos nus, a evidência da sua paixão ainda evidente em sua pele úmida. Eles estavam com os olhos vendados e espancados, e Cade sabia, sem sombra de dúvida, que não era culpa de ninguém, além da sua própria. Ele tinha estado tão envolvido com a mulher, tão desesperado para estar dentro dela, que não tinha varrido o quarto para erros. Não tinha encontrado um em mais de dois anos. Miguel começou a confiar nele, prepará-lo para assumir o cartel. Mas Cade baixou a guarda e tomou essa confiança para concedido, e agora ambos pagavam o preço.

Cade conhecia o armazém que tinha sido levado para bem das grandes caixas de madeira empilhadas contra as paredes, o concreto manchado de óleo, os furgões preto estacionado no centro do espaço. Ele mesmo passou à tarde lá, certificando-se de que tudo



estava no lugar para a expedição de nova droga de estupro de Miguel vir para os EUA da Colômbia. O nome da rua foi *Coelho*, e foi particularmente perigosa porque pode ser administrada através da pele. Um toque de pó contra a mão ou a parte de trás do pescoço, e a pessoa que tinha sido dado não importa onde, quem ou quantos estavam fodendo. Homem ou mulher. Mesmo que suas mentes gritassem não, seus corpos iriam traí-los e dizer sim. Se fosse injetada na corrente sanguínea, não havia nenhuma chance de sobrevivência.

Houve muitas mortes ao longo dos últimos anos por causa da droga, e Cade havia sido escolhido para se infiltrar no cartel de del Fuego e levá-los de uma vez por todas.

O armazém foi grampeado e sua equipe estava ciente da remessa que vinha dentro seria descarregada no cais e levada para o armazém guardado até que pudesse ser distribuída aos fornecedores de del Fuego. Mas a transferência não deveria acontecer por mais quatro horas e Cade sabia que havia uma chance de que ele e Carmen pudessem ser uma merda sem sorte, tanto quanto ter alguém no local para o resgate.

As próprias feridas de Cade foram graves e tornou difícil para ficar consciente. O ferimento de bala no ombro sangrou livremente, muito livremente, e ele teve pelo menos três costelas quebradas. Mas com cada golpe que recebeu, manteve os olhos fixos em Carmen, esperando que sua coragem fosse a sua força. Ele estava orgulhoso dela. Ela não implorou por misericórdia, quando foi espancada. Ela olhou para seu pai com todo o ódio e desprezo que sempre sentia por ele. Passou 22 anos sendo prisioneira, e sabia que era apenas uma questão de tempo, antes que se tornasse sua cobaia para a droga que ele estava tão orgulhoso.

Quando Cade tinha ido à paisana no cartel de del Fuego, três anos antes, ele tinha toda a intenção de seduzir Carmen em dar-lhe a informação que o DEA precisava para encerrar o cartel. Ele não tinha problemas em mentir para ela, ou girar um futuro juntos, ele não tinha planos de se entregar. Mas Carmen o tinha surpreendido. Seus doces, sorrisos tímidos, e sua necessidade de amor tinha quebrado através de todos os planos que tinha feito. A última coisa que ele esperava era se apaixonar por ela.



"Estou decepcionado com você, Carmen." Miguel disse, acariciando o lado do rosto inchado com sua pistola. "Você está dizendo meus segredos para esse *gringo*. Para as autoridades norte-americanas. Sua lealdade deve ser sempre a sua família. *Sí?*"

Cade empurrou contra os braços de seu captor enquanto Miguel atingiu Carmen novamente, e ele lutou para permanecer consciente enquanto os dedos escavavam na ferida em seu ombro.

"Pare com isso, *Papá.*" Carmen gritou, rastejando para Cade. "Eles o estão machucando. Por favor, não o machuque."

"Você quer que eu poupe este homem, Carmen? Um homem que eu confiava? Um que eu esperava assumir o meu negócio e dar-me netos fortes, para que eu pudesse ver meu legado continuar?"

"Sim. Por favor, papai." Ela implorou.

"Você morreria por ele, Carmen?"

"Não!" Cade gritou. "Isso é entre você e eu, Miguel. A lealdade de Carmen está dividida. Deixe-a ir."

Cade lutou novamente para se libertar do controle que tinham sobre ele, sabendo o que estava por vir, desesperado para detê-lo. Dois homens não eram o suficiente para segurá-lo, e mais dois vieram de algum lugar, ficando em socos as suas costelas quebradas para atrasá-lo. Ele puxou contra seu domínio, suor e sangue escorrendo em seus olhos, mas não podia chegar até ela.

"Responda-me, Carmen. A vida deste traidor vale mais que a sua própria? Você o ama tanto assim?"

"Sim." Ela gemeu, sua mão alcançando Cade quando ela se arrastou mais perto, com o braço envolto em torno de seu meio.

Deus, onde estava a sua equipe? Eles deveriam saber que algo estava errado. Saber que ele precisava deles. Cade usou a última de sua força para trabalhar o braço livre e segurar sua mão de Carmen, rezando por um milagre. Ele precisava tocá-la, abraçá-la. Ela colocou a sua



mão menor dentro, seus dedos magros sangrando e quebrados, e Cade olhou para Miguel, pronto para fazer o que fosse preciso e salvá-la. Para negociar a sua alma se o monstro na frente dele fosse levá-la.

Mas quando ele encontrou os olhos de Miguel, eles estavam zombando e cheios de ódio. Um ódio que não tinha possibilidade de ser extinto.

"Ah, o amor jovem." Disse Miguel, seu sorriso cada vez mais cruel. "Isto é a sua cabeça, Cade MacKenzie."

Cade jogou seu corpo em direção a Carmen, mas era tarde demais. O tiro da arma de Miguel ecoava em seus ouvidos, juntamente com os seus gritos, e a mão de Carmen ficou mole na sua, seu sangue respingou em seu rosto e no peito. O sangue que ele sabia que nunca seria limpo.

O caos reinava em torno deles, quando o armazém ficou preto e os gritos dos soldados e agentes que pulavam pelo prédio começaram a penetrar na neblina de choque e raiva. Ele continuou à espera de Miguel para terminar o que tinha começado e colocar uma bala em seu cérebro, mas isso nunca aconteceu. Aqueles que o mantinha cativo correram para se proteger, de modo que só ele e Carmen estavam no meio do chão do armazém, flashes de tiros e fumaça construindo em torno deles.

Ele retirou-se mais perto de seu corpo e a reuniu em seus braços, sua mente entorpecida pela dor, e rosou quando mãos tentaram empurrá-lo para longe do que era dele.

"Maldição, Cade, olhe para mim."

A voz em seu ouvido era familiar, e ele não lutou quando óculos de visão noturna foram colocados sobre os olhos. Seu irmão, Declan, entrou em foco.

"Eu não posso..." Ele tentou dizer, segurando Carmen perto.

"Vamos tirá-la, Cade. Nós vamos fazer o certo por ela." Disse Declan, levando-a de seus braços nos seus próprios. "Mas precisamos tirá-lo agora. O cartel del Fuego irá atirar em você."



Cade concordou com a cabeça e deixou que seu irmão o levasse para fora do inferno, mas ele ouviu a voz que chamou sobre o caos.

"Você nunca vai estar seguro, Cade MacKenzie." Miguel gritou. "Nunca vai conhecer a paz, enquanto eu ainda estiver respirando. Vou levar tudo e mais que você tem tirado de mim."

Cade não podia imaginar o que mais o homem podia esperar para tirar dele. Seu futuro era a mulher morta nos braços de seu irmão.



CAPÍTULO UM

Dias atuais

Vizinhos eram um pé no saco.

Especialmente os vizinhos que fizeram tanto barulho quanto possível ao romper da aurora. Será que ninguém tem mais consideração por seus semelhantes? Ela não estava pedindo muito, maldição. Basta um pouco de cortesia comum.

Bayleigh Scott rolou em direção a sua mesa de cabeceira olhando para o despertador antiquado com as mãos gigantes e percebeu que eram apenas tímidas seis horas. Gemeu e puxou o travesseiro sobre a cabeça, tentando desesperadamente bloquear o barulho incomodativo do que parecia ser uma semi frota fora de sua janela. Ela fechou a loja às dez da noite anterior, mas não tinha chegado em casa após uma, porque estava fazendo o inventário. Nem mesmo cinco horas completas de sono. E tinha que estar de volta a abrir às dez, já porque sua assistente estava doente.

Quando o travesseiro não teve o efeito que estava procurando, jogou-o outro lado do quarto e sentiu o rubor lento de ira trabalhar através de seu corpo.

"Quem diabos essas pessoas pensam que são?" Murmurou, jogando as cobertas e pisoteando a janela de sacada em seu quarto.

Ela só podia ver o deck de trás da casa ao lado de sua janela, e franziu o cenho quando notou as samambaias já penduradas em cestas na varanda, as arandelas esmaecidas ligadas às mensagens dando-lhe uma boa visão na escuridão.

"Fazendo-se em casa, não é?"

Ela deixou cair a cortina e pisou pela casa, tropeçando ao longo da borda do tapete e batendo a canela contra a mesa final perto do sofá. A cafeteira acenou, então apertou o botão



para conseguir a sua cafeína da manhã quando fez seu caminho até a janela da cozinha. Ela tinha a visão perfeita do quintal do vizinho.

Bayleigh estremeceu quando o guincho do elevador do caminhão indo para cima e para baixo agrediu seus ouvidos. Não era como se barulho fosse incomodando ninguém. A maioria de seus vizinhos usava aparelhos auditivos desligados depois de oito horas e não os transformava de volta até o sol nascer. Não havia maneira de que seus novos vizinhos fossem outro pequeno casal de aposentados, como todo mundo na rua. Eles eram provavelmente animais de festa ou ovo podre. Talvez os dois.

Luzes poderosas foram criadas para que pudessem descarregar o caminhão, que foi apoiado na calçada, mas tudo o que ela podia ver era as sombras de homens quando descarregaram o mobiliário. Eles nem sequer precisavam do elevador estúpido. Eles estavam apenas sendo preguiçosos. Não havia nenhuma razão para o caminhão em tudo.

Murmurando maldições levou para fora da porta da frente, antes que o senso comum pudesse tomar posse. Nunca fez bem em poucas horas de sono e sem cafeína. Não era culpa dela. Gostava de pensar nisso como uma condição médica. Ela iria explicar educadamente sobre o ruído, e com certeza eles iriam cuidar das coisas de lá. Foi à coisa decente a fazer.

O ar fresco de outubro bateu contra sua pele, lembrando que ela estava vestindo apenas a calcina de algodão e camiseta regata com que dormiu. Arrepios correram através de sua pele, e ela tropeçou na mangueira que atravessou sua calçada. Tinha esquecido de revertê-la depois de regar seus canteiros na manhã anterior.

Ela parou por um momento, imaginando se tinha cometido um erro quando sentiu três pares de olhos olharem em sua direção. O súbito silêncio da noite era enervante. Ela não podia ver os dois homens nas sombras claramente, mas teve um pedaço de vislumbre do homem que estava mais próximo a ela. O diabo disfarçado. A súbita vontade de se benzer a tinha apertando os dedos em punhos apertados. Não era nem católica, pelo amor de Deus.



Sua carranca era negra e ameaçadora, e ele estreitou os olhos para ela em advertência, colocando automaticamente de volta. Ela não ia se intimidar com os gostos dele. Pelo menos não por muito.

Bayleigh endireitou os ombros e marchou em todo o minúsculo pedaço de grama que separava as duas casas. Subiu na cabine do caminhão branco grande, os bancos rachados arranhados contra as costas de suas pernas, e desligou a ignição antes de tomar a chave. Ela pulou para fora do caminhão e viu com cautela enquanto os três homens se reuniram perto, os braços cruzados sobre o peito nu e vários olhares de surpresa colados em seus rostos. Talvez Satanás estivesse tendo uma convenção, porque certamente todos os três destes homens eram anjos caídos da pior espécie, ou criminosos endurecidos na melhor das hipóteses.

Eles eram musculosos e sem camisa, e seus jeans pendurados baixo nos quadris estreitos. Era óbvio que estavam relacionados, e seu olhar passou por todos eles rapidamente. Mas ela não conseguia tirar os olhos do centro a pessoa que a tinha feito perder o senso comum, com apenas uma carranca. Havia algo em seus olhos que tinha de dar um passo para trás, antes que se lembrasse de que estava de pé no meio de um bairro seguro. Ela não seria intimidada em sua própria propriedade. Olhou para baixo e deu um passo rápido para trás, de modo que estava realmente em sua própria propriedade, e cruzou os braços sobre o peito, desafiando-o a dizer algo.

Cabelo escuro do diabo era mais do que ela gostava em um homem, quase até os ombros, e seus olhos eram negros como carvão. Provavelmente porque ele estava transportando no inferno antes que decidiu se mudar para *Fort Worth, Texas*. A barba curta cobriu o rosto e uma tatuagem má rodou a vista por cima do ombro e parte do caminho até seu braço. Seu peito estava marcado, e ela não podia sequer começar a imaginar o que tinha acontecido com ele para causar tais marcas. Seu olhar baixou, seguindo o punhado de cabelo preto que desapareceu sob seu jeans, e todo o pensamento racional deixou sua cabeça enquanto ela percebeu o vulto considerável atrás de seu zíper.



"Você tem vizinhos poderosos amigáveis, Cade." Disse o homem ao lado do diabo, seu sorriso evidente na voz arrastada de sua voz. "Ela não pode tirar os olhos de você."

Bayleigh sentiu calor lavar seu rosto, e trouxe de volta os olhos para encontrar os dele. As pequenas chaves na palma da sua mão, lembrando-lhe que as tinha, então jogou para o andando com tesão, um pouco mais duro do que foi provavelmente necessário. Ele agarrou-as fora do ar e olhou em sua direção, e o desejo de virar as costas e correr era predominante em sua mente, mas virou-se e com calma e colocou um pé na frente do outro.

"O que diabos você pensa que está fazendo?"

Ela sabia que era ele quem falou, sem ter que se virar. Sua voz deslizou através de sua pele como veludo áspero, e estremeceu com a demanda nele. Não que ela esperasse que o diabo fosse um homem fácil, ou seja, sem um mínimo de energia, mas gostava de pensar que ela tinha o suficiente autocontrole para ignorar a sedução perigosa de sua voz e continuar caminhando.

Olhou para a distância até a porta da frente e olhou em sua direção. Ele tinha levado um par de passos para frente, e não havia nenhuma maneira de fugir se viesse atrás dela. Ele estreitou os olhos, como se pudesse ler sua mente, e balançou a cabeça lentamente, avisando-a para não tentar, então engoliu seu medo e se virou para encará-lo.

Ela era uma idiota. Correr teria sido a coisa certa a fazer, se o olhar em seu rosto era qualquer coisa indo perto. Poderia ter feito isso. Talvez.

"A maioria de nós dorme aqui no meio da noite." Ela disse finalmente, com mais ousadia do que sentia. *Nunca os deixe ver que você está com medo.* Seu pai tinha repetido o mantra constantemente durante a sua infância. "Achei, uma vez que era seu primeiro dia no bairro, você poderia querer começar com o pé direito."

"Você pensou errado." Disse ele. "E isto está longe de ser meio da noite. O sol já está chegando. Talvez você seja apenas preguiçosa."

Os olhos de Bayleigh estreitaram para o insulto. Ela nunca tinha sido acusada de ser preguiçosa um dia em sua vida. Mas, enquanto o conselho de seu pai sacudiu em torno de



seu cérebro, algo que sua mãe sempre lhe disse veio à mente, tal como tinha acontecido cada vez que ela se mudou de escola para escola e teve de lidar com o inevitável *bullying* 'garota nova'.

Mate-os com bondade.

Então ela sorriu tão docemente quanto possível e disse a única coisa que poderia pensar em espalhar o terror em seu coração.

"Você sabe, há um monte de pessoas idosas que vivem na rua."

"Então?" Ele rosnou. "E então há você. Deixe-me adivinhar. Você é solteira?"

"Eu estive envolvida." Disse ela, estreitando os olhos.

"Eu posso ver que funcionou bem para você. Acho que ele não conseguiu levar-se até o altar?"

"Algo como isso." Disse ela em voz baixa, os velhos sentimentos de não ser muito boa revestindo suficiente antes que pudesse tampá-los de volta para baixo.

"Olha, eu sinto muito." Disse ele. "Isso estava fora de linha. Prometo que vou deixar todo mundo em toda a maldita rua sozinhos, se eles me deixarem em paz."

Bayleigh sentiu o início de uma dor de cabeça formando na parte de trás de seu crânio. Entre a falta de sono e o golpe duplo que seu novo vizinho tinha acabado de entregar, lembrando-a de seu ex-noivo e da miríade de inadequações que ela não tinha percebido que tinha até que o conheceu, decidiu que ela não estava com vontade de ser boa, afinal.

"Oh, não. Não precisa se desculpar. Se alguma coisa a culpa é minha por levantar a esta manhã, depois de trabalhar 14 horas por dia." Disse ela com sarcasmo. "Foi imprudente da minha parte esperar que você se mova depois que o sol aparecer. Direi o que vou fazer para torná-lo até você."

Ela sorriu, um sorriso que seus irmãos reconheceram como problema. Seu novo vizinho deve ter reconhecido isso também, porque seus olhos negros se estreitaram e os músculos de seus braços incharam enquanto cruzava-os em alerta silencioso.



"Você realmente não quis dizer isso para ter todos o deixando sozinho." Disse ela docemente. "Parece ser um cara tão simpático e extrovertido. Vou ter certeza de mencionar o quão grande você é a todos durante os próximos dois dias. Antes que você perceba, a rua inteira vai bater em sua porta e se apresentar. Não vai ser um mês antes de estar hospedando o bairro para um churrasco. Também vai estar pegando receitas, cortando grama, e comendo salada de macarrão com cada refeição, para que não vá machucar seus sentimentos." Ela bateu os cílios para ele quando parecia pálido diante de seus olhos. "Bem vindo ao bairro."

Risos a seguiram até a casa e ela bateu e trancou a porta atrás dela. Sabia que ele não tinha estado rindo. Dólares para rosquinhas que um sorriso nunca tinha quebrado essa cara. O diabo não sorria. Pagaria para se lembrar disso. E daí se ela tivesse sido um pouco atraída por ele. *Bad boys* deveriam ser atraentes para o sexo oposto. Era uma regra hormonal. Mas então ele tinha que ir e abrir a boca.

Lágrimas ameaçavam cair quando recordou suas palavras. Ele tinha sido exatamente correto. Ela tinha estado noiva por mais de um ano, e Paul não tinha sido capaz de ir em frente com o casamento real. Ele gostava dela bastante como uma amiga, mas ela era muito franca para a esposa de um advogado corporativo. Seu corpo era muito cheio de curvas. Sua linguagem como senhora não era suficiente. E como ela poderia esperar que Paul passasse a vida com uma mulher que não respondeu a ele na cama?

Não é que ela não pudesse ter orgasmos. Ela tinha grandes orgasmos com seu vibrador. Só que às vezes levou mais tempo para chegar lá, do que seus amantes tinha pensado ser razoável. Tinha acabado de se aquecer, e de repente, ele se contorcia e gemia e tudo estaria acabado. O último encontro tinha sido cerca de três anos atrás, e ela nem se incomodou movê-lo para o estágio físico. O pensamento de qualquer mais decepção tinha sido mais do que suficiente para mantê-la celibatária.

Paul tinha sido um bastardo. Ela sabia disso *agora*. Mas na época tinha lascado afastado em sua autoestima, até que quase não reconheceu a pessoa que se tornou. Ela quase não comia, tentando emagrecer as curvas que encontrava tão desagradáveis. Ela mal falou,



sabendo que se não falasse, então nada sairia de sua boca que iria constranger Paul. E fingiu orgasmos só assim ele pensaria que ela estava colocando um pouco de esforço em sua vida amorosa.

Ela sabia que Paul tinha sido uma picada de controle, no momento em que sua data do casamento tinha chegado ao redor, e agradecia a Deus todos os dias que ele não tinha aparecido à igreja naquele dia. Salvou um inferno de muita dor a longo prazo, mas isso danificou parte dela, e ainda estava trabalhando fodicamente para voltar a pessoa que ela realmente era. Para não deixar que as antigas dúvidas deslocassem-se sobre ela.

Bayleigh enxugou as lágrimas que tinham conseguido escapar e caminhou de volta para o quarto. Não importa o que seu novo vizinho pensava. Ninguém jamais disse que o diabo era bom.

Agora, se ela pudesse evitá-lo para o resto de sua vida, ele faria o vizinho perfeito.



"Oh, bebê." Shane, irmão mais novo de Cade, disse, ainda rindo às custas de Cade. "Acho que estou apaixonado. Tem certeza que não precisa de um companheiro de quarto?"

"Cale a boca e vamos conseguir o resto das coisas dentro."

Cade ergueu sua TV de tela plana fora do caminhão e dirigiu-se para dentro, ignorando as risadas de seus irmãos. Ele deveria saber que não seria capaz de deixá-lo cair. Eles eram como *pit bulls* no momento em que sentiam fraqueza.



A vontade de ir ao lado e pedir desculpas por seu comportamento era um peso pesado em seu peito. Ele a tinha machucado, e não tinha havido nenhuma necessidade para isso. Quando mencionou ser deixada no altar, seu rosto empalideceu e seus olhos azuis tinham perdido o brilho que tinha encontrado perversamente excitante quando estava discutindo com ele. Era como se a vida tivesse tudo, além de sugado para fora dela. Inferno, ele realmente gostou de vê-la em ação. Não era muitas vezes que deparou com um homem que teve a coragem de discutir com ele, e muito menos uma mulher.

Cade fez uma careta quando ouviu a conversa do outro quarto.

"Ela nunca vai para você, Shane." Disse Declan. "Você é o nanico da ninhada." Cade pensou quão irônico já que Shane era tão grande quanto seus dois irmãos mais velhos. "Uma mulher com um corpo assim, só poderia apreciar um homem de verdade."

E cara que ela tinha um corpo, pensou Cade, irritava que seus irmãos haviam notado. Ela era sua vizinha, maldição. Isso não significava que ele tinha algum tipo de afirmação? Ele balançou a cabeça em descrença. Seus irmãos foram transformando-o em um idiota. Não estava prestes a reclamar qualquer mulher.

Ele voltou ao caminhão por outra carga, mas seguiu com sua tagarelice incessante, como se fossem mulheres, em vez de guerreiros. Não importava que ela fosse o tipo de corpo que sempre foi a sua fraqueza. Ele gostava de curvas. Não, ele *amava* curvas. E ela tinha ativas que encheriam suas mãos, agradáveis seios que eram deliciosos e cheios e um traseiro que ficaria espetacular em seu colo, enquanto batia os globos arredondados até que brilhassem vermelhos.

Maldição. Ele estaria gozando em sua calça jeans se mantivesse essa avenida de pensamento. A distração de uma vizinha sexy não era o que ele precisava no momento, e que não seria fácil a uma mulher se envolver com ele. Ela teria expectativas, e não hesitaria em dar sua opinião, se fez algo estúpido. Ou seja, se sua primeira impressão dela foi correta e suas primeiras impressões eram sempre corretas. A melhor coisa que podia fazer era ficar



longe, apesar da ereção que não havia desaparecido desde que ela contraiu as curvas em todo o remendo magro de grama entre suas casas.

"Você sabe, quando estava verificando a segurança em torno da casa ontem à noite eu notei que você podia ver seu quarto a partir do convés de trás." Shane disse, balançando a cabeça em solidariedade a Declan. "Vai ser totalmente desperdiçado no homem gelo aqui. Mas posso certamente apreciar os atributos em uma mulher. E você viu todo esse cabelo? É o suficiente para fazer um homem querer implorar."

"Cinquenta dólares que ela não é loira de verdade." Disse Declan.

"Oh, dentro, irmão. Tenho certeza que se eu ficar no convés o tempo suficiente vou ser capaz de dizer de uma forma ou de outra."

"O que diabos está errado com vocês dois?" Cade mordeu fora. "Estão reduzindo-se para se tornarem *voyeurs*? Basta ir para o bar mais próximo e pegar a primeira loira que virem. Vão estar pedindo uma dor de cabeça mexendo com a vizinha. Eu já posso dizer que ela vai ser uma dor na bunda."

"Não, se você se tornar uma dor na dela primeiro." Disse Shane, balançando as sobrancelhas.

Os irmãos de Cade eram bem conscientes do tipo de apetite sexual que ele teve. Ele era o tipo de homem que exigiu tudo de suas amantes. Seu pensamento sempre foi de que nunca deve ser nada sexual entre um casal, que fosse considerado demasiado sujo ou tabu, e ele ficou longe de mulheres que não sabiam o placar indo para um caso. Não havia nenhuma maneira no inferno que sua vizinha não fugiria com horror das coisas que ele queria fazer com ela.

"E ela tem uma bela bunda." Shane acrescentou.

"Vou matar você." Disse Cade.

Shane ignorou a ameaça e disse: "Juro que tem alguma coisa sobre ela que é familiar apesar de tudo. Eu a vi em algum lugar antes. É difícil esquecer alguém como ela parece, mas não se preocupe, vai vir para mim."



"Talvez ela esteja em um desses vídeos *Girls Gone Wild*." Declan jogou dentro.

Cade virou seus irmãos fora e pensou sobre a vizinha. Ele tinha executado uma verificação de antecedentes sobre ela, assim como todos os outros na rua. Velhos hábitos são difíceis de quebrar. E não demoraria muito para que Shane percebesse quem ela era.

O nome dela era Bayleigh Scott, e que possuía uma loja de lingerie na praça pela universidade. Tinha vinte e oito anos e veio de uma família militar, uma grande família, assim como ele tinha, e um de seus irmãos foi na mesma equipe SEAL que Shane.

Cade conhecia Brady Scott, de passagem, e conhecia seu outro irmão, Brant quase tão bem quanto ele conhecia seus próprios irmãos, mas não havia nenhuma maneira que qualquer um de seus irmãos fossem felizes, se Cade perseguisse Bayleigh. Inferno, ele se sentiria da mesma forma se um de seus amigos demonstrasse interesse em sua irmã, Darcy.

Os agentes e os SEALs que chamou amigos eram muito duros para as mulheres como Bayleigh e Darcy – homens cuja vida consistia em constante perigo não tinham escrúpulos em se aventurar para os lados mais sombrios do sexo, especialmente depois de sair de uma missão.

A verificação de antecedentes que ele tinha feito em Bayleigh não fazia justiça ao que tinha acabado de ver com seus próprios olhos. O arquivo não tinha dito que ela tinha um corpo que iria fazê-lo instantaneamente duro. Seu pênis estava quase explodindo em sua calça jeans, no momento que ela pulou em seu caminho naqueles minúsculos shorts e blusa fina. Ela não estava usando sutiã, e até agora as mãos queriam tocar e sua boca queria provar.

Olhou para ele tanto quanto ele olhou para ela, e ela estava quase em transe com a visão de sua ereção. Sua língua tinha saído correndo para lambe o lábio inferior e ele jurou que quase sentiu o movimento ao longo de seu pênis. Tinha havido interesse em seus olhos, não há dúvida sobre isso.

Tinha sido malditamente também por muito tempo, desde que ele tinha sido sepultado. Quando a coceira assumiu ou os sonhos de Carmen tornaram-se muito frequentes, ele encontrou a mulher mais próxima que teria e fodeu-se no esquecimento, até



que o passado fosse enterrado novamente e a coceira fosse embora. Foi o melhor que poderia fazer com a mão na vida que ele tinha sido tratado. Nunca esperou nada mais, e não estava preparado para dar algo mais em troca. A vida era, por vezes, uma cadela dessa forma. Mas o pensamento de ir para outra mulher, não era tão atraente como deveria ter sido. Inferno, Bayleigh Scott já estava complicando a sua vida.



Duas horas mais tarde, o caminhão foi descarregado e móveis foram em um arremedo de onde deveriam estar. Cade olhou para o relógio e decidiu que não havia nada de errado em ter cerveja na parte da manhã, se você não fosse para a cama ainda. Ele tomou mais duas em seu quarto na parte de trás da casa e entregou-as aos seus irmãos, que estavam colocando em conjunto uma enorme cama de dossel que tinha pertencido a sua bisavó.

"Você não tem a vida sexual para uma cama como esta." Disse Shane, chupando os dedos esfolados.

A cama em questão era escura e ornamentada e foi esculpida à mão por seu bisavô MacKenzie. Ela também pesava cerca de quatrocentos quilos. Seu avô tinha sido um inferno de um carpinteiro. Havia um grande armário em correspondência, com um painel oculto grande o suficiente para caber um rifle e duas pistolas, duas mesinhas de cabeceira e que as facas afiadas realizadas suficiente para cortar uma folha de grama. Seu avô também acreditava que nunca fez mal estar preparado.

"Você lamenta como uma mulher." Cade disse, entregando as cervejas.



Ele foi para a grande janela e olhou para o seu quintal inclinado. Isso levou a um pequeno riacho que corria atrás de todas as casas do seu lado da rua, e enormes árvores cresceram a partir dos lados do banco. Luz solar brilhou através dos ramos e manchava cicatrizes em seu piso de madeira. Não havia um muro entre a sua casa e sua vizinha sexy, então ele foi capaz de ver todo o seu quintal também.

Ela tinha uma banheira de água quente sob uma grande árvore que estava sombreada por mechas grossas de hera e algum tipo de flores grandes floresceu que ele nunca tinha visto antes. Velas foram estabelecidas em torno da banheira de água quente, e ele não pôde evitar a onda lenta de luxúria que serpenteava através de seu corpo, quando pensava nas bolhas aquecidas beijando sua carne nua, a luz de velas brilhando fora de seu cabelo.

Ele balançou a cabeça em seus pensamentos indisciplinados e voltou seu olhar para o caminho estreito que corria entre as duas casas. Encontrar a capacidade de engolir a cerveja gelada foi ficando mais difícil, e ele sentiu seus pulmões fecharem-se na sua descoberta. Se estava no ângulo certo, podia ver a grande janela da sacada de seu quarto e através da desculpa ridícula para cortinas de renda que ela tinha pendurada. Ela estava indo para matá-lo. Ele não teria que esperar Miguel del Fuego caçá-lo, depois de tudo. Morte por luxúria. Foi um inferno de uma coisa ter que dizer a mãe.

"Acho que alguém tem uma queda pelo Bebê da porta ao lado." Shane sussurrou alto o suficiente pelo que Cade teve que revirar os olhos. "Talvez devêssemos chamar a polícia e dizer-lhes que ela tem um *voyeur*."

Declan abanou a cabeça. "Ele é a polícia. É um mundo triste que estamos vivendo, quando aqueles que juraram cumprir a lei são os que a quebram."

"Falando de seu novo trabalho..." Shane disse.

"Estamos?" Cade perguntou, sua expressão feroz.

A última coisa que ele queria discutir era o seu novo trabalho com o departamento de polícia de *Fort Worth*. Era um ardil puro e simples, mas ninguém deveria saber sobre isso, além do ex-diretor do DEA. Sua experiência com a agência tinha feito a transição fácil, e o



departamento de polícia arrastou-o direto para trabalho de detetive com pouco barulho, mas ficaram desconfiados de seus motivos para abandonar o barco. A única coisa que tinha entrado em questão era a sua precisão com uma arma.

Vários anos antes, ele tinha sido baleado na mão parando um carregamento de drogas saindo de sua cidade natal *Surrender, Montana* e cruzando a fronteira para o Canadá. Seu primo, Cooper, estava trabalhando no trabalho com ele, e os bastardos tinham ficado fora por um tiro de sorte. A bala passou para a direita através dos tendões na mão, e o DEA tinha escolhido a ficar com ele em uma mesa, até que pudesse provar-se útil novamente. Ele ainda não tinha chegado a plena utilização da mão direita de volta, mas trabalhou sua bunda com a outra mão, até que era quase tão precisa com um tiro.

Então, assim quando as coisas tinham começado a seguir o seu caminho e o DEA lhe entregara a atribuição de uma vida inteira, para se infiltrar no cartel de Miguel del Fuego, as coisas tinham ido a merda e sua vida tinha desmoronado completamente.

Ele passou três anos infiltrado no cartel del Fuego, e o DEA lhe dera conhecimento certo e torná-lo atraente para um homem como Miguel. Todos os traços de sua vida real e família tinham sido completamente apagados do sistema, e para todos os intentos e propósitos, ele era o filho do cartel rival morto por Miguel, um terrorista em tempo parcial, e um contrabandista de armas em tempo integral. Tinha sido exatamente o tipo de homem que del Fuego queria cruzar com sua única filha. *Bastardo doente*.

Cade ainda não sabia como sua cobertura havia sido soprada – como del Fuego tinha conhecido o inseto em seu quarto naquela noite. Alguém o tinha traído. Uma vez que Miguel tinha descoberto a verdadeira identidade de Cade e sua posição dentro do DEA, ele teve que se esconder profundo há quase dois anos, até que a maioria dos principais jogadores do cartel haviam sido retirado. Mas del Fuego ainda estava vivo, e Cade sabia que eles não tinham extinguido o cartel completamente.

Não era o seu problema mais. Ele havia escolhido uma nova vida, um novo caminho. O DEA não queria deixá-lo ir, mas não lhes deu uma escolha. Este foi o último



trabalho que ele fez para a agência, embora tecnicamente ele não estivesse trabalhando *para* eles, sendo mais de um consultor do que um real agente e eles não estavam felizes com isso.

Ele esperava que o cartel o caçasse. Sabia que viriam por ele. Mas se o plano de Cade funcionou como ele pensou que iria, então estaria atraindo-os para a direita em sua armadilha e começaria a tirá-los de uma vez por todas. Então entregaria o distintivo de uma vez por todas.

Cade ajudou seus irmãos a levantar o colchão King Size de penas e colocá-lo na armação da cama, e conseguiu ignorar seus olhares silenciosos uns aos outros. Ele tinha ficado bom em ignorar os olhares que sua família deu-lhe, cada vez que eles estavam juntos. Estavam preocupados. Seu tempo encoberto no cartel de del Fuego o tinha mudado, e não havia nada que ele pudesse fazer para trazer de volta seu antigo eu. Não era tão rápido para rir ou brincar como já foi. Havia uma escuridão dentro de si que nunca iria embora. Demasiada exposição ao verdadeiro mal que fez a uma pessoa ao longo do tempo.

"Esta é uma boa jogada para você." Disse Shane, ignorando o olhar de advertência que Cade deu. "Ainda está fazendo o que ama."

Nem mesmo os seus irmãos sabiam que seu trabalho atual era apenas uma outra cobertura, que ele tinha uma suspeita de que Declan estava nisso. Seu irmão parecia saber tudo o que acontecia o tempo todo.

"E agora você tem uma casa e uma vizinha sexy." Shane disse, encolhendo os ombros. "É muito maduro. Você tem trinta e seis anos de idade. É hora de se estabelecer."

"Chega, Shane." Cade resmungou, pensamentos sobre o futuro e as crianças que nunca tinha chegado a compartilhar com Carmen nublaram sua visão. "Eu não quero sossegar em algum retrato da vida perfeita, que você acha que poderia me fazer feliz. Vou fazer a porra do meu trabalho. Eu poderia até ter a porra da minha vizinha. Mas serei amaldiçoado se eu trazer uma mulher e um monte de crianças na miséria que é a minha vida. Você acha que del Fuego ou seus homens vão parar de procurar por mim? Minha família nunca mais seria segura. Eu sou um homem procurado."



"Besteira, Cade." Disse Shane. "Não houve relatórios sobre a atividade novamente no cartel. Você está apenas com medo de viver de novo. Para o último par de anos, não fez nada, além de ser infeliz e todos ao seu redor por causa do que aconteceu com Carmen del Fuego. Eu sei que você a amava. Mas pode muito bem estar morto da maneira que você está vivendo agora. Você está tentando se matar. Acha que nós somos estúpidos demais para saber que está se preparando como isca?"

Shane sempre foi o mais exaltado de seus irmãos, e ele nunca sabia quando calar a boca. Cade podia ver Declan sacudindo a cabeça com o canto do olho e mover-se em posição para chegar entre eles, se as coisas ficassem violentas. E Cade sabia que Declan não puxaria seus golpes se fosse forçado a acabar com uma briga.

Cade havia trabalhado com o irmão do meio em várias operações ao longo dos anos, e Cade ainda não tinha ideia para que ramo do governo Declan trabalhava ou exatamente o que ele fez. Só sabia que seu irmão sempre apareceu quando ele precisava, e não era alguém para mexer.

"É a minha vida, Shane. São minhas lembranças, meus arrependimentos, e é a porra da minha culpa. Vou fazer o que preciso, e vou fazer o trabalho que me foi dado. Mesmo que isso signifique que gaste meu último suspiro vendo o cartel chegar ao fim. Nunca espere nada mais de mim. Não preciso do culto do herói que você me tem quando criança. Eu sei o meu dever."

"Você tenha a certeza como inferno que não é herói de ninguém mais, Cade." Disse Shane. "Acha que isso não quebra o coração da minha mãe toda vez que ela vê no que se tornou? Miguel del Fuego poderia ser o bastardo mais inimaginável para andar sempre na face do planeta, mas mesmo ele tem vida que você não tem. Porque ele tem um propósito. Seu propósito seria matá-lo, mas é um propósito do mesmo jeito. O que diabos você tem?"

"Um irmão que não sabe quando calar a boca."



Shane agarrou sua camisa no chão e empurrou-o, e Cade seguiu para a sala, sentindo o ácido rodar em suas entranhas quando seu irmão agarrou sua mochila e colocou os óculos escuros. Ele queria detê-lo. Para se desculpar. Apenas fazer... alguma coisa. Mas não disse nada.

"Você sabe qual é a coisa de merda, Cade?" Shane perguntou quando se virou para trás, os olhos escondidos por trás de seus óculos. "É como se toda a sua família morreu com Carmen naquele dia. Eu não sei por que diabos todos nós nos incomodamos. Estou saindo em missão amanhã. Estarei de volta no país em seis semanas."

Shane acenou com a mão negligente enquanto caminhava para a porta, e Cade decidiu que seria melhor sair para a cozinha por outra cerveja, em vez de jogar algo contra a parede como queria fazer.

"Você vai sair também?" Cade finalmente perguntou após Declan ter sido silencioso pelo que pareceu uma eternidade.

"Poderia muito bem. Tenho um trabalho chegando."

"Eu não posso ajudar, no que sinto, Declan. E não posso mudar o jeito que sou."

Cade ouviu Declan suspirar, e seu aperto apertado em torno da garrafa na mão na decepção com uma lufada de ar que parecia expressar.

"Isso não é para eu dizer, Cade. E sei que não vai ser um de nós que tem o poder de fazer você se sentir de forma diferente. Talvez seja tempo para apenas abrir sua mente as possibilidades de ter algo mais. Não estou dizendo que você tem..." Disse ele, antes Cade pudesse interromper. "... mas talvez haja uma chance de que você não morreu naquele dia com Carmen, afinal de contas, e há muita vida pela frente. Ela não iria querer que fizesse isso com você."

Cade resmungou e trouxe a cerveja até saciar sua garganta seca. Ele estava tão malditamente cansado. E vazio. E solitário.

"Basta ser grato que Darcy e Grant não estejam aqui para adicionar a sua opinião com Shane."



Uma risada enferrujada retumbou no peito de Cade quando ele pensou em seus dois outros irmãos. Grant tinha acabado de se casar e estava caindo muito bem com sua nova esposa, e sua irmã, Darcy, estava terminando seu mestrado e tentando descobrir o que queria fazer com sua vida, deixando todo mundo louco no mesmo período. Uma das razões pelas quais ele havia se mudado de *Montana* para o *Texas* era porque nunca teve qualquer paz. Alguém na família entre seus pais, irmãos e primos, estava sempre tentando dar-lhe conselhos sobre como obter a sua vida de volta junta.

"Oh, acredite em mim. Eu sou grato."

Declan acenou com a cabeça e pegou o seu próprio saco do armário do corredor. "Você tem uma bela casa aqui, Cade. Ela é velha, e vai precisar de algum cuidado e manutenção, mas tem uma base sólida. Vocês têm muito em comum, eu acho."

"Sabe que eu amo vocês, não é, Declan?" Cade disse, sentindo a necessidade urgente de deixar seu irmão saber. "Eu só preciso de algum tempo."

"Eu sei. Tente ficar longe de problemas. Nós não ouvimos burburinhos do cartel se movendo novamente, mas meu intestino foi agitado desde que você assumiu este trabalho. Eles vão te encontrar, e eu sei que você está esperando, mas a merda acontece. Vou ser poderosamente chateado se você acabar morto."

"Vou fazer o meu melhor."

Declan sorriu, esticando a cicatriz irregular na bochecha direita em uma linha fina e branca. "E não dê a moça bonita ao lado um tempo muito difícil. Ela vai dar-lhe um prazo para o seu dinheiro."

"Nunca em um milhão de anos. Você viu o jeito que ela olhou para mim? Nenhum homem quer esse tipo de dor o tempo todo."

O riso de Declan seguiu para a porta. "Tudo o que você disser. Você sabe como chegar até mim se precisar."

Ele fez uma saudação com dois dedos e saiu pela porta dos fundos em silêncio, por entre as árvores no quintal e até o carro que tinha estacionado cerca de uma milha de



distância. Declan era um bastardo paranoico, e tinha um bom motivo para ser. Ele também tinha instintos misteriosos, e se seu instinto estava produzindo então Cade poderia tudo, além de garantir que o cartel o tinha encontrado. *Perfeito.*



CAPÍTULO DOIS

A culpa comeu Bayleigh quando jogou e virou-se na cama o resto da manhã. Não havia nenhuma maneira que ia voltar a dormir. Não que ela não teve um bom motivo para ser uma cadela naquela hora da manhã. Nenhum juiz em um tribunal a condenaria uma vez que tinha aprendido que não tinha tido seu café. Mas, ainda assim, deveria ter mostrado um pouco mais de moderação, e que não deveria tê-lo deixado ficar sob sua pele. Tinha pago terapia suficiente para superar seus problemas de autoestima. E ele se desculpou, mas parecia malditamente bravo com isso.

O pensamento daqueles olhos escuros maus teve seu corpo aquecendo e os seios doloridos. Ele era perigoso, as cicatrizes em seu corpo rígido a prova da vida que ele levou, mas, apesar da primeira impressão que ele havia roubado a respiração de seu corpo, não tinha ficado com medo. Porque tanto quanto odiava a admiti-lo, havia algo sobre ele que chamou a sua natureza vil. *Instinto animal*. Não havia outra maneira de explicar sua reação a ele.

Inferno, talvez não tivesse a sensação de que Deus deu um nabo, como seus irmãos tantas vezes lembraram. O problema tinha uma tendência a segui-la, mas sabia como lidar com ele. Crescendo como uma pirralha com um coronel do exército aposentado como um pai, um irmão que era um SEAL da Marinha, e outro irmão que trabalhou para a Segurança Interna lhe tinha dado as ferramentas necessárias para se estabelecer por conta própria. Mas o homem ao lado era um problema para o milionésimo grau, e tinha a sensação de que não havia nada em seu arsenal de truques que poderiam protegê-la, se ele já tivesse em sua mente para vir atrás dela.

Deus, estava excitada apenas ali olhando a protuberância sob seu jeans do que quando tinha feito sexo real com Paul ou qualquer um dos seus amantes anteriores. Mas os homens que tinham esse tipo de apelo sexual geralmente vinham com problemas de relacionamento,



e ela não queria lidar com isso. Queria um parceiro. Um homem que pudesse dar a sua amizade, sua dedicação, seu amor e orgasmos.

Talvez ela estivesse sendo muito exigente.

Bayleigh jogou as cobertas para trás e deixou o ventilador que girou em cima resfriar seu corpo superaquecido, e ao desejo de roçar seus dedos pelas pontas sensíveis dos seios e abaixo do algodão fino de seus boxes que a tinham os dentes rangendo de frustração. Maldito homem de qualquer maneira para agitar sua raiva e desejo tudo no mesmo dia. E agora poderia esperar passar o resto do dia, não só esgotada devido à falta de sono, mas excitada também.

Seus pés tocaram o chão e se dirigiu até a cozinha para fazer outro pote de café. Ela ia precisar dele. As cortinas de renda na janela da cozinha não estavam lá por causa da privacidade. Ela precisava ter a luz vindo através de suas janelas o que levou os irmãos loucos, e eles estavam constantemente diminuindo as persianas que haviam instalado cada vez que a visitavam. Mas ela se sentia segura no bairro. Seus vizinhos eram pessoas boas – principalmente idosos e a própria rua era bonita.

Enormes carvalhos alinhados a fileira de casas em estilo chalé. As calçadas estavam rachadas e quebradas com a idade, e luzes negras antigas foram espaçadas uniformemente para baixo de ambos os lados da rua. Ela gostava que os seus vizinhos fossem intrometidos e verificavam sobre ela, e amava que se sentiu confortável o suficiente neste lugar para tomar sopa da Sra. Abernathy duas casas para baixo quando teve pneumonia, ou que tinha uma chave da casa do outro lado da rua, para que pudesse regar as plantas quando o Sr. e a Sra. Spillers foram visitar sua filha no Alasca a cada verão.

Este foi o primeiro lugar que ela tinha sido capaz de chamar de casa toda a sua vida. Seus pais nunca tinham se estabelecido mais de um ano ou dois em um ponto, quando era criança, por causa do trabalho de seu pai no exército. Mas a pergunta que a estava comendo era por que seu vizinho tinha decidido se mudar para cá. Ele não parece o tipo de casa e lar ou bairros tranquilos.



Ela tomou um gole de café e olhou ao lado. O caminhão em movimento tinha ido embora, e uma Harley que se parecia muito com seu proprietário, média e elegante e resistente sentou-se na calçada. Sua casa era um bangalô de 1940 e foi unilateral com telhas de amianto. Janelas de vidros decoravam aa frente da casa e hera cresceu desenfreadamente em cada superfície disponível. Se fosse para venda quando ela estava olhando teria agarrado-a sozinha.

Não houve revestimentos em suas janelas e perguntou o que ele estava fazendo. Se ele ainda tinha sua camisa. Maldição, só queria olhar para ele mais uma vez, só para assegurar-se de que era completamente inadequado. Ela era uma mentirosa.

"Droga." Murmurou em voz alta enquanto o despertador no quarto dela tocava, deixando-a saber que tinha apenas uma hora para chegar à loja.

Ela tinha uma tendência a perder a noção do tempo e os despertadores eram sua maneira de ter certeza que ficou dentro do cronograma. Ou, pelo menos na maior parte do cronograma. Alguns dias eram melhores do que os outros. Correu de volta para o quarto e tomou seu café com ela no banheiro anexo, tomando banho rapidamente.

Até o momento que caminhou de volta para o quarto, uma toalha enganchada em torno de seus seios, ela se resignou a, pelo menos, daria ao homem ao lado um pedido de desculpas por seu comportamento. Pegaria outro olhar nele e apaziguaria a sua consciência ao mesmo tempo.

Sua loja, *Satin and Lace*¹, era uma boutique de lingerie exclusiva no centro comercial ao ar livre a um par de quilômetros da faculdade, e sua clientela tinha certas expectativas quando entraram pelas portas duplas de vidro. Eles esperavam qualidade, às vezes a exclusividade, e sempre esperavam que Bayleigh agisse como se ela não precisasse de seus negócios para sobreviver, o que era completamente ridículo. Foi um jogo, e ela tinha aprendido a jogar bem nos últimos quatro anos. Também confeccionava algumas das peças mais finas oferecidas na loja, e era maldimentamente boa nisso.

¹ Cetim e Seda.



Deixou cair à toalha e vestiu calcinha de renda preta e sutiã combinando que tinha bordado com fios dourados. Às vezes, o melhor privilégio de possuir uma loja como a dela era ser capaz de provar a mercadoria. Meias coxa alta seguiram e ela acompanhou-as de forma segura para a cinta-liga correspondente. Estabeleceu uma saia lápis preto que fez suas pernas parecerem um quilômetro longas e uma camisa de comprimento três quarto azul sexy que teve V suficiente para mostrar uma quantia tentadora de clivagem. Era parte de seu trabalho se vestir caro, assim como era parte de seu trabalho oferecer aos seus clientes champanhe e aperitivos, e ter flores frescas entregues à loja.

Bayleigh mudou-se para a janela da sacada no quarto dela e olhou através das cortinas de renda transparente. Ela sabia que ninguém poderia vê-la. As árvores sombreavam este lado da sua casa, assim que sua janela estava lançada na escuridão. Sua janela dava no convés do novo vizinho e parte da janela do quarto principal, mas ele não estava à vista.

Ela estava atraída por ele. E dane-se se poderia explicá-lo.



Cade soltou uma respiração lenta quando sua vizinha se afastou da janela. Ele quase não tinha saído do caminho no tempo, mas a visão da bunda dela naquela calcinha mal lá e cinta-liga tinha suor escorrendo sua coluna e sua mandíbula apertada com o desejo. Que tipo de jogo que ela estava jogando? Nenhuma mulher se vestia desse jeito a menos que tivesse



sedução sobre a mente, e uma mulher não iria andar na frente de suas janelas a menos que quisesse que alguém notasse. Desde que ele era o único lá no momento, ele teve que assumir que era o seu alvo.

Seu pênis estava inchado a proporções dolorosas por trás do zíper de sua calça jeans, então ele desabotoou e abriu o zíper com cuidado, liberando sua ereção pesada em sua mão. Ele não tinha estado tão duro nos meses, tão duro que seu próprio toque era quase insuportável, porque estava muito sensível.

Suas bolas foram elaboradas apertadas e podia ver a si mesmo que rasgando a lingerie frágil de seu corpo e dobrando-a sobre a pequena mesa de vestir que ela estava atualmente sentada, com o punho enrolado em torno do comprimento de espessura de seu cabelo enquanto empurrou dentro dela.

Ele acariciou do eixo a ponta, espalhando as gotas de líquido pré-seminal sobre a cabeça inchada de seu pênis. Suas costas se curvaram e suor escorria livremente pelo pescoço e no peito enquanto trabalhava seu pênis para cima e para baixo, girando a mão ao redor da cabeça, e em seguida, repetindo os movimentos novamente mais lentos para que não gozasse cedo demais. A ideia de quão quente e apertada que ela seria presa em torno dele fez seus joelhos fracos, e apoiou a mão contra a vidraça para o equilíbrio.

"Tem misericórdia, querida." Ele gemeu quando ela se abaixou para pegar a escova de cabelo que caiu no chão.

As imagens em sua mente deslocaram até que a viu de joelhos diante dele, sua boca devorando-o e levando-o a língua selvagem enquanto seu pau batia no fundo da garganta. O pensamento era muito e as bolas dele apertaram mais perto de seu corpo e seu pau parecia inchar em sua mão, enquanto ele bombeava mais e mais rápido. Músculos tensos e seu coração batia quando sêmen jorrou em correntes grossas contra o vidro. Seus pulmões apreenderam e a necessidade de oxigênio não parecia ser tão importante quanto deveria. A força de seu orgasmo o pegou de surpresa. Tinha sido claramente muito tempo desde que teve uma mulher.



Merda. Ela estava indo para complicar sua vida, porque não havia nenhuma maneira no inferno que estava indo para ser capaz de ficar longe dela. Ele a levaria até que queimassem uns aos outros. E foi positivo que as faíscas que havia entre eles acabaria por morrer. A vida que levava era muito perigosa para um relacionamento sério. E estava muito danificado. Enquanto ela entendesse sua posição desde o início, eles poderiam se concentrar e trazer prazer um ao outro em vez de serem amarrados pelas emoções.

Ele também teria que se preocupar em mantê-la a salvo. Não levaria muito tempo para o cartel saber que Cade estava interessado em Bayleigh, e começando um caso era a melhor maneira de mantê-la perto. Se pudesse convencê-la a ficar em sua casa, seria ainda melhor.

Cade sabia que o filho de Miguel, Carlos, seria o título da ressurreição do cartel, e ele seria o único à procura de vingança contra Cade. Havia vestígios de *Coelho*, os cientistas da droga mortal que Miguel tinha desenvolvido, encontrados em diferentes estados nos últimos anos. As ocorrências não eram frequentes e até agora foram contidos para os estados do sul, mas eles ainda estavam lá. Não, já era tarde demais para cortar os laços completamente e deixá-la fora desta operação. A melhor coisa a fazer seria desenhá-la dentro. Para sua própria segurança. E para sua satisfação.

Com essa decisão tomada, ele conseguiu sua respiração sob controle e limpou a bagunça que havia feito antes de bater o chuveiro. Ele não começaria oficialmente no trabalho até o dia seguinte, mas queria ir e falar com seu Capitão, conseguir uma sensação para a estação. Detetives não trabalhavam com parceiros, e ele era grato por isso. Uma pessoa a menos para arrastar para baixo com ele, se as coisas corresse para merda.

Cade vestiu casualmente em um par de jeans e uma camisa branca, jogando sua velha jaqueta de couro por cima do ombro enquanto pegava as chaves de sua moto. Caixas espalhadas pelo caminho até a porta da frente, mas dane-se se ele poderia encontrar a motivação para começar a descompactá-las. Poderia esperar mais um dia ou cinco. Não é como se ele fosse ficar aqui por um tempo.



A porta da frente trancou atrás dele e seus olhos foram imediatamente ao lado. Ele sentiu-a antes que a viu de pé ali, o leve aroma de baunilha nublando seu cérebro, fazendo-o com fome por ela. Não havia nenhuma maneira que poderia deixá-la sozinha, agora que tinha lhe dado uma prévia dessa calcinha 'foda-me', mas a cautela estava lá em seu intestino, o conhecimento que ele inadvertidamente a atirou em algo que ela não tinha tido uma escolha sobre. Ele era um filho da puta, com certeza, trazendo-a mais perto, quando deveria ter estado ao telefone com seus irmãos, pedindo-lhes para levá-la e mantê-la segura até o cartel ser derrubado. Mas ele não tinha, então foi até ele para mantê-la segura.

O corpo de Cade pulsava, escuro e duro com o desejo de seus olhos correndo sobre os pés delicados em stiletos de dez centímetros e vagou ao longo das impossivelmente longas pernas. Ele quase engoliu a língua na forma como a saia preta abraçou suas curvas e a carne macia de suas coxas. Seu olhar permanecia em seus seios fartos, lembrando a delicadas rendas que os tocavam tão intimamente. Seus mamilos estavam duros e praticamente implorando por sua atenção, e ele podia ver o pulso batendo rapidamente em sua garganta e o rubor lento do desejo trabalhar o seu caminho até o peito. Ela foi afetada por ele, e não queria nada mais do que cair de joelhos na frente dela e ver como ela estava pronta para ele.

"Você terminou de olhar?" Ela perguntou, a sobrancelha arqueada em aborrecimento.

"E você?" Ele respondeu, voltando seu olhar. "Eu não iria combatê-lo se fosse você."

"Combater o que?"

"A atração."

A risada que ela bufou tinha os lábios curvando.

"Meu Deus, você não tem um ego saudável?"

"Eu sou saudável por toda parte. Eu mesmo tive meus tiros."

Seu olhar se desviou para a dura-excitação atrás de seu zíper, e ele não queria nada mais do que tocá-la, quando viu a necessidade queimar em seus olhos. Ele jogou sua jaqueta sobre o assento de sua moto e atravessou a pequena faixa de grama que dividiu suas propriedades.



"Você gasta muito tempo espionando seus vizinhos através de sua janela da cozinha?" Ele perguntou, trazendo de volta o brilho em seus olhos que tinha escurecido mais cedo naquela manhã. Deus, ela era bonita quando era louca.

Suas bochechas aqueceram e seus olhos brilhavam como safiras brilhantes. "Minha janela da cozinha tem vista para toda a vizinhança, e eu não espiono os meus vizinhos. Eu ia pedir desculpas pelo meu comportamento nesta manhã, mas parece que a minha primeira impressão de você foi precisa. Então você, quem seja, pode voltar para sua caverna, onde eu tenho certeza que come filhotes para almoço e sorteia filhos em buracos profundos. Idiota."

"Você quis dizer tudo isso em voz alta? Parece ser o tipo de mulher que foi criada com maneiras melhores do que isso."

"Não conte com isso."

Seus olhos se estreitaram e seu corpo praticamente estalou com raiva. Seus punhos foram agrupados em seus lados e ele se perguntou se ela estava indo para tentar acertá-lo. Ela tinha um inferno de um temperamento, e dane-se se isso não o excitou.

"Meu nome é Cade. Cade MacKenzie."

"Quem se importa? Tanto quanto eu estou preocupada, você deve ser chamado de Lúcifer. Você tem as maneiras de um troll."

"E você tem um inferno de um temperamento. Talvez devesse tentar aulas de controle de raiva."

O pequeno rosnado que ela soltou o fez querer empurrá-la contra no seu Land Rover e caminhar essa pequena saia em torno de sua cintura. Sabia que ela estaria molhada para ele.

"Eu só tenho um temperamento quando estou diante de ovos podres antes do amanhecer. Um corte de cabelo e um emprego, e pare de implicar com pessoas inocentes. Este é um bairro agradável. Não vamos tolerar atividade criminosa por aqui."

"O que o comprimento do meu cabelo tem a ver com alguma coisa? Você está em remédio?"



Ela deu um passo mais perto e colocou o dedo no peito, e ele sentiu seu pênis inchar em proporções impossíveis sob seus jeans. Maldição, ela o excitava. Se tivesse metade dessa quantidade de energia na cama que iria usá-lo em algum momento.

"Fique fora do meu caminho, MacKenzie, ou da próxima vez que eu o vir você não terá chaves, que estou jogando na sua cabeça."

Cade segurou a mão que estava batendo em seu peito e a puxou para mais perto, até que seus corpos alinhassem e ela pudesse sentir a dureza de seu pênis contra sua barriga. Seus olhos se arregalaram e suas pupilas dilataram tão somente um fino anel de azul podia ser visto. Ela lambeu os lábios nervosamente, deixando um brilho lustroso contra o batom dela, tentando-o como nenhuma mulher havia tentado antes.

"Você não quer me ameaçar, querida." Disse ele, inclinando-se, dando-lhe tempo de sobra para se afastar de seu alcance.

Ele respirou o perfume de sua excitação enquanto seus lábios provocaram a pele sensível ao longo de sua mandíbula. Ela gemeu baixinho enquanto sua língua brincava com sua carne. Suas mãos esfregando em círculos lentos em suas costas.

"Por que não?" Disse ela com um suspiro.

"Porque eu odeio ter que prendê-la." Ele sussurrou as palavras contra seus lábios e bebeu no tremor que seu corpo destroçado. "Mmm, você gosta da ideia de algemas?"

"Perverso."

"Não tem ideia do que eu quero fazer com você. Gostaria de tê-la amarrada à minha cama, completamente à minha mercê."

Ele tomou sua boca rapidamente, antes que ela tivesse a chance de começar a pensar, e percebeu logo que seus lábios se tocaram, que ele tinha acabado de fazer o maior erro de sua vida. Sua boca era cada fantasia, cada sonho que ele já teve. Macia e sedosa e exigente. Sua língua se enroscou com a dela, bebendo em seus suspiros enquanto seus dedos apertaram a bunda dela, puxando-a acima e para a frente até que ele podia sentir o calor de sua vagina através das camadas de roupas que usavam.



Quando ele sentiu empurrando seu peito, deixou cair às mãos e deu um passo para trás. E depois mais um. Estava pensando em alugar outro caminhão e transportar todas as caixas para o outro lado da cidade.

Merda, pensou. Quando foi a última vez que uma mulher tinha ficado debaixo de sua pele tão completamente? Nem mesmo Carmen o tinha feito perder o controle assim, e apenas ter o pensamento era como ser mergulhado em água fria. Culpa o comeu, como se ele estivesse sendo infiel a sua memória. Pânico arranhou-o quando seu rosto borrou em sua mente, apenas para ser substituído pela mulher que estava na frente dele.

"Nós não podemos fazer isso de novo." Bayleigh disse, sua voz tremendo de desejo.

Ele apenas estava prestes a dizer a mesma coisa, mas ouvi-lo sair de sua boca deixou um gosto amargo na boca. Seus olhos se estreitaram e ele deslizou um dedo sobre os lábios inchados, sorrindo em triunfo quando sua respiração falhou e o pulso em seu pescoço vibrou. Ele nunca tinha sido capaz de recusar um desafio direto.

"Você quer apostar dinheiro nisso?"

"Eu não aposto." Seus punhos foram para os quadris, e ele jurou que era um segundo longe de pisar no pé. "E nunca mais minta para mim. Se você não quer me dizer o que faz para ganhar a vida, é só dizer. Eu não suporto mentirosos. Lidei com suficiente disso com meu ex-noivo."

"Ele era obviamente um idiota." Disse ele, movendo-se em sua direção novamente, incapaz de ajudar a si mesmo. "Se eu fosse o tipo de homem que acreditava em se estabelecer por um longo tempo e tivesse você na minha cama, é melhor você acreditar que nunca iria deixá-la ir."

Seus dedos deslizaram ao longo da linha delicada de sua clavícula, e ele notou as manchas prateadas em seus olhos azuis, enquanto as observava escurecer com a excitação em seu toque.

"Tenho certeza de que Paul pensava inicialmente isso também." Disse amargamente, empurrando a mão dele e dando um passo para trás. "E então ele me deitou na cama e



descobriu que não fiz jus à sua expectativa. Aparentemente, os homens acham chato quando você não coloca qualquer esforço para atingir seu próprio orgasmo. E se eu não o satisfaço no quarto, você pode garantir que não satisfarei em todos os outros aspectos também."

As sobrancelhas de Cade subiram em choque com o que ela estava dizendo. Não havia nenhuma maneira no inferno que essa mulher não seria sensível ao toque dele na cama. Ela praticamente queimou em seus braços há cinco minutos.

"Bebê, se você não está obtendo isso fora, com certeza não é culpa sua. A culpa é inequivocamente sobre os ombros do imbecil que não se preocupou em tomar o tempo para encontrar seus botões quentes. Porque acredite em mim, quando eu conseguir você na cama vou explorar cada centímetro de seu corpo, até que esteja disparando como um foguete."

Ela revirou os olhos e apertou o botão em seu chaveiro para abrir a porta de seu Land Rover.

"Tenho certeza de que você é brilhante na cama, MacKenzie. Mas por que não pratica seus movimentos suaves em alguém que se importa? Eu não tenho tempo nem paciência para você."

Ele riu alto, e o som o pegou de surpresa. Quando foi a última vez que teve alguma coisa para rir?

"Eu estou ansioso para beijá-la novamente, Bayleigh Scott." Disse ele, voltando para sua motocicleta. "Apesar de eu ter a sensação de que vamos ambos estar nus e aquecendo os lençóis quando chegar à próxima vez. E vou ter certeza de trazer as algemas."

Ele a deixou ali com a boca entreaberta, os lábios inchados e o menor rubor contra seu pescoço, onde sua barba tinha esfregado. Cade ligou o Harley à vida e correu para fora do bairro, sentindo-se mais contente do que tinha em um longo tempo.

Inferno, ele pode realmente desfrutar do Texas depois de tudo.



CAPÍTULO TRÊS

"Estúpido, insuportável-homem." Bayleigh murmurou enquanto manobrava seu Land Rover no trânsito com a perícia de um piloto de Indy e um vocabulário que faria o pai Coronel corar.

"Ele acha que pode apenas vir e me beijar como se me possuísse e, em seguida, mentir na minha cara. Policial, minha bunda."

O pensamento de que o homem mantém a lei era quase risível. Nenhum dos policiais que ela já conheceu parecia com Cade MacKenzie. Não, havia algo sobre Cade que lembrou um pouco de seus irmãos. Ele tinha camadas, era perigoso, e tinha segredos. Sem mencionar que ele beijava como um deus. Infelizmente, aqueles pareciam ser todos os traços que achava atraente em um homem.

Não é à toa que ela tinha sido um bloco de gelo com seu ex-noivo e os dois relacionamentos sérios que teve antes. Seus beijos certamente nunca tinham feito cada nervo em seu corpo a pressionar em atenção, e eles com certeza não tinham feito quase gozar apenas pressionando contra ela intimamente.

O fato de que ela queria Cade MacKenzie para beijá-la novamente era um ponto discutível, e sua ameaça de fazê-la nua e suada não estava fazendo muito para ajudar a sua imaginação hiperativa. Seus irmãos teriam um ataque se ela trouxesse para casa alguém como Cade MacKenzie. Eles tentariam matá-lo, e ela disse tentariam, porque não tinha certeza de quão bem eles se sustentariam contra Cade. O homem tinha músculos.

Seu telefone celular soou de sua bolsa quando estacionou no espaço atrás de sua loja, e ela cavou ao redor, fazendo uma careta quando viu quem a estava chamando. Fale do diabo. É como se os irmãos tivessem um sexto sentido quando ela estava prestes a entrar em apuros.



"Eu não tenho tempo para você hoje, Brady. Estou prestes a abrir a loja."

"Você não tem tempo para o seu irmão favorito?" Perguntou ele. "Estou devastado."

"Você não é o meu favorito. Brant é desde que ele fixou o encanamento no meu banheiro de hóspedes. Você está no país?"

"Batido para fora por causa de um vaso sanitário quebrado. A história da minha vida. E, sim, mas estou enviando esta tarde. Só queria ligar e deixá-la saber. Como estão as coisas na sua garganta das madeiras?"

Ela suspirou e tentou não se preocupar com seu irmão. Ele desapareceria semanas em um momento, e nunca ouviria nada dele até que estivesse são e salvo de volta para casa. Ou voltar para casa e esperar que suas feridas curassem antes que pudesse voltar com sua equipe. Ter um SEAL da Marinha como um irmão era nervo que arruinava.

"As coisas estão... interessantes." Disse ela, pensando em Cade. Não estava prestes a explicar que o seu novo vizinho a tinha deixado em um estado de excitação que estava beirando a dor. "Praticamente o mesmo que sempre foi."

Ele ficou em silêncio por alguns segundos. "O que está acontecendo, Bayleigh? E nem sequer pense em mentir para mim. Você sabe que eu posso saber se eu começar a cavar."

"Por que você acha que algo está acontecendo?" Ela perguntou, sua irritação óbvia.

"Porque você não pode mentir merda nenhuma, e quando está pensando em fazer algo que não deve, você muda a inflexão da sua voz um pouco."

"Eu não!" Não é à toa que ela nunca tinha conseguido escapar com qualquer coisa na medida em que sua família estava preocupada.

"Bayleigh." Ele rosnou. "Você está vendo alguém novo? Você só tem segredo, quando não quer que a gente execute verificações de antecedentes sobre os homens que está namorando."

"Eu não posso imaginar o porquê. Você e Brant assustaram o inferno fora de Jeremy Franklin. Ele acabou por se mudar para Maine."



Claro, ela estava no segundo ano da faculdade e, em seguida, Jeremy tinha sido uns bons oito anos mais velho, então ele deveria ter conhecido melhor. Jeremy tinha pensado que ela deveria colocar para fora após seu sexto dia, e que ele poderia ter ficado um pouco áspero quando discordou, mas ela tinha tomado conta do problema com o joelho até a virilha e um sólido gancho direito em seus dentes brancos e brilhantes. Ela sabia como se proteger. E tinha havido nenhuma razão para que os irmãos o houvessem detido no aeroporto na volta de uma viagem de negócios e levado para uma sala de interrogatório militar. Jeremy mal tinha sido capaz de formar uma frase coerente quando ele a seguiu para pedir desculpas.

"Sorte que o bastardo não terminou se mudando para o cemitério. E depois de todos os perdedores que você conseguiu encontrar, realmente pode nos culpar por tê-los verificado? Você tem mau gosto em homens. Dê-me o nome do cara."

"Eu não estou namorando ninguém no momento."

"Você está pensando sobre isso. Derrama-o, Bayleigh."

"Você não é um maldito leitor de mente ou a minha consciência, Brady Scott. Se eu quiser pensar em namorar alguém, então não é da sua conta."

"Se você não me contar, vou ligar para o meu pai. E vou chamar Brant também. Você sabe que eles não vão deixar você em paz."

Bayleigh cerrou os dentes e fez uma careta para o telefone, condenando todos os homens intrometidos em sua família para o inferno. Se ela não os amasse tanto, repudiaria cada um deles. Mas sabia que Brady faria exatamente como tinha ameaçado, e então ela realmente estava em apuros.

"Você é um pé no saco." Disse ela, suspirando.

"Mas você me ama mesmo assim. Qual o nome dele?"

"Ele é meu novo vizinho, e eu ainda não decidi se gosto dele ou não, por isso não há necessidade de se preocupar. Ele é um tipo de dor na bunda, também. Talvez eu deva apresentá-lo."



"Seu nome, Bayleigh." Disse ele, com paciência infinita. "Vou ter tempo para executar a verificação de antecedentes antes de se enviado para fora."

"Tudo bem. Faça a sua verificação de antecedentes estúpida. Seu nome é Cade MacKenzie."

O silêncio do outro lado da linha era tão cheio que ela pensou que tinha perdido sua conexão. "Brady? Você está aí?"

"Filho da puta." Rosnou Brady. "Cara alto, cabelo preto longo, um par de tatuagens?"

"Sim, não pode ser possível que o conheça. O mundo não é tão pequeno."

"Oh, eu o conheço. Seu irmão é um dos meus melhores amigos. Mas Jesus, Bayleigh, você com certeza sabe como furar o pescoço no meio das coisas. Cade MacKenzie não é ninguém para mexer. Meu conselho é fique o mais longe possível dele. Você não quer ser arrastada para negócios da agência. Sem mencionar os rumores que ouvi sobre a vida sexual do homem. Você não tem nenhuma experiência com homens como MacKenzie. E não, eu não vou te dizer os detalhes." Disse ele antes que ela pudesse abrir a boca para perguntar.

"Ele já tem uma amante morta em sua consciência. Eu odiaria que ele a adicionasse nisso."

"O quê? Os negócios de agência? Que amante morta?" Bayleigh deitou a cabeça contra o volante quando sua imaginação corria solta. Quem diabos tinha se mudado ao lado dela? Rambo?

"Ele é ex-DEA." Disse Brady. "Mas o que ele está fazendo agora, não duvido por um segundo que ainda não está envolvido na agência de alguma forma. A palavra na rua é que ele renunciou oficialmente, mas não acho que isso seja verdade. Ele está trabalhando em um caso. Certifique-se de que ele não a arraste no meio dele."

"E a amante morta? Será que ele a matou?" Ela disse, perguntando-se se realmente tinha o pior julgamento de sempre, quando se tratava de homens.

"Não, claro que não." Disse Brady com choque o suficiente em sua voz pelo que soube que ele estava dizendo a verdade. "Ele nunca machucaria uma mulher. Mas situações que ele



coloca a si mesmo, põe em perigo a vida de qualquer pessoa ligada a ele. Eu realmente gosto do cara, mas dane-se se quero que ele fareje por minha irmãzinha. O homem é o inferno para as mulheres."

"Vou lembrar mais uma vez que esta é a minha vida. Talvez eu seja a única a fazer o farejar. Sou uma menina grande, Brady. E se você bisbilhotar, ou papai e Brant, vou deixar escapar o que estava fazendo com a Sra. Haverston no seu último ano do ensino médio."

"Fedelha." Disse ele carinhosamente. "Vou manter Cade MacKenzie para mim. Por enquanto. Mas se você entrar em apuros eu quero saber. Um de nós vai estar lá para ajudá-la."

"Vou ficar bem." Ela prometeu.

"Escute, tenho que ir. Minha carona está aqui. Cuide de seus seis², irmãzinha."

"Só se você prometer cuidar do seu."

"Eu sempre faço."

Ela não sabia quanto tempo se sentou no carro depois que Brady desligou, as mãos mole no colo. Assim, sua primeira impressão de seu vizinho era precisa. Cade MacKenzie era um homem perigoso que traria nada além de problemas. Infelizmente, apesar dos avisos de seu irmão, ela não queria nada mais do que beijá-lo novamente. Era como dizer que chocolate traria gordura. Isso não o torna menos tentador.

Bayleigh pegou sua bolsa e abriu a porta de volta para sua loja, acendendo as luzes e colocando em um pote de café. Bateram na porta, e ela destrancou tempo suficiente para receber a entrega de *Danishes* e frutas frescas para seus clientes matinais. Ela mantinha uma conta com a padaria apenas algumas lojas para baixo, assim como mantinha uma conta na florista do outro lado da praça. Mulheres que passaram tanto dinheiro quanto fizeram em sua loja esperavam todo o conforto, e ela estava mais do que feliz em dar-lhes.

² Em termos militares, seis refere-se ao Comandante de um determinado grupo, uma vez que o comando está normalmente "na parte de trás" ou na posição 6 horas em comparação com os outros membros do grupo. Ou pode significar atrás de você (a sua 6 horas). Em linguagem popular, cuide de seu traseiro.



Entre seu novo vizinho e a chamada de seu irmão, estava correndo mais do que um pouco atrasada, e rapidamente estabeleceu seus esboços nos livros e as amostras de tecido que pensou que sua primeira cliente poderia gostar na sala de conferência. Becca Whitson sabia exatamente o que estava procurando e tinha gostos muito tradicionais.

O sino da porta soou exatamente às 10h30min.

"Becca." Bayleigh gritou em saudação, tomando as mãos da jovem noiva nas suas calorosamente. "É tão bom ver você de novo. Vamos voltar para a sala de conferência. Tenho tudo configurado para você lá."

O sorriso de Becca foi brilhante o suficiente para iluminar a sala e Bayleigh lembrou por que ela gostou muito da garota a primeira vez que chegou à loja. Becca tinha apenas vinte e um anos e tinha acabado de se formar na faculdade no final do verão. Ela veio de uma família rica e era classicamente cabelo dourado bonito longo, olhos verdes brilhantes e um senso inato de estilo que os de sua classe pareciam ter nascido e estava determinada a se casar com seu noivo antes do fim do ano. Isso significava que Bayleigh teria um monte de trabalho a fazer se Becca escolhesse peças exclusivas, feitas à mão.

"Estou muito animada para ver o que você tem para mim." Becca praticamente jorrou. "Eu quero bater as meias de Chris fora na lua de mel."

"Você definitivamente vai fazer isso com o que tenho em mente."

Pela primeira vez desde que Cade MacKenzie tinha perturbado seu sono, Bayleigh foi capaz de manter-se distraída com o trabalho. Mas quando deslizou as rendas caras, cetins e sedas por entre os dedos, não podia ajudar, além de perguntar se ele era um homem que gostava de sua mulher vestindo algo tão descaradamente carnal.



CAPÍTULO QUATRO

"Capitão Kelly." Cade disse, apertando a mão que seu superior lhe estendia. "Eu pensei em entrar um dia mais cedo, só para checar as coisas."

Mick Kelly era um veterano da força há 25 anos e não aturava qualquer merda. Ele mal chegou até os ombros de Cade, a calça cáqui ensacada em cima dele, tinha uma mancha de café na frente de sua camisa, e seu cabelo vermelho estava manchado através de cinza metálico, mas Cade tinha feito sua pesquisa, e Mick Kelly tinha sido um malditamente bom detetive nos seus dias. Agora, ele foi fodidamente bom em ser o chefe, e este trabalho não seria fácil para encostar-se a ele.

"Eu estava prestes a chamá-lo, MacKenzie. Venha ao meu escritório por alguns minutos."

Cade arqueou uma sobrancelha ante a ordem, considerando que ele não era nem oficial para mais vinte e quatro horas, mas seguiu atrás dele. Escritório do Capitão Kelly era um grande cubo de vidro no meio do recinto, e teceu seu caminho através de secretárias metálicas casuais cheias de papelada e vazia de copos de café de isopor antes que Kelly inaugurou-o dentro do espaço apertado.

O chão era de carpete industrial e uma planta morta sentou-se no canto, mas Cade se sentiu em casa. Policiais e agentes de todos os tipos eram inerentemente os mesmos, o trabalho sempre veio acima do conforto, e ele percebeu que tinha perdido o emblema mais do que ele imaginava. As últimas semanas fora o tinham deixado inquieto. Tomou a cadeira em frente à mesa de Kelly quando seu Capitão sentou-se na cadeira de couro cheia de cicatrizes por trás dela.

"Eu quero que você dê uma olhada nisso. Homicídio me enviou as fotos esta manhã, embora o assassinato acontecesse há três noites passadas. Após a investigação parar, eles



decidiram que seria mais para nossa pista. E depois de ler os relatórios, eu tendo a concordar."

Kelly empurrou o arquivo na frente dele, mas manteve os dedos sobre ele até que Cade olhou para ele em questão.

"Eu quero que você saiba que o DEA me enviou o arquivo." Disse ele, fazendo uma volta de 180 na conversa, que Cade se perguntou o que diabos estava acontecendo.

"O DEA parece pensar que você é apenas a título de empréstimo para mim por um tempo. Eles estão esperando que você venha rastejando de volta quando se cansar de estar confinado a um espaço por muito tempo."

Kelly arqueou uma sobrancelha magra em expectativa e Cade teve que lutar de volta o sorriso. A única maneira que ele tinha convencido o DEA para libertá-lo foi o de prometer-lhes que estaria disponível para o trabalho de consultoria ocasional se precisassem dele. Ele não tinha planos de pertencer a ninguém após esta missão acabar, mas o Capitão Kelly era susceptível de receber mais do que ele esperava na contratação de Cade, porque tinha uma sensação de que o DEA não ia deixá-lo ir com facilidade.

"Sim, filho, esse arquivo foi malditamente interessante." Continuou o Capitão. "Embora houvesse uma grande quantidade de informações em falta. Qualquer coisa que precisa me dizer? Como por que o DEA é de repente o meu novo melhor amigo?"

Cade encontrou seu olhar de maneira uniforme, dando nenhum de seus pensamentos. O DEA poderia jogar jogos, se quisessem. Ele foi retirado da agência, e tudo o que importava era o trabalho que deveria fazer aqui. Seu pescoço tinha estado coçando e seu instinto produzindo desde que tinha cruzado o Texas. E Capitão Kelly não era bobo, embora Cade soubesse que ele ia mentir ao homem se tivesse que fazer.

"Você é um filho da puta duro, MacKenzie. Seus superiores dizem que você era um agente que sempre teve o trabalho feito, não importa o que tomou. Eu estou te dando um inferno de muito mais liberdade do que os outros policiais sob meu relógio, mas vou ser



fortemente chateado se você voltar ao DEA após isso acabar. Eu gostaria de ter um homem com a sua experiência na força permanentemente. Estamos entendidos?"

Cade concordou com a cabeça bruscamente, e Kelly relaxou em seu assento.

"Diga-me o que você vê no relatório de homicídio."

Cade puxou o arquivo para o seu colo e abriu-o, sua expressão nunca mudou nas fotos horríveis que estavam no topo. A garota era jovem, não mais do que dezoito ou vinte anos, e seus olhos abertos e olhando em branco-morte uma surpresa em suas feições frágeis. Maquiagem estava manchada sob os olhos e nos lábios, e Cade tomou nas picadas e escoriações em seu corpo nu.

A seringa que ficou fora da veia em seu braço poderia muito bem ter dito 'foda-se' a qualquer oficial que chegou pela primeira vez na cena. Não poderia ter sido mais óbvio que a menina foi assassinada. Ele leu os relatórios do detetive da homicídios e do médico examinador, mas já sabia o que ia encontrar. Tinha visto isso antes. Este foi um assassinato do cartel, e o pequeno corte na parte interna da coxa dela significava que ela foi a primeira vítima que tinham reivindicado.

A vítima, o nome dela era Katie Ross, tinha deixado um dos bares universitários mais agradáveis com um grupo de homens sob a sua própria vontade. A alimentação da câmera do bar havia mostrado provas contundentes, mas nem dez minutos antes que ela saiu, estava sentada tranquilamente em uma mesa de canto com alguns amigos. Ela não tinha dançado com ninguém, e só teve uma cerveja. Mas toda a sua personalidade mudou depois que ela voltou de uma viagem ao banheiro feminino. E o vídeo mostrou qualquer número de homens que passaram por ela que poderia ter dizimado a droga através de sua pele.

"Precisamos olhar de volta, as fitas de vigilância e ver se havia alguém usando luvas no interior do bar." Cade disse distraidamente. "Mesmo uma pequena quantidade na pele podem afetar quem está administrando isso. Mas se eles usavam luvas cirúrgicas pode ser difícil de ver na baixa iluminação."



Após sua viagem para o banheiro, a menina bateu a pista de dança e não abrandou. Ela tinha conseguido muita atenção dos homens, uma menina muito tentadora a cada homem na sala, obviamente, à espreita. Até os seguranças tinha notado. Ela tinha saído com seis caras, a completa confusão de seus amigos, mesmo que tentassem detê-la. Uma das amigas de Katie tentou puxá-la em seu carro para levá-la longe dos homens, mas Katie tinha empurrado sua amiga no chão e continuado com os homens que a tinham drogado. Isso tinha sido tarde demais para ela nesse momento. Com o medicamento no sistema, todo o pensamento lógico deixou de existir. A única coisa que importava era a liberação sexual.

Um dos caras com quem ela tinha deixado tinha que ser a pessoa que tinha lhe dado a droga, mas todos os seus rostos tinham sido evitados das câmeras e que tinham sido irreconhecíveis, o que significava que tinham conhecimento do local das câmaras antes que pisaram dentro do bar. As câmeras do estacionamento não ajudaram, quanto a van que os homens e a menina tinha empilhado dentro tinha placas falsas e foram tão insignificante como você pode obter. Eles haviam planejado toda a operação muito bem. Era liso do começo ao fim.

A menina foi levada para um motel pago pela hora a menos de um quilômetro do bar, e o médico legista encontrou ejaculação de mais de uma dúzia de homens. Os outros provavelmente já estavam esperando na sala. Ela foi estuprada e sodomizada repetidamente, e a menina não tinha sido usada levianamente. Mas não havia sinais de luta. Essa foi à coisa terrível sobre *Coelho*. Eles nunca encontrariam sinais de luta, mesmo que a vítima soubesse o que estava acontecendo com ela e não fosse sua escolha.

A droga tinha sido descrita por uma das vítimas que eles resgataram em Miami como flutuando fora do seu corpo, observando-se fazer coisas que você sabia que nunca iria fazer, e gritando em silêncio até que pensou que sua cabeça iria explodir a partir da pressão. Era como estar preso em uma camisa de força mental, enquanto seu corpo ficou em um 'livre para tudo' sem você. Eram os sinais de falta de luta que tornaram mais difíceis para aqueles que investigavam o caso, porque foi feito para parecer como se fosse consensual. A não ser



que estivessem familiarizados com a droga e que ele fez, e a maioria dos policiais locais nem sequer tinham conhecimento que existia.

"Jesus." Cade disse, enojado tanto quanto ele tinha estado à primeira vez que tinha visto o que a droga poderia fazer.

"Esta é uma terrível merda, MacKenzie. Eu não tinha ideia do que era até que seu chefe me informou."

Cade apenas grunhiu e continuou lendo. Quando os homens tinham terminado com a garota que lhe dera uma injeção da droga, garantindo sua morte. Os cientistas de Miguel del Fuego ainda não tinham sido capazes de estabilizar a droga, por isso não tem essa alta taxa de letalidade quando tomadas internamente. Era algo que sabia que eles ainda estavam trabalhando na Colômbia. Infelizmente, após a verdadeira identidade de Cade haver sido descoberta, Carlos del Fuego teve o composto bombardeado e eles mudaram a sua sede. O DEA ainda não sabia a localização dos cientistas de del Fuego.

"O ME diz que encontrou traços de um estimulante não identificado em sua corrente sanguínea." Kelly disse uma vez que Cade fechou o arquivo. "Além disso, altos traços de progesterona e testosterona, e algo que o ME não conseguiu identificar. Uma planta de algum tipo."

"É a raiz Yatamala." Disse Cade. "É indígena da América Central, mais especificamente na Colômbia."

Cade jogou o arquivo de volta na mesa com nojo. Raiva, quente e viciosa, atravessou seu corpo. Ele não queria nada mais do que encontrar os cientistas e destruir cada um deles, uma bala no cérebro era muito fácil para uma morte. Mas não estava com o DEA mais, então alguém teria que matar os cientistas. Seu trabalho era aqui e o cartel que lhe seguia. Fez-se sentar na cadeira e encontrar os olhos de Kelly. Ele sempre teve uma enorme quantidade de autocontrole.

"Eles chamam isso de *Coelho* na rua." Explicou o Cade. "A última vez que ouvi, houve apenas um outro caso documentado do medicamento a ser utilizado no estado do Texas. A



maior parte é concentrada na área de Miami, bem como ao longo da Costa do Golfo, devido à localização dos acordos. Mas uma droga como esta é altamente desejável no mercado negro, e se o dinheiro não é uma opção, então é facilmente atingível se você sabe quem deve contatar. É vendido por um quarto de milhão de dólares a grama. "

Kelly soltou um assobio baixo e bateu os dedos em seu desktop. "Precisamos descobrir quem está fornecendo essa droga em nosso estado, e de onde está vindo."

"Eu tenho minhas suspeitas, senhor." Disse Cade. "O cartel del Fuego foi esperando que me tornasse visível novamente. Temo de que sou a razão que eles estão aqui matando meninas inocentes."

"Eles estão aqui porque eles são filhos da puta loucos. E você é o único que vai impedi-los. Vai ficar em contato com os agentes que investigam no DEA desde que é conhecido por eles. Eles fizeram tudo para me deixar saber que queriam você trabalhando nisso. Mas eles disseram que não irão interferir, a menos que precise deles. Mantenha-me informado, MacKenzie. Não quero nenhuma surpresa federal, mas estou dando-lhe total liberdade."

"Você tem certeza que quer fazer isso, Capitão Kelly? Homens inocentes poderiam morrer. Isso pode ficar um inferno de muito mais perigoso do que você pensou quando concordou em trazer-me."

"Eu sei disso, meu filho. Não cai do caminhão do nabo ontem. Mas esta é a minha cidade, e que a droga está lá fora, se você acha que é a razão ou não. A droga iria ficar aqui eventualmente, e sabe disso. Estamos apenas beliscando o mal pela raiz antes que ele possa se espalhar em qualquer outro lugar."

"Sim, senhor." Cade disse com um suspiro.

Talvez quando o cartel fosse tirado do ar de uma vez por todas, que ele voltaria para a faixa de terra que tinha em Montana e se aposentaria de vez. Ele foi malditamente cansado de tentar salvar o mundo.

O Capitão Kelly pegou uma arma e o distintivo de sua gaveta da mesa e os deslizou a Cade. "Parece que você tem que começar um dia mais cedo. Bem-vindo a bordo, filho. E



quando isso acabar e o cartel for levado para baixo, quero que você se lembre que é um cara legal e eu venha trabalhar para mim de verdade."

O olhar que Kelly mandou a Cade o fez perceber que ele e o DEA não tinham enganado o homem por um minuto, e Cade balançou a cabeça em respeito. Ele pegou sua arma e distintivo e pegou o arquivo sobre a mesa antes de voltar para o caos da delegacia.

"Oh, e MacKenzie." Kelly gritou antes que ele pudesse fugir. "Lembre-se que eu li o seu arquivo. Você é um pouco heterodoxo, para dizer o mínimo. Tente não irritar ninguém fora por pelo menos um dia ou dois. Eu realmente odeio ter que falar com o chefe."

Cade sorriu, seu sorriso um pouco de pirataria. "Tarde demais. Você deveria ter visto a reação que a minha nova vizinha teve, quando ela me conheceu."



CAPÍTULO CINCO

O homem a estava fazendo louca.

Ele tinha vivido ao lado dela durante quatro dias, e seus nervos estavam amarrados tão apertados que estava surpresa que seu cérebro não vazou para a direita fora de suas orelhas. Ele tinha o hábito de aparecer do nada, e ela tinha chegado ao ponto onde estava esgueirando dentro e fora de sua casa como um ladrão apenas para evitá-lo. Porque maldição, que aquele beijo *não* poderia acontecer novamente. Ele a teria nua e de costas em algum momento se seus lábios tocassem os dela novamente. E ela não ia deixar isso acontecer.

O senso comum tinha chutado uma vez que seu cérebro tinha começado a funcionar novamente. Cade tinha realmente dito: "Se eu fosse o tipo de homem que acreditasse em se estabelecer para o longo prazo", o que significava que ele não era do tipo em tudo. Ela não foi construída para uma noite ou assuntos casuais. Não era culpa dele, é só o jeito que ela era. Mas também conhecia o poder de atração. Ela só era humana, mas, desde que se afastou, estaria bem.

"Você está bem, Bayleigh?" Sua assistente, Tara Lecourt perguntou. "Está agindo de forma estranha durante todo o dia. Talvez esteja descendo com o mesmo inseto que eu tinha."

A pele lisa mocha de Tara estava enrugada com preocupação, os olhos escuros cheios de preocupação, e Bayleigh voltou-se para o manequim que estava trabalhando na janela, para que Tara não fosse vendo a mentira em seu rosto.

"Eu estou bem, Tara." Disse ela, ajustando a lingerie de renda preta por isso que deslizou perfeitamente. "Só um pouco cansada. Eu não tenho dormido bem o último par de noites."



A longa faixa de tecido era completamente pura, baleada com fios de prata. O decote e costas caíram drasticamente, e que era para pegar os olhos das pessoas passando por sua loja. Tudo o que podia pensar era em usá-lo para Cade e vê-lo perder a cabeça. Claro, ela teria que alterar o busto se fosse usar o vestido, mas que valeria a pena o trabalho extra.

"Bem, não é nenhuma maravilha. Você trabalhou sem parar desde que eu estive doente. Eu ainda acho que precisa contratar uma ou duas pessoa em tempo parcial. Estamos conseguindo negócio o suficiente para que você e eu estejamos espalhadas muito fino. E seria bom ter tempo extra de folga de vez em quando."

"Eu sei. Só quero que sejamos nós duas por tanto tempo quanto possível. Não estou pronta para deixar ir ainda."

Ela e Tara se conheceram na faculdade e tinham sido inseparáveis desde então, e o pensamento de alguém chegando fez seu coração doer um pouco. Ela construiu seu negócio a partir do zero, e isso a fazia um baita lucro. A tal ponto que começou a pensar em abrir outra loja em *Dallas*.

"Por que você não vai para casa durante o resto do dia?" Tara disse. "E tome amanhã também. Estou me sentindo muito melhor, e parece que você precisa..."

As palavras de Tara pararam quando o sino soou pela porta da frente, e ela podia jurar que ouviu sua amiga murmurar: *Santa Mãe de Deus*, sob a respiração. Bayleigh sabia que era ele antes que se virou. A atmosfera foi imediatamente acusada de tensão, e ela jurou que seus mamilos endureceram como faróis teleguiados quando ele estava próximo.

Bayleigh deu a janela da frente uma última olhada antes de se virar para Cade. Ela fez com que sua expressão fosse composta e sua respiração normal, principalmente antes de encontrar seus olhos.

"Acho que não tem nada em seu tamanho aqui, MacKenzie."

Tara se engasgou e Cade sorriu maliciosamente, fazendo coração de Bayleigh bater mais em seu peito.

"O que você tem em seu tamanho?" Ele perguntou: "Isto?"



Seus dedos deslizaram no corpete de um vestido azul prateado que ela estava olhando para si mesma. Ele foi mais modesto do que a maioria das peças na loja, mas foi de tirar o fôlego, lembrando-a de algo que teria sido usado nos anos quarenta.

"Acho que eu vou tomar meu horário de almoço." Tara disse com os olhos arregalados. "Três é, obviamente, uma multidão aqui." Ela pegou sua bolsa debaixo do balcão e saiu pela porta antes que Bayleigh pudesse detê-la.

"Você está me evitando, Bayleigh."

"Eu sei, Cade." Ela respondeu com ironia, fazendo com que seus lábios se contorcessem. "Eu não quis tomá-la como uma covarde."

Seus olhos se estreitaram e ela deu dois passos para frente antes de perceber que era exatamente a reação que ele queria que tivesse. Estava muito perto dele, agora tão perto que tudo o que ele tinha a fazer era estender a mão e puxá-la em seus braços.

"Eu não sou uma covarde. Mas também não sou estúpida. Você acha que eu não vejo a luz que saiu em seus olhos, quando eu te disse que não poderia ter um orgasmo. Tudo o que você quer é o desafio de tentar provar que estou errada."

"Isso não é tudo o que eu quero de você, bebê."

"Sério? Então, você está interessado em me levar para jantar fora? Talvez para um filme? Conhecer-nos mutuamente sobre má comida chinesa e churrascos de bairro?"

Os olhos de Cade se estreitaram e ela sabia que marcou seu ponto de vista. Ele a queria na cama e em nenhum outro lugar. Não queria a conexão de qualquer coisa além do físico.

"Nós conhecemos um ao outro há quatro dias." Disse a ele. "Você não acha que pode estar exagerando um pouco?"

"Não, eu não acho."

Ele deu um passo em sua direção, e era tudo o que ela poderia fazer para segurar seu chão. Seus dedos tocaram os cabelos levemente antes de passar para a pele sensível ao lado de seu pescoço. Ela engasgou com o contato e sentiu a umidade reunir entre suas



coxas. Calafrios serpenteavam por sua espinha e galvanizavam em cada zona erógena do seu corpo.

"O que há de errado com satisfação no aspecto físico? Essas necessidades e sentimentos estarão sempre lá. Podemos ser amigos mais tarde. Uma vez que a borda esteja fora e nossos corpos sejam saciados. O que há de errado com ceder a essa necessidade? O sexo é apenas mais uma parte da vida. Por que negar a si mesmo um dos seus maiores prazeres?"

Confusão começou a nublar o tumulto do desejo por seu corpo. Ele fez um argumento convincente, que ela estava tentada a ceder. Mas não foi só por que precisa de algo mais que a estava segurando de volta. Foi vergonha. E medo. O que aconteceria quando ele finalmente conseguisse o que queria? Será que ele estaria decepcionado quando ela não respondesse do jeito que ele imaginou? Será que olharia para ela com desdém e diria-lhe tudo o que ela estava fazendo de errado? Não era uma chance que ela tinha certeza que poderia tomar. Paul tinha danificado seu orgulho, mas ela tinha um sentimento que Cade poderia destruí-la completamente.

"Em minha opinião, não estou me negando qualquer coisa." Disse ela, com voz trêmula.

"Só porque ainda não me teve dentro de você ainda."

Ele se inclinou e tomou sua boca rápido e forte, sua língua deslizando ao longo dela sinuosamente, e percebeu tarde demais que o gemido que ouvira tinha vindo dela.

Ele se afastou, mas a manteve envolta frouxamente em seus braços. "O que está acontecendo entre nós é raro, Bayleigh. Não acho que você é experiente o suficiente para perceber o quão raro. É bom que você queira algo mais, e eu não vou ficar no seu caminho quando estiver pronta para encontrá-lo, mas não há nenhuma razão pela qual não possamos desfrutar disto e aproveitar enquanto dura."

"Você está pedindo muito de mim, Cade. Eu só não sei se posso fazer isso."

"Vamos ver, doçura."



Ele a beijou de novo, e ela se derreteu em seus braços, sabendo que sua resistência estava se esgotando. Se mantivesse este assalto, ela nunca seria capaz de resistir a ele.

"Oh, desculpe." Tara disse quando voltou na loja.

Bayleigh não tinha sequer ouvido o carrilhão, mas podia dizer pelo olhar complacente nos olhos de Cade que ele tinha sido perfeitamente consciente do que estava acontecendo.

"Eu pensei que você tinha terminado por agora." Os olhos de Tara dançaram com humor enquanto se movia para trás do balcão para guardar sua bolsa. "Quem é seu amigo, Bayleigh? E por que eu estou apenas agora descobrindo sobre isso? Você tem um monte de explicações a dar, menina."

Bayleigh saiu do abraço de Cade e estreitou os olhos para ele. "Não há nada a explicar. Ele é um incômodo. E o meu novo vizinho." Acrescentou ela como uma reflexão tardia, acenando com a mão agitadamente.

"Cade MacKenzie." Disse a Tara, sua boca curvando como se quisesse rir.

Bayleigh se alegrou os dois estavam tendo um bom tempo às custas dela.

"Novo vizinho, né?" Perguntou Tara. "Então você comprou a casa que Bayleigh queria?"

"Sério?" Perguntou Cade, sua curiosidade evidente em sua expressão. "Por que você não a comprou?"

"Porque não estava à venda, então. E eu amo minha casa. Poderia, por favor, ir embora e parar de me incomodar?"

"Claro." Disse Cade. "Eu sempre posso incomodá-la em casa mais tarde. Eu tenho que voltar para o trabalho de qualquer maneira."

Não foi até que ele mencionou isso que Bayleigh notou o emblema de prata preso ao cinto e a arma que ele tinha amarrada na cintura. Ele tinha a capacidade de ofuscar o seu julgamento e seus sentidos apenas por estar na mesma sala. Não estava mentindo. Ele realmente era um policial.



Ela engoliu dolorosamente, olhando para a prova na frente de seu rosto antes de encontrar os seus olhos risonhos. "Então eu acho que você realmente é um policial?"

Tara explodiu em gargalhadas, e Bayleigh fez uma careta para a amiga.

"Quer ver minhas algemas?"

Bayleigh sentiu o calor de seu rosto com a lembrança do que tinha prometido fazer com aquelas algemas e ela endireitou os ombros, mais determinada do que nunca para manter empurrando-o.

"Adeus, Cade."

"Adeus, Bayleigh." Ele imitou no mesmo tom de voz e piscou quando deixou sua loja.

"Alloooo? Bayleigh?" Tara disse, acenando com a mão na frente do rosto para chamar sua atenção. "Você quer me dizer o que está acontecendo?"

"Nada está acontecendo. Esse homem está me deixando louca."

"Ele está obviamente fazendo um bom trabalho. Eu venho tentando chamar sua atenção por uns bons cinco minutos."

"Acho que estou indo para casa." Disse Bayleigh.

As sensações pulsando através de seu corpo tornava difícil a trabalhar, muito menos pensar. Não havia nenhuma maneira que seria de alguma ajuda na loja para o resto do dia, e ela não tinha quaisquer compromissos agendados que precisasse de sua atenção pessoal.

"Bom, por que você não toma esse vestido de seda azul com você? Seu novo vizinho parecia parcial a ele."

"Você não está ajudando, Tara." Bayleigh pegou sua bolsa e o suéter que usara naquela manhã, tentando se lembrar de onde colocou as chaves do carro. Tara enfiou a mão na gaveta debaixo do balcão e entregou a ela.

"O que elas estavam fazendo aí?" Perguntou Bayleigh.

"Você jogou aí quando estava à procura de um envelope." Ela respondeu. "Você sabe que ele não vai deixá-la, até que tenha o que quer. Que o homem tem Alpha escrito todo sobre ele. Não acho que ele tem um irmão, não é?"



"Três, eu acho. Tenho certeza que o Neanderthal corre na família."

"Contanto que ele seja bom na cama, então eu posso fazer sem a conversa estimulante por um tempo."

Bayleigh murmurou evasivamente, se perguntando se sua necessidade de estimular a conversa e amizade era porque ela nunca teve a satisfação no quarto. Talvez estivesse olhando tudo errado. Ou talvez estivesse procurando por qualquer desculpa em tudo a dar-se permissão para ceder às exigências de Cade.



Ela passou a tarde de folga assistindo a filmes antigos e trabalhando em algumas das peças exclusivas que Becca Whitson tinha encomendado, pensando no dia em que ela seria capaz de criar suas próprias peças. Decidiu ficar sozinha com seus pensamentos para a tarde tinha deixando nada, além de confusa e desejosa. Seu corpo foi preparado e dane-se se o seu vibrador estava levando a borda fora como se ela precisasse dele.

Ela finalmente tinha jogado em um par de velhas calças de pijama e um camisa *Texas Rangers* de *jersey* e decidiu chamar a noite, quando a campainha tocou. Foi bem depois de nove horas da noite, e ela raramente tinha visitantes tarde, a menos que um de seus vizinhos tivessem uma emergência e precisasse de ajuda. Ela pegou o roupão e estava amarrando-o quando abriu a porta.



"Bom robe." Cade disse, olhando-a da cabeça aos pés antes de pisar dentro como se fosse o dono do lugar. "Eu nunca vi flanela em um padrão parecido com isso antes."

"Umm, você não pode simplesmente entrar sem um convite."

"Você me convidou hoje cedo." Disse ele, lançando um DVD em sua direção enquanto ele vagava ao redor da casa, olhando para as coisas, e mentalmente dissecando suas escolhas de decoração. "Você perguntou se eu queria assistir a um vídeo. Aqui estou."

"Pornô não conta." Bayleigh disse, revirando os olhos enquanto ele foi para todas as suas janelas e começou a baixar as cortinas.

"Eu não traria pornô. Pelo menos não no primeiro encontro."

"Então esta é a sua ideia de um encontro?"

Ela o seguiu até a sala e viu quando ele caiu no sofá e pegou o controle remoto. Ele deveria ter parecido ridículo contra o padrão floral delicado de seu muito pequeno sofá, mas em vez disso, apenas mostrou sua masculinidade, o poder e a energia que parecia vir de cima dele em ondas.

"Não, isso é apenas dois vizinhos que querem conhecer uns aos outros. Você tem pipoca? Além disso, nenhum dos seus irmãos lhe disse que não é seguro deixar as pessoas verem de suas janelas? Você tem persianas, mulher, use-as."

"Como você sabe que eu tenho irmãos?"

"É um segredo do negócio, querida. Se te dissesse, teria que matá-la."

"Oh, por favor." Disse ela, imaginando como tinha perdido a mão superior.

E onde diabos ela deveria sentar-se? Ele praticamente tomou todo o espaço no sofá.

"E sim, meus irmãos me disseram para usar minhas persianas a cada vez que vêm visitar, mas os ignoro, assim como vou ignorá-lo. Eu mudei para cá por causa de quão bonita é a rua, e não em buraco na minha casa, como um ex-agente do DEA paranoico que espera que o mundo inteiro terá para ele."

"Como você sabe que eu sou um ex-agente?" Ele perguntou, os olhos apertados.



"Segredo, querido." Ela disse, sorrindo serenamente. "Se eu te disser, teria que matá-lo."

Ele jogou a cabeça para trás e riu e o som acariciou suas terminações nervosas já sensíveis. Ela deveria jogá-lo fora e fechar a porta atrás de si. Nunca seria capaz de resistir-lhe se ele criasse algo mais do que apenas físico entre eles.

"Então, você vai se juntar a mim aqui ou ficar ai à noite toda com a sua boca aberta? Embora eu tenha que dizer, o roupão é um muito grande impedimento para o que eu originalmente tinha em mente. Pensei que você estaria mais inclinada a usar as coisas que vi em sua loja."

"Só em seus sonhos, MacKenzie."

Bayleigh colocou o DVD e foi se juntar a ele no sofá, tentando não pensar no fato de que ela se encaixava perfeitamente nos braços.

"Não pense que você vai me derrubar por ser bom, de repente." Disse ela. "Estou de olho em você, senhor." Apoiou os pés descalços sobre a mesa de café e ignorou o calor que parecia saltar entre eles cada vez que se tocaram. "E da próxima vez eu escolho o filme."



CAPÍTULO SEIS

"Eu vou matá-lo." Bayleigh disse quando saiu da cama uma semana depois, a luz da manhã da madrugada mal espreitando pelas janelas.

Cade tinha feito geralmente uma praga para a semana passada. Ele tinha aparecido em sua casa tarde da noite, parecendo irregular e cansado, e ela podia ver um vislumbre de algo escuro e triste em seus olhos, algo que parecia estar crescendo em intensidade, mas ele nunca tocou no assunto, e ela não ia perguntar. Ele trabalhou erráticas horas e alguma coisa estava comendo para ele.

Sua 'amizade' era tênue. Eles assistiram a um par de filmes, mas passaram a maior parte do tempo debatendo e discutindo qualquer coisa e tudo o que poderiam pensar. E cara que eles argumentaram. Foram as melhores malditas preliminares que ela já teve, e o empurrou para fora da porta diariamente mais irritada do que se o deixasse ficar apenas para preservar sua sanidade.

Tanto quanto ela odiava admitir isso, ficou surpresa ao descobrir que ele estimulou sua mente, quase tanto como estimulou seu corpo. E tinha tomado muitas oportunidades para lembrá-la de que a química entre eles ainda estava lá e continuava forte.

As palavras de seu irmão a tinham perseguido pelas duas últimas semanas. Ela queria saber sobre a amante que Cade havia perdido. O que ele estava realmente fazendo no Texas. E queria saber por que ele não estava empurrando o aspecto físico de seu relacionamento mais. Ele ainda a beijou em cada chance que teve, mas tinha parado de encher a cabeça com as descrições do que ele queria fazer com ela. De como seria entre eles.

Dúvidas de que ela tinha feito algo de errado havia começado a rastejar sobre ela nos últimos dois dias, e tanto quanto ela tentou dizer a si mesma que não importava, descobriu que isso tinha importância. Ela queria essa conexão entre eles. Para saber que ela era especial



e poderia incitar esse tipo de reação em um homem. E queria um orgasmo não autoinduzido, maldição. Tinha a sensação de que, se alguém pudesse dar-lhe um, seria Cade MacKenzie.

Ela descobriu nos últimos dias que todos os vizinhos tinham começado a efetuar visitas a CADE. A Sra. Spillers do outro lado da rua tinha levado uma caçarola e Bayleigh tinha sido fascinada em saber que ele a convidou e conversaram sobre café por alguns minutos.

Ela tinha ido do outro lado da rua na noite seguinte, enquanto Cade estava fora em uma chamada para pescar os detalhes, desde que ela não poderia imaginar Cade tendo as maneiras de entreter uma mulher de 82 anos de idade por mais de cinco minutos. Mas a Sra. Spillers tinha estado suspirando como um adolescente durante todo o tempo que falou sobre ele.

"Você já viu um homem com esses olhos escuros?" Ela disse, cortando uma fatia do bolo de café que Bayleigh tinha trazido e definiu-o sobre a mesa da cozinha, onde estava sentada. "Era como se ele pudesse ver a minha alma. Se eu fosse 50 anos mais jovem, eu o levaria para um passeio selvagem."

Bayleigh engasgou com o bolo de café e tomou um longo gole de chá para limpar a garganta. O pensamento da Sra. Spillers, seu cabelo enrolado em aço cinza em rolos de salsicha e sua pele folgada sobre os ossos tirando alguém para um passeio selvagem era apenas um pouco perturbador.

"Ele provavelmente pode ver a sua alma, porque não tem uma por si mesmo. Ele provavelmente está procurando uma boa para roubar."

"Bayleigh Scott, que é uma coisa terrível de se dizer sobre um jovem tão bom. Você poderia fazer muito pior do que alguém como Cade MacKenzie. Ele até se ofereceu em consertar o local no telhado pela chaminé para que a chuva não mantém vazando dentro. Espero que ele tire a camisa quando resolver o problema." Disse ela, abanando o rosto com a mão. "Tem sido um longo tempo desde que o Sr. Spillers pareceu daquele jeito."



Bayleigh estava disposta a apostar que Sr. Spillers nunca tinha parecido assim. O Sr. Spillers tinha apenas um metro e setenta e seis em seus sapatos e ele não podia pesar mais de quarenta e cinco quilos encharcado. Embora não pudesse culpar a Sra. Spillers por querer ver os músculos de Cade. Bayleigh não se importaria de vê-los de novo também.

Ela ouviu a Sra. Spillers parecer poética sobre as boas maneiras de Cade e os músculos de seus braços por mais 40 minutos antes de se desculpar e voltar para casa, mais excitada do que o inferno e ciumenta que Cade tinha conseguido ter uma longa conversa com outra mulher sem insultá-la. Aparentemente, era apenas Bayleigh que trouxe à tona o pior nele.

Houve muitas oportunidades para admirar seu corpo durante as duas semanas desde que ele se mudou dentro. Às vezes, à noite, depois que ele deixou sua casa, se destacou em sua plataforma traseira, uma cerveja na mão e seu olhar perdido nas árvores atrás de suas casas, sua camisa e sua calça jeans desabotoada apenas o suficiente para deixá-la louca. Ela sempre fez-se nas sombras, e sabia que ele não podia vê-la olhando, mas não podia deixar de roçar os dedos em seus mamilos, beliscando-lhes os pontos duros e desejando que fosse sua mão, sua boca. Ele era uma febre que não estava indo embora, e suas visitas noturnas estavam apenas fazendo o pior.

Vergonha caiu sobre ela quando ele se tornou o objeto de suas fantasias. Enquanto ele estava perdido em pensamentos ao lado, cuidando de seu próprio negócio, seu corpo estava aquecendo e sua boceta inundando com uma necessidade que ela nunca tinha experimentado antes. Seu vibrador tinha tido mais uso nas últimas duas semanas do que ele teve nos últimos seis meses.

Ela tentou resistir à tentação, mas finalmente acabava espalhando suas coxas, gemendo quando o vibrador grosso a encheu – desejando Cade. Mas mesmo depois de orgasmos fortes o suficiente para fazê-la gritar, a satisfação ainda não era encontrada. Não totalmente. Ela nunca tinha sido capaz de gozar com um homem dentro dela, e ansiava por Cade para ser a pessoa que finalmente provasse que ela não era frígida, afinal. Precisava dele para mostra-lhe que ela não era deficiente. Que não era ela quem estava faltando.



Bayleigh sacudiu as memórias quando um som profano agrediu seus ouvidos.

"Maldição." Ela jurou quando o frio piso de madeira mordeu seus pés.

Não importa o quanto fosse atraída para o homem, não havia nenhuma maneira que iria deixá-lo interromper o seu dia de folga. Acordar de madrugada não tinha estado na agenda para ela no domingo. Um café da manhã tardio, um pouco de compras, um bate-papo com os pais no telefone. Aqueles tinham sido os seus planos para o dia. Não sendo sacudida para fora da cama por Led Zeppelin tocando em seu quarto e sacudindo suas janelas.

Ela não se preocupou em colocar um robe ou pentear seu cabelo enquanto marchou em frente ao quintal dela para a casa ao lado. Suas calças de pijama foram enrugadas e sua camisa foi esfarrapada. Sua mãe ficaria mortificada se pudesse ver sua filha agora. A mulher do sul não deixou sua casa sem as roupas adequadas e seu rosto formado. Foi uma daquelas regras que classificava, até sem nunca sair de casa sem cueca limpa, em apenas no caso de você estiver em um acidente.

A Harley de Cade estava estacionada na entrada da garagem e a porta de sua da garagem estava aberta. Ele ficou de costas para ela, *Deus, por que o homem nunca vestia uma camisa?* E ele estava debruçado sobre o capô de sua caminhonete, usando algum tipo de ferramenta, como se realmente soubesse o que estava fazendo. Ela teve uma série – a vista de sua fantástica bunda, e a visão jogou fora seu passo por apenas um minuto. Mas um solo de guitarra fez com que os cabelos na parte de trás do pescoço levantassem soltos e ela se lembrou de sua finalidade.

Ele não a notou de pé atrás dele, com as mãos sobre os ouvidos, então foi para o aparelho de som no canto e virou o volume todo o caminho. Seus ouvidos zumbiam no silêncio imediato e ela encontrou satisfação quando sua cabeça se aproximou e bateu no capô aberto do caminhão. Serviu bem a ele.

Pelo estreitamento de seus olhos, ele deve ter lido sua mente. Ou talvez ela realmente dissesse isso em voz alta.



"Você sabe, estou ficando malditamente cansada de você virar a merda. Você é o vizinho mais barulhento que eu já tive."

"Desculpe-me, não posso ouvi-la. Eu sou surdo como Sr. Lowenstein, do seu outro lado."

Ele se endireitou e limpou as mãos no pano que tinha enfiado no bolso das costas, atirando-lhe um olhar preto que teria prestado mais atenção se ela não tivesse estado tão zangada.

"E você sabe o que eu estou ficando malditamente cansada?" Ela perguntou, com o coração batendo violentamente em seu peito quando ele jogou o pano no chão e veio em sua direção. Ela não conseguia decidir se o olhar em seus olhos significava que queria beijá-la ou estrangulá-la. "Eu estou ficando cansada de ser acordado no início da madrugada, só porque você tem um cabelo selvagem no seu rabo para fazer o que diabos é que você faz nessa hora ímpia. Eu coloquei você para cortar a grama, usar uma pistola de pregos, e acelerar sua moto tudo antes que o sol está apenas no céu. Alguns de nós trabalham para ganhar a vida, amigo."

"Será que a mata usar o meu nome de vez em quando? Pensei que fôssemos passados disso. Eu aposto que sei como você pode se livrar de algumas dessa tensão que está carregando." Disse ele com um sorriso.

"Você está pensando em se mudar?"

Ele balançou a cabeça em piedade. "Sentiria minha falta se eu sair. Admita-o. Você já se acostumou a me ter por perto. Quem mais conseguiria para assistir todos os filmes terríveis femininos com você?"

"Podemos voltar ao assunto, por favor? Estou tentando dormir. Nem todos nós trabalham as horas insanas que você faz. Eu gosto de rotina."

"Besteira. Você gosta de pensar que gosta de rotina, mas prosperar no caos, querida. Além disso, Tara trabalha para você, aos domingos, embora ela não fez na semana passada porque estava doente."



"Como você sabe disso?"

"Eu já ouvi isso de qualquer maldita pessoa no bloco sempre que eles caíram brownies, pão de ló e caçarolas. O consenso é que você trabalha demais e não tem quase divertimento o suficiente. Sua vida sexual é inexistente, seus irmãos são superprotetores, e a Sra. Greene acha que você precisa de óculos porque foi muito estrábica ultimamente. Também acham que preciso corromper você. Para mostrar a você como ter um pouco de diversão. Eles gostam de me ver andar em sua casa todas as noites, mas estão sempre desapontados que você me faz sair tão cedo."

Bayleigh fez uma careta e pôs as mãos nos quadris, irritada por que toda a vizinhança tinha falado sobre ela para Cade. Ela sabia como se divertir. E tinha de trabalhar muito se quisesse que sua loja fosse um sucesso. Não havia nada de errado com isso. A menos, claro, se tivesse toda pessoa com idade superior a sessenta e cinco anos que morasse em sua rua. Aparentemente, eles tinham muitos problemas com a forma como ela vivia.

"Eu não vou dormir com você, apenas para satisfazer todos os meus vizinhos geriátricos. Essa é a coisa mais idiota que já ouvi."

"Então, o que está acontecendo aqui entre nós, Bayleigh? Nós nos divertimos a semana passada. Temos desfrutado da companhia um do outro. E eu ainda quero te foder tão ruim que sofro com isso a cada segundo do dia. Você está dizendo que não está interessada?" O meio sorriso em seu rosto era conhecedor, confiante. "Seus mamilos estão duros o suficiente para cortar o vidro."

Bayleigh engasgou, ofendida e excitada ao mesmo tempo. "Talvez a sua técnica de sedução precise de um pouco de trabalho. Você nunca ouviu falar de romance? Acha que pode me dizer que quer foder e que vai fazer isso por mim? Dá um tempo."

"Sim, acho que isto faz isso por você. Aposto que está tão molhada que eu poderia deslizar diretamente nessa boceta apertada sem preliminares. Algumas mulheres precisam de romance. Você não é uma delas, então não finja que precisa. Conhece sua mente e o que gosta, e você é a mulher menos com um sorriso afetado que eu já conheci. Quando



finalmente chegarmos na horizontal vamos conhecer uns aos outros como iguais. E a minha técnica de sedução não precisa de trabalho." Disse ele, perseguindo-a até que suas costas bateram na parede da garagem. "Eu tenho você aqui, não é? Exatamente onde eu queria. E você não está usando calcinha."

"Você, você, filho de uma..."

Seus dedos cobriram seus lábios e seus olhos brilhavam com o riso. "Não diga tudo o que você vai se arrepender." Ele apoiou as mãos em ambos os lados da cabeça, prendendo-a em seus braços. "Diga-me a verdade, Bayleigh. Você me quer? Estou velho demais para jogar. Nós dois somos adultos. Não há nenhuma razão pela qual ambos não possamos obter satisfação e tirar proveito de onde o destino nos colocou. Eu me sinto atraído por você, e não quero nada mais do que deslizar entre as coxas de seda e fodê-la, até que você não possa ver em linha reta."

"E é isso?" Perguntou ela. "Alguma fodida rápida e então nós dois seguiremos em frente com nossas vidas? Aceno amigável de 'Olá' é como nós vamos para nossas casas separadas e nos lembrar com carinho de algumas noites suadas?"

"Não algumas." Disse ele, esfregando contra a pele sensível em seu pescoço, beliscando seu caminho até a orelha, onde a língua dele traçava a concha. "Meu pênis tem estado duro desde que eu coloquei os olhos em você, e estou cansado de se masturbar quando você está a poucos passos de distância."

Bayleigh engasgou quando suas palavras eróticas deslizaram sobre sua pele como seda. Seus mamilos roçaram seu peito, enviando sensações retas para sua vagina, e ela não queria nada mais do que pressionar nele – sentir a evidência de sua excitação.

Seus lábios beberam e brincaram e ele moveu as mãos na parede para que deslizassem pelo corpo dela, até que seus dedos morderam na carne em seus quadris. Ele deslizou-os ao redor, até que segurou sua bunda e a puxou para ele lentamente, tortuosamente, até que ela estava implorando para contato.

"Por favor, Cade."



Ela sentia como se todos os seus ossos tivessem dissolvido em uma poça aos seus pés. Este homem tinha o controle de seu corpo como ninguém jamais teve. Não admira que Paul a tinha chamado de frígida. Ela tinha sido um bloco de gelo em comparação com o que Cade foi fazendo-a sentir agora.

"Eu gosto de ouvir meu nome em seus lábios." Desejo ardia em seus olhos negros, suas pálpebras baixaram em promessas e suas narinas inflaram com o cheiro de sua excitação. "Eu sei que você me quer, e sei que pensa em mim. Não é, Bayleigh?"

Seus quadris ancoraram os dela à parede e ela enrolou as pernas em volta de sua cintura, o comprimento duro de sua ereção pressionando contra ela. Era tarde demais para esconder sua excitação dele. Ela nunca tinha estado tão molhada em suas – sua vida – calças de pijama encharcada com sua necessidade.

"Simmm." Ela gemeu quando seus dedos deslizaram por baixo de sua camisa e puxaram o mamilo. A mão na bunda dela flexionou, e ela sentiu a força dele na maneira como seus músculos agruparam e ondularam, assim quando a segurou com cuidado.

"Sim, o quê?"

Sua respiração suave contra os lábios dela e ela podia sentir o orgasmo construir dentro dela. Balançou a cabeça em negação do que estava acontecendo com seu corpo. Nenhum homem jamais trouxe tão perto tão rapidamente. Era como se tudo o que soubesse sobre sexo estava sendo virado de cabeça para baixo e de dentro para fora.

"Eu não posso, Cade. Eu não posso."

"Sim, você pode, bebê. Nunca se esconda de mim. Agora responda a minha pergunta do jeito que eu quero que responda. Você pensa em mim fodendo você assim?"

"Sim." Ela gritou enquanto seus dedos pinçaram com mais força contra seu mamilo. Seu corpo tremia à beira de cumprimento e sua respiração soltou dentro e fora de seus pulmões. Ela abriu os olhos e olhou para as profundezas negras do seu próprio, seu corpo e alma esmagada pela força dele. "Eu penso em você, Cade. Não consigo parar de pensar em você. É isso que quer ouvir?"



"Você não tem ideia do quanto eu precisava ouvir isso." Ele sussurrou contra seus lábios. "Você sempre tem que ser honesta comigo. Seu corpo não vai me negar à forma como a sua mente quer. Eu sempre vou saber se está dizendo a verdade. Não tenha medo disso. Basta fechar os olhos e sentir."

Ele não lhe deu a opção de fazer *nada, além de sentir*. Tomou sua boca em um beijo que a colocou como o primeiro que tinham compartilhado para vergonha. Sensações explodiram através de seu corpo e prazer ondulava nas terminações nervosas sensíveis que tudo parecia levar ao botão apertado escondido entre suas dobras. Suas mãos deslizaram por baixo do elástico na cintura de suas calças de pijama, e as cores dançaram por trás de suas pálpebras fechadas com o toque intimista.

"Doce Jesus." Ele ofegou, seus dedos encontrando a carne nua, sentindo-se a prova de seu desejo. "Eu vou te provar, Bayleigh. Absorver cada pedacinho desse doce creme que está encharcando meus dedos. Você sabe como eu te quis pelas duas últimas semanas, me deixando louco, imaginando que estava te fodendo, em vez desse maldito vibrador que você usa?"

Ela ficou rígida em seus braços, a mortificação enchendo sua alma assim quando o sangue subiu-lhe ao rosto do desejo proibido. Sua cabeça caiu para o ombro e gemidos de prazer escaparam de sua garganta do tumulto de sensações através de seu corpo, mesmo quando ela tentou afastá-lo.

"Não fique tensa comigo agora, doçura. Você acha que eu não sabia o que estava fazendo na cama? Por que acha que passei tanto tempo no meu deck? Você iria me empurrar para fora da porta, tão excitada que podia tudo, além de sentir as faíscas contra a minha pele, e então ia ao seu quarto e transformava todas as luzes apagadas e dava prazer a si mesmo com essa porra de pedaço de borracha quando deveria ter comigo. Eu podia ouvir você chamar meu nome toda vez que gozou."

Ela respirou bruscamente quando seus dedos deslizaram dentro dela em um golpe suave, esticando-a e deixando-a louca, ao mesmo tempo, de modo que o prazer/dor trouxe



direito para a borda. Todos os pensamentos de constrangimento desapareceram e o desespero encheu.

"Eu preciso de você dentro de mim, Cade. Estou te implorando."

"Nós vamos chegar lá, querida." Ele prometeu. "Ouvindo você gozar, noite após noite fez meu pau com tanta força que eu pensei que iria explodir de querer você. Alguma vez você me viu da sua cama? Você poderia me ver descompactar minhas calças jeans e enrolar os dedos em volta do meu pau? Você me assistiu acariciá-lo até que eu gozasse por todo o meu lado?"

"Não." Bayleigh chorou, desejando que soubesse para vê-lo.

O pensamento dele tomando-se dessa forma, enquanto ela estava deitada na cama apenas a uma curta distância teve sua coceira para fazer as visões em sua mente uma realidade.

"Não há necessidade de negar o desejo entre nós, mas eu não estou procurando nada sério aqui. Eu sempre vou ser honesto com você, assim como vai ser comigo. Você pode ir em frente com isso, Bayleigh? Eu sei que você não é o tipo de mulher que tem saltos casuais."

"Então por que você está fazendo isso comigo?" Ela gritou quando ele acrescentou um terceiro dedo, o polegar esfregando em círculos suaves ao redor do broto tenso de seu clitóris.

"Porque você quer. Tanto quanto eu. E às vezes você só precisa parar de pensar sobre o futuro e aproveitar o que está bem na sua frente. Você pode viver com o que eu estou oferecendo?"

Ela abriu os olhos e viu as linhas duras de paixão em seu rosto, a determinação em seus olhos para que ela concordasse com tudo o que ele exigia dela. Mas, escondida sob a determinação estava o brilho de vulnerabilidade, de um passado que era doloroso demais para suportar.

"Eu não sei." Ela disse finalmente.



Mas sua negação era como uma batalha perdida. Não tinha a força para estar ao redor dele e não desejá-la. A única coisa que podia esperar era que o coração dela não fosse muito assustado quando ele decidisse ir embora.

"Você quer que eu pare?" Ele perguntou, arqueando uma sobrancelha, um sorriso de satisfação no rosto enquanto a trouxe para mais perto do orgasmo.

Era impossível pensar com ele atormentando partes de seu corpo que não tinham sido tocadas por um homem durante quase três anos. Ela poderia fazer o que ele estava pedindo? Não era do tipo que ia para a cama com um homem apenas para o inferno dele. Nunca tinha tido uma noite só, e que tinha sido semana em seus outros relacionamentos antes que ela concordasse em dar o próximo passo. Claro, olha como isso acabou. Todos os seus amantes tinham sido desapontados de qualquer maneira.

Seus dedos se enroscaram dentro dela e seus olhos reverteram em sua cabeça quando novas sensações agrediram seus sistemas. Desejo como este não poderia durar. Eles acabariam matando uns aos outros. Talvez a melhor coisa a fazer fosse tirá-lo do seu sistema. Só assim ela poderia funcionar em um nível normal novamente.

"Responda-me, Bayleigh." Sua voz era áspera e seu sotaque arrastado com paixão.

"Eu preciso gozar, Cade." Ela implorou. "Por favor, deixe-me gozar."

"Sim, bebê." Ele gemeu, levando os lábios em um beijo quente. "Eu quero que você gozar toda sobre os meus dedos. Tudo o que você precisa fazer é me responder."

"Sim!" O grito rasgou a partir da boca do estômago. "Eu não me importo com mais nada. Apenas me foda."

"Boa menina." Ele gemeu. "Eu preciso estar dentro de você, Bayleigh. Nunca precisei tanto de algo." Ele retirou os dedos, bebendo seus gritos decepcionados com uma suavidade que ela não estava esperando. "Só um minuto, bebê. Eu não posso te foder aqui. Tenho certeza que os vizinhos teriam mais de um show do que precisamos dar-lhes como é."

Bayleigh apertou as pernas ao redor dele, enquanto ele fez amor com a sua boca com lentos, golpes de sua língua deslizando, e seu dedo enrolou no comprimento de seu cabelo,



deleitando-se com a maciez sedosa. Ela chupou em sua língua e aterrou sua boceta contra o denim da calça jeans, tão perto de um orgasmo, pensou que provavelmente o perderia pelo tempo que ele finalmente entrasse dela. A única vez que já tinha estado remotamente perto de gozar com um de seus amantes anteriores, ele havia trocado de posição e o sentimento tinha evaporado como a névoa.

Frustração nublou seus gritos quando Cade tropeçou em direção à porta que levava dentro de sua casa. Ele amaldiçoou quando pilhas de caixas ficaram no caminho, e ele finalmente a colocou sobre uma mesa de sala de jantar que ela esperava como o inferno fosse resistente o suficiente para manter seu peso.

Cade desenrolou as pernas em torno de sua cintura e tirou as calças de pijama de suas pernas, sua calcinha seguindo, então ela estava completamente nua para ele a partir da cintura para baixo.

"Cristo, Bayleigh." Ele arquejou. "Olha o quão bonita você é." Ele arrastou um dedo através de seu estômago para as dobras nuas entre suas pernas, penteada com seu desejo por ele. "Amo que você está nua para mim. Serei capaz de provar cada centímetro de você, e vai ser capaz de me sentir completamente."

"Cade!" Ela gritou enquanto seus longos dedos deslizaram dentro dela mais uma vez.

Não houve tempo para preparar ou pensar sobre as sensações que bombardeavam seu corpo. Os pensamentos que geralmente atormentavam em momentos como este estavam ausentes, ela se perguntando se seu amante estava decepcionado com ela, ou se seria capaz de gozar. Não havia espaço para o pensamento com Cade sobrecarregando todos os seus sentidos ao mesmo tempo.

Ele levantou a camisa para que descansasse apenas acima dos seios e gemeu quando ele se inclinou a frente para prová-los.

"Oh, bebê." Disse ele, lambendo o mamilo com a palma da sua língua. "Você tem os seios mais sexy. Cheios e exuberantes, com mamilos como pequenas framboesas. E que gosto tão doce."



Seus seios estavam inchados e doloridos, e ele chupou seu mamilo com pressão suficiente para que ela pudesse sentir cada puxão pulsar em seu clitóris. Seus olhos rolaram para trás e suas pálpebras se fecharam, quando a força de sua sucção cresceu, sua língua passando rapidamente em seu mamilo rígido, e seu dedo se movendo em câmera lenta, golpes firmes em sua vagina.

Os espasmos pareciam vir de todos e nada ao mesmo tempo, seu corpo empurrou contra ele com uma força incontrolável, e ela pediu-lhe para parar, mesmo que orou para continuar. As sensações eram mais do que ela poderia suportar, e explodiu contra ele em uma sinfonia de luz e cor, gritando seu nome quando tremores abalaram seu corpo.

"Porra, isso é quente." Cade sussurrou, beijando seu caminho de volta para o seio de seus lábios. "Minha mão está encharcada com o seu gozo. Você sabe o que isso faz para mim? Saber que você me queria tanto assim?"

O corpo de Bayleigh balançou com tremores, e ela não teve força para fazer nada mais do que levantar as pálpebras uma fração de uma polegada. Observou-o endireitar e desapertar o botão da calça jeans, o comprimento rígido de seu pênis, fazendo-a suspirar de admiração e horror. Tudo o que podia pensar era que ela não tinha comprado um vibrador grande o suficiente.

Sinos ecoaram em sua cabeça, e não foi até que ela ouviu suas maldições murmuradas que percebeu que o som vinha do telefone que estava na ilha do balcão de açougueiro no centro de sua cozinha.

"Merda." Ele rosnou. "Tenho que conseguir isso. É a estação."

A transformação em si foi incrível. Seus olhos foram de chocolate escuro derretido ao fogo frio em um instante, e a deixou aberta e exposta sobre a mesa quando ele caminhou para o telefone, seu corpo sob o controle rígido.

"MacKenzie." Ele latiu ao telefone.

Bayleigh fechou os olhos em mortificação. Ela nunca perdeu o controle assim antes. Não havia um buraco profundo o suficiente para rastejar dentro. Como se sua falta de



controle não fosse ruim o suficiente, podia sentir a umidade de seu orgasmo refrigerar sob sua parte inferior. *Isso* certamente nunca tinha acontecido antes também. E ela pediu a Deus que nunca acontecesse novamente.

Deslocar-se era a única maneira de superar isso. Ela nunca viveu no *Alasca*. Ou talvez ela devesse estar pensando no exterior.

"Onde você a encontrou?" Ouviu Cade perguntar.

Não havia nenhuma maneira que ela estava indo para ser capaz de enfrentá-lo novamente hoje. Não depois de perder-se nele assim. Encontrou a força para deslizar fora da mesa, surpreendeu que as pernas foram capazes de mantê-la na posição vertical, e ignorou seus olhos se estreitarem quando pegou a calça do pijama do chão e caiu sobre elas. Ela puxou a camisa abaixo para que seus seios fossem cobertos, e alisou o cabelo para baixo, nervosa.

"Tudo bem." Cade finalmente disse a quem estava do outro lado da linha. "Estou no meu caminho agora. Veja se o ME vai esperar para levá-la até que eu possa chegar lá."

Bayleigh teve a porta que levava de volta para a garagem aberta e um pé para fora da porta quando o ouviu lançar o telefone de volta no balcão.

"Onde diabos você está indo?" Ele moveu-se rapidamente e em silêncio, e estava tão perto que ela podia sentir sua respiração na parte de trás de seu pescoço.

"Você obviamente tem que sair." Disse ela, recusando-se a se virar e encontrar seus olhos. "Eu tenho coisas para fazer hoje, então pensei em voltar para casa."

"Não pense nem por um segundo que isto terminou entre nós, Bayleigh. Eu vi o olhar em seu rosto quando gozou. Você não tem nada para se envergonhar, e quero você fodidamente ruim que minhas bolas estão doendo com isso."

Ela deixou-o girar em torno dela e em seus braços, e dane-se se o seu corpo não a traiu com apenas um toque. Ela arqueou contra ele como um gato, enquanto suas mãos corriam-lhe pelas costas.



"Eu não sei se posso fazer isso depois de tudo, Cade. Pode ser demais para eu segurar. Não estou acostumada a isso." Disse ela sem muita convicção, abrangendo ambos com as mãos. "É muito intenso."

"Então você estará perdendo, doçura. E o que temos é quente como o inferno. Aquele idiota que estava noiva, obviamente, não diferenciava um clitóris de um umbigo. Não tente fugir de mim. Agente firme e curta o passeio."

Ela olhou para ele, solenemente, a magnitude da promessa que fez para ele pesando sobre ela. Não havia nenhuma maneira que poderia dar corpo a este homem tão completamente quanto ela tinha e não dar-lhe o seu coração também. Cade MacKenzie tinha o poder de fazer o que Paul não tinha. Paul tinha desbastado em sua autoestima, até que estava em ruínas, mas Cade teve a capacidade de destruir sua alma. Não havia nenhuma maneira que ela podia deixar isso acontecer.

"Você tem um trabalho a fazer." Disse ela, beijando-o de leve no rosto como despedida. "Eu te vejo por aí."

Ela saiu pela garagem, mas parou quando o ouviu chamar o seu nome. O desejo de voltar para os seus braços era tão forte que a fez querer chorar, mas manteve de costas e seus passos determinados.

"Vou estar de volta hoje à noite, Bayleigh. Nós vamos falar sobre isso."

"Estou ocupada hoje à noite." Mentiu. "Adeus, Cade. Tenha cuidado."

A viagem de volta para a casa dela parecia incrivelmente longa. Ela sabia que a Sra. Spillers do outro lado da rua estava olhando para fora da janela da cozinha e que o Sr. Krentz estava fingindo aparar seus hedges, enquanto observava sua caminhada para a porta da frente, mas não conseguia pensar em seu comportamento ainda. Não havia maneira que seus irmãos não descobrissem o que estava fazendo na garagem de Cade, mas isso era um problema para outra altura.

Seus olhos ardiavam com lágrimas não derramadas quando ela fechou a porta atrás dela. Um homem como Cade MacKenzie não estava nas cartas para ela. Ele era muito duro,



muito exigente, e nunca a deixaria sair sem dar-lhe qualquer coisa, além de tudo o que tinha para oferecer.

Ela não estava disposta a sacrificar tudo por uma foda amigo casual. Isso não era ela, e o deixaria convencê-la de que estaria bem com a não intimidade de um relacionamento real. Mas tinha o sonho de uma família e um homem que a amasse. Ela poderia ter se envolvido com o homem errado antes, mas pelo menos estava tentando encontrar a felicidade. Cade tinha acabado de dar em cima disso.

Não havia nenhuma maneira que pudesse ficar enfiada em casa hoje. E ela com certeza não queria enfrentá-lo, quando chegasse em casa a partir de onde ele estava indo. Ela só teria que evitá-lo. Suas visitas tarde da noite e a tentação constante teriam que parar.

Parecia bom na teoria. Agora tudo o que ela tinha a fazer era convencer o seu corpo para fazer o que sua mente queria.



CAPÍTULO SETE

Lâmpadas fluorescentes brilharam em um tom doentio de verde sobre a mesa de Cade, lançando sombras fantasmagóricas sobre o arquivo do caso que ele estava debruçado pela última hora. Ele passou o dia todo na cena do crime, tornando-se um alvo tão grande quanto possível.

Não demoraria muito para que o cartel fizesse contato. Pelo menos, pensou que não seria longo. Talvez seus instintos estivessem fora, afinal. Estava na cidade há duas semanas, e que não tinham feito nada, além de enviar-lhe mensagens através das mulheres que eles decidiram usar a droga por diante. Havia três corpos em sua consciência agora. Se o cartel não fizesse um movimento logo ia ter que fazer algo para atraí-los para fora.

Ele atrasou indo para casa, o quanto pudesse, na cena do crime e, agora, com o contato da estação, mas o cartel ainda não tinha feito. Tinha certeza de que teria sido hoje.

O ar quente arrepiou os papéis em sua mesa, quando o aquecedor chutou adiante, só aumentando o cheiro de café velho e suor. Ele terminou de escrever o relatório da cena do crime e sacudiu a cabeça com a crueldade desses homens. Nunca tinha entendido isso, mas aceitou-a a tal ponto que ele estava sempre surpreso quando alguém fez algo de bom, em vez do contrário. Não houve óculos cor de rosa deixado em sua vida.

O bar decadente perto da Avenida P e Rua 15th não se encaixava no perfil de onde foi utilizada uma droga como *Coelho*. Os clientes que podiam pagar a droga não eram conhecidos a frequentar lugares mais sórdidos para obter a sua correção, onde a bebida era barata e as mulheres mais baratas. Eles não queriam que suas vítimas utilizassem e ficassem violentos. Eles queriam as meninas de boas famílias. As meninas que tinham um futuro. Meninas que poderiam destruir. Só contribuiu para o alto quando estuprada por eles.

Assim, os instintos de Cade começaram a cantarolar o momento em que ele tinha conseguido a chamada sobre outro assassinato, a única diferença entre esta e as outras



vítimas, era que a falecida era uma prostituta. Ele fez a viagem de quarenta e cinco minutos para o outro lado da cidade até a cena do crime, quando teve a súbita vontade de virar o caminhão de volta e voltar para Bayleigh. Algo não estava certo, mas dane-se se ele sabia qual direção a cabecear, até que pudesse conseguir a prova tangível de onde eles estavam olhando para ele. Ele não sentiu os olhos em sua casa, mas isso não significava que eles não os tinham lá.

Os homens superiores no cartel de del Fuego tinham sido tão bem treinados como quaisquer soldados ou agentes com quem havia trabalhado. Inferno, ele ajudou a formar alguns deles durante seu tempo lá. Se não quisessem que ele soubesse que estavam lá, então não poderia saber puro e simples. Tudo o que podia passar era o instinto que tinham sido entranhado nele ao longo dos últimos 16 anos.

E esses instintos não haviam falhado com ele quando seu caminhão puxou até a cena do crime. Ele sentiu a mira na parte de trás de sua cabeça, desde o momento em que pisou no chão de cascalho. Mas só porque queria que ele soubesse que eles estavam lá. Não iriam tirá-lo tão cedo.

A vítima tinha sido brutalmente estuprada e estrangulada. A seringa no braço preenchida com a droga era apenas um exagero, já que ela já tinha morrido no momento em que foi dada a ela. Ninguém iria perder um quarto de uma droga de milhões de dólares em uma prostituta, a menos que estivessem tentando enviar-lhe uma mensagem.

E tinha sido um inferno de uma mensagem. O nome de Cade tinha sido esculpido em sua coxa, logo abaixo do número três, o que significava que ela foi a terceira vítima. O cartel estava enviando-lhe uma mensagem que estavam em busca de sangue. Seu em particular.

O cartel foi um jogo que ele não queria ser pego no meio. Eles não se importavam quem era pego no fogo cruzado, o que significava que tinha de fechá-los antes de mais corpos começarem a se acumular. Três em duas semanas que tinha estado na cidade, três era demais.



Ele fechou o arquivo que tinha estado olhando fixamente e trancou-o na gaveta da escrivaninha. Pensamentos de Bayleigh tinha estado bombardeando-o todos os dias – visões dela colocada em cima da mesa, encharcando seus dedos, e tão quente que ele quase gozou em seus jeans. Ela estava distraíndo-o, provocando pensamentos que não tinha há muito tempo, e estava tornando-se malditamente duro para manter sua atenção em seu trabalho. Ele estava aqui para chamar os restantes membros do cartel. Tempo. Não foder sua vizinha. E, certamente, não se apegar a ela, ou deixar que as emoções que ele achava que foram destruídas após a morte de Carmen virem à tona novamente. Mas dane-se se ele poderia ajudar a si mesmo.

A estação estava praticamente vazia, exceto por alguns policiais uniformizados próximos no início do terceiro turno. Ele agarrou sua jaqueta de couro na parte de trás de sua cadeira e foi apenas deslizando-a quando seu celular tocou. O número foi bloqueado e ele sabia que esse era o contato que estava esperando. Alguém no DEA estaria monitorando a chamada e eles estariam tentando executar um rastreamento, mas não iria encontrar a fonte facilmente.

"MacKenzie." Ele respondeu.

"Há quanto tempo, *cabron*." A voz era levemente acentuada e familiar. A de uma criança petulante que tinha crescido com um monstro para um pai e todo o conforto da criatura na ponta dos dedos. Ele sempre tinha assombrado como Carlos e Carmen foram relacionados.

"Ouvi dizer que você decidiu ser um policial da cidade." Disse Carlos, o desprezo evidente. Polícia local tinha sido fácil para comprar fora em Miami. Era parte da razão pela qual o DEA teve um momento tão difícil fixando-se com os membros do cartel. "Diga-me que não é assim. Parece um desperdício de talento."

"Eu não sabia que você se importava, Carlos. Teria encaminhado o meu endereço se soubesse que você estava procurando por mim."



Cade fez o seu caminho para o banco de janelas que dava para a rua e abriu as cortinas de um quarto de trás. Faróis cortaram a escuridão e alguns pedestres caminhavam pelas calçadas, se dirigindo para o restaurante do outro lado da rua. Mas era pouco povoado. Não havia nenhum sinal de Carlos que ele pudesse ver.

"Não pense nem por um segundo que eu não soube sempre onde estava, idiota. Você acha que eu iria esquecer o que fez a Carmen?"

O estômago de Cade apertou e ele fechou os olhos quando memórias agrediram, mas forçou sua voz para ficar leve e indiferente. "Você tem uma memória falha, Carlos. Você vê, eu me lembro de seu pai colocando a bala em seu cérebro. Então, como é a minha falta de novo?"

A respiração do outro lado da linha ficou pesada com raiva e Cade sorriu. Carlos nunca teve o controle que seu pai possuía, que foi por isso que eles tinham uma chance muito melhor de derrubar o cartel com Carlos ao volante. Cade fechou as cortinas e deslizou para baixo pelas escadas, correndo para baixo os três degraus até o estacionamento fechado atrás da delegacia.

"Ouça com atenção, MacKenzie." Disse Carlos. "Porque os seus dias estão contados. Você sabia que a única razão pela qual está vivo é porque o meu pai deu a ordem de que você não fosse tocado?"

Cade levantou as sobrancelhas em surpresa nesse pedaço de informação. "O que eu posso dizer? Miguel sempre gostou mais de mim."

"E olha no que levou. Serve-lhe bem, se você me perguntar."

Cade balançou a cabeça. Ele não entendia as famílias como del Fuego – carne e sangue que iria matá-lo, em vez de ficar ao seu lado, te trair por um pedaço maior do bolo. Sua família pode ser um pouco esmagadora, e não hesitaria em se intrometer em seu negócio, sem pedir, mas eles ficavam ao seu lado quando os tempos eram difíceis, e lutavam como o diabo para protegê-lo se estivesse em apuros.



A voz de Carlos foi atada com dor e amargura. "Pai disse que precisava de você vivo, porque iria deixá-lo louco de não ser capaz de matá-lo. Isso sem saber quando e como o cartel atingiria iria possuí-lo até que você tornou-se descuidado. Acha que você destruiu a minha herança por ter seus soldados e agentes americanos descendo na minha família? Segurança Interna pensa que poderiam capturar meu pai e usar seu conhecimento em seu benefício, mas ele os enganou. Ele foi executando o cartel bem debaixo de seus narizes."

Cade abriu a porta que dava para o estacionamento, e apertou o botão em seu chaveiro para iniciar seu caminhão. O motor pegou imediatamente, e deu um suspiro de alívio. A última coisa que precisava era encontrar-se espalhado em um milhão de partes diferentes em todo o pavimento. O cartel gostava de usar explosivos para fazer seu trabalho sujo quando não poderia ser realizado perto e pessoalmente.

"Isso tudo é muito fascinante, Carlos. Mas você esquece, eu estava lá quando Miguel foi preso e levado dentro. O cartel está em pedaços e seu pai está em confinamento. E você está começando a me aborrecer. A última vez que ouvi, não tinha coragem de ir contra o velho e querido pai. Então, por que está aqui?"

"Eu estou aqui por você." Carlos disse com um sorriso de escárnio. "Acho que seus amigos no DHS não passaram no noticiário. Miguel está em coma. Parece que alguém escapou em alguma merda e deu-lhe um gosto de seu próprio remédio."

Porra, pensou Cade. Alguém deveria ter dito a ele. Se Miguel não estava no comando do cartel lutando, então alguém estaria. Era sempre melhor o diabo se você o conhecesse.

"Mudo, MacKenzie? As coisas não estão boas para o velho. Sorte para mim. Não foi tanta sorte para você. O cartel está agora totalmente sob meu controle. E eu não me importo com o quanto Miguel quer que você viva. As ordens são minhas para dar agora. E nós estivemos observando nestas últimas semanas, planejando para a sua chegada."

"Então venha me pegar." Cade provocou. "Você acha que não senti seus olhos em mim? Eu estive esperando por você, Carlos. Por que demorou tanto tempo?"



O riso áspero agrediu seus ouvidos e ele olhou o espelho retrovisor quando puxou para fora no tráfego. Ele imediatamente viu o sedan preto puxar atrás, nem mesmo se preocupando em ser sutil sobre seguir. Cade reconheceu o cara dirigindo o carro. Ele tinha sido um soldado de nível inferior no cartel quando Cade tinha estado lá, mas parecia que tinha trabalhado seu caminho no mundo.

"Você sempre foi um bastardo arrogante, MacKenzie."

"Mas isso era o porquê seu pai ia entregar o cartel a mim, em vez de seu próprio filho. Por que você acha que foi, Carlos?"

Cade sentiu as ondas de raiva pulsando através do telefone e manteve o olho no carro seguindo, testando a gravidade da situação foi tomando um par de ruas laterais e cortando um par de carros para dar uma saída rápida. O cara ficou em sua bunda como branco no arroz.

"Porque meu pai era fraco, e não podia ver um mentiroso quando estava bem na frente de seu rosto. Eu nunca gostei de você." Carlos cuspiu. "E sabia que você não era o que parecia. Agora você vai pagar pela morte de Carmen e por destruir o que deveria ter sido meu por direito. O cartel não é o que era antes, mas ainda tem o produto e ainda tenho homens leais. Não me subestime."

"Nunca sonharia com isso." Disse Cade. "O que você quer, Carlos? Se acha que vou fazer isso fácil para você, tem outra coisa vindo."

"Oh, não. É você quem teve muito fácil demais. Que bom seria fazer para te matar se não sofresse primeiro? Quando foi a última vez que falou com sua irmã?" Perguntou ele. "Eu falei com ela apenas na semana passada. Ela parece estar indo muito bem. A terminar o Mestrado e viver naquela casa grande sozinha, enquanto seus irmãos estão a salvar o mundo e seus pais estão fazendo um pouco de viagens em seus anos de aposentadoria. Você deve ter mais cuidado com o que é seu."

Um calafrio deslizou pela espinha de Cade e terror tomou conta de seu coração. Eles ensinaram Darcy como se proteger, mas ela não era páreo contra Carlos ou um de seus



homens. Ela também foi de cabeça forte e impulsiva, que tinha começado a ter problemas mais vezes do que tinha ido fora dele.

"Onde ela está?" Cade mordeu fora, com medo que fosse tarde demais.

"Oh, ela está sã e salvo, escondida na cama, meu amigo. Pelo menos por enquanto. Mas ela se transformou em uma bela jovem. Todo aquele cabelo preto sedoso e os olhos violeta. Devo transar com ela antes de matá-la, como fez com a minha irmã?"

"Fique longe dela." Cade mordeu fora. "Vou te caçar por isso, Carlos. Você não tem ideia do que sou capaz."

"Eu acho que tenho. Mas acredito em olho por olho, e não vejo por que você deve ter a sua irmã quando me privou da minha própria. Não parece justo."

A vontade de desligar e ligar para casa era predominante em sua mente, mas ele a segurou, sabendo que era exatamente o que Carlos esperava que ele fizesse.

"Você sabe, MacKenzie, eu nunca entendi o apelo ao sexo oposto. Você não tinha estado no composto três dias antes de Carmen abrir as pernas para você. *Putá merda*. Ela tinha sido uma boa menina antes que você veio."

Cade ainda se lembrou da sua surpresa, ele tinha quebrado a barreira da virgindade de Carmen. Ela respondeu ao seu toque diferente de qualquer virgem que já tinha conhecido, que ele não tinha muita experiência com virgens, mas causou-lhe para parar e reavaliar a mulher que achava que ele tinha entendido. Tinha sido tudo de bom e inocente do mundo, por todo o resto de sua família que nunca poderia esperar ser, e ele tinha tomado uma parte dessa inocência dela, porque fazia parte do plano. Ele não a amava até muito mais tarde, e que a culpa ainda o comia.

"Isso é um inferno de uma maneira de falar sobre a sua própria irmã, Carlos. Talvez você devesse fazer terapia para liberar toda essa hostilidade. Não pode ser bom para você."

Carlos ignorou a provocação, a raiva já alimentando o fogo. "A história tem uma maneira de se repetir, *Si?* Gostei da pequena cena que você e a prostituta ao lado colocaram para mim e para os meus homens esta manhã. Eles estavam cheios de tesão como o inferno



depois que você saiu, deixando-a ali sozinha, enquanto ia olhar a mensagem que eu deixei. Você pode ver através dessas cortinas de renda frágeis que ela tem para cima. E ela faz questão de levantar as cortinas de volta depois de sair todas as noites. O que tem, com isso, Cade? Você não quer que vejamos você foder sua nova prostituta? Quando se tornou tímido?"

"Foda-se você, Carlos. Fique longe de Bayleigh."

"É tarde demais para isso. Você marcou-a como sua. Espero que lhe traga conforto quando eu esfregar a droga através de sua pele sedosa e deixar meus homens tê-la."

O suspiro do outro lado da linha tinha raiva de Cade aumentando, a tal ponto que ele podia sentir o controle desaparecendo. Sabia o que os homens viram quando olharam para Bayleigh.

"Seu corpo é outra coisa, cara. Belos peitos e bunda, e uma boca que vai me chupar seco antes dela tomar seu último suspiro. Apenas o pensamento é o suficiente para me tirar."

Cade rosnou baixo em sua garganta e ele mal era capaz de sufocar as palavras. "Eu estou indo para você, Carlos."

Carlos riu. "Você tem que encontrar-me em primeiro lugar."

Cade desligou o telefone e empurrou o pedal todo o caminho até o chão, e percebeu que o carro seguindo ficou perto o suficiente para acenar a ele e tomar a próxima saída. O que significava que eles tinham homens criados para observá-lo em casa. *Merda.*

Ele usou o sistema de Bluetooth em seu caminhão para pedir um favor. Não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e precisava de alguém para cuidar de Darcy. Para se certificar de que ela estava segura. Havia apenas um homem que poderia chamar – um homem de confiança em sua vida, para se certificar de que ela não entraria em apuros.

O único problema era que o homem em questão era o irmão mais velho de Bayleigh. Não havia nenhuma maneira que pudesse dizer a Brant sobre seu envolvimento com Bayleigh ou que Bayleigh estava em perigo, embora houvesse uma chance do agente DHS já saber. Cade precisava de Brant para proteger Darcy e não fazer perguntas.



Felizmente, Brant lhe devia um inferno de um favor, desde que Cade tinha levado um tiro por seu amigo um par de anos atrás. O ângulo do tiro teria significado a morte de Brant, e Cade sabia que ele poderia sobreviver se interceptasse. Curto do que foi: Brant Scott lhe devia um inferno de um favor, e ele estava prestes a recolher.

"O quê?" Brant disse, na outra extremidade da linha.

"Eu preciso de ajuda, e não preciso de perguntas." Cade disse rapidamente. "Estou correndo contra o tempo."

Houve uma pequena pausa antes de Brant disse: "Conclua."

"Proteja Darcy. Carlos del Fuego colocou para fora um golpe nela. Isto já pode ser tarde demais."

"Eu tenho a cobertura." Disse Brant. "Tive a palavra esta manhã sobre a mudança de poder no cartel. Parece que um idiota no DHS estava segurando a notícia do coma de Miguel, para não se tornar de conhecimento público, de modo que estive sentado sobre ela por três semanas. Cabeças vão rolar na hora que estiver junto com eles."

Cade acreditava. Brant era um agente especial encarregado do DHS, e não era sem energia. Na verdade, ele sempre perguntava se Brant foi mais acima na cadeia alimentar do que ele mesmo sabia.

"Contanto que Darcy esteja segura." Disse Cade.

"Eu tenho meus olhos em sua casa enquanto falamos. Sabia que eles estariam atrás dela. Eu deixei seu primo, Cooper, saber sobre o perigo. Imaginei que ele ficaria chateado se não soubesse que algo poderia ir para baixo, já que ele é o xerife."

"Isso é um eufemismo." Cooper teria agentes para almoço e cuspi-los se descobrisse que alguma coisa estava acontecendo em sua cidade e ninguém o havia informado.

Brant grunhiu em acordo. "Coop vai ficar de olho em Grant e sua esposa, então eu não tenho que dividir minha atenção. Imaginei que a ameaça de Darcy foi a maior, desde que ela está sozinha e, basicamente, desprotegida."



Cade soltou uma respiração lenta, grato que seu amigo tinha um sexto sentido sobre estes tipos de coisas. Ninguém foi mais importante do que sua família e sua segurança foi prioridade. Sabendo que seu irmão e irmã estavam sendo observados depois foi um inferno de um alívio. E sabendo que Shane estava fora do país, em sua própria missão significava que ele não poderia entrar no meio das coisas por pelo menos mais algumas semanas. Até então, ele estava esperando que tudo estivesse acabado. A única incógnita era Declan. Era impossível achá-lo.

"Eu quero você dentro de casa." Disse Cade. "Eu não me importo o quão grande de um ajuste ela jogue. Quero que você seja sua sombra, até que a ameaça esteja desaparecida. Diga a ela que eu te dei permissão para sacudi-la em uma casa segura, se ela não cooperar."

O suspiro do outro lado da linha o teria feito rir em qualquer outro momento, porque Darcy era um punhado e todo mundo que já tinha passado cinco minutos em sua companhia sabia. Mas o pânico que entrincheirou dentro dele era muito profundo, arranhando muito, e a necessidade de chegar a Bayleigh pressionou sobre ele até que seu peito parecia que ia ser esmagado por blocos de concreto. Ele acelerou dentro e fora do tráfego, esperando como o inferno que não fosse tarde demais para salvá-la. O pensamento de que algo aconteça a ela era terrível, e trouxe de volta os pensamentos e sentimentos que tinha enterrado há muito tempo.

"Eu vou te dever." Disse Cade.

"Nós estamos no mesmo, meu amigo. Mantenha Bayleigh segura." Disse ele. "E não faça nada que me faça ter que te matar depois."

Brant desconectou e Cade balançou a cabeça. Bayleigh iria ficar puta se descobrisse que seu irmão a estava observando. Foi à única maneira que ele teria sabido que Cade tinha se inserido perfeitamente em sua vida em tão pouco tempo.

Olhou pelo retrovisor novamente e não viu outra cauda, então virou o caminhão para uma rua lateral bem traficada e deixou-o estacionado lá. Ele enviou um texto rápido para Declan e colocou o telefone no bolso de trás. A lua não foi suficiente para ver uma vez que



seus olhos se adaptaram à escuridão, mas não o suficiente para que ele não pudesse esconder-se nas sombras.

Foi uma caminhada de meia milha através da área arborizada atrás de sua casa, e era grato que não houve muita chuva nos últimos tempos para que o riacho estivesse acabando. Sua 0,9 milímetros descansava confortavelmente em sua mão, e ele se misturou com a escuridão quando veio na parte de trás de sua casa. As lâmpadas que tinha deixado acesas em sua sala de estar brilhavam suavemente através das sombras, quando puxou para baixo antes de sair, mas não era a sua casa, que tinha os cabelos na parte de trás do seu pescoço em pé.

A casa de Bayleigh foi lançada na escuridão completa. Nas duas semanas que ele tinha estado lá, ela sempre deixou a varanda acesa de trás e um par de lâmpadas ligadas em toda a casa. Ela também deixou a luz sobre a pia da cozinha o tempo todo. A casa *nunca esteve* em completa escuridão.

Ele superou as árvores e no firmamento do seu quintal, seus passos silenciosos quando se aproximou do convés aberto e área de caramanchão. O som mais ínfimo à sua esquerda havia lhe parando, suas orelhas em pé para os sons familiares do inimigo. A menos que foram treinados como tinha sido, era difícil para uma pessoa ficar completamente imóvel por longos períodos de tempo.

Carlos estava jogando um jogo, jogando com ele até que estivesse pronto para ir matá-lo. E ele fez Bayleigh um jogador, só porque Cade tinha estado muito quente por ela e manter suas mãos para si mesmo. Se Bayleigh estava em jogo, então não tinha escolha, além de mantê-la perto dele. Para sua própria proteção.

O som veio novamente e ele tinha a arma apontada com o dedo no gatilho antes do alvo ter chance de abaixar para se esconder.

"Não mova um fodido músculo." Ele rosnou.



CAPÍTULO OITO

Bayleigh engasgou quando o brilho opaco da arma brilhava a luz do luar, e ela afundou o queixo na banheira de hidromassagem, sentindo-se um pouco exposta no minúsculo biquíni preto que usava. Tudo o que ela queria era mergulhar longe o dia em paz e sossego, e nenhuma dessas palavras foram aquelas que ela usaria em conjunto com Cade MacKenzie. Pensou que transformar todas as luzes e fingindo que ela não estava em casa iria desencorajá-lo a procurá-la. Só precisava de tempo. Mas é evidente que seu plano havia falhado.

Depois que ele a tinha deixado naquela manhã, não tinha feito nada, além de pensar sobre o seu toque todo o dia, como se fosse um viciado à espera de sua próxima dose. Ela nunca tinha gozado assim antes, nunca pensou que fosse possível perder esse controle total da mente e do corpo. Foi perturbador e despertava ao mesmo tempo.

Cade conseguiu despír as camadas que tinha construído ao longo dos últimos anos em questão de minutos. Se estava sendo honesta consigo mesma, tinha chegado a ela nos primeiros cinco minutos depois que se conheceram.

Esse era o seu problema. Seu padrão. Ela acreditava na possibilidade de almas gêmeas, no felizes para sempre. E por causa de sua infância e da instabilidade que teve por não ter um lar permanente, ela estava constantemente procurando a única pessoa que pudesse dar a ela esse felizes para sempre e a estabilidade que desejava.

Esses pensamentos foram girando em torno de sua mente como a água encasulou seu corpo quando sentiu outra presença por perto. Ela não podia ver ou ouvir ninguém, mas definitivamente o sentiu. Seus irmãos sempre lhe disseram para confiar em seu primeiro instinto, porque era geralmente o certo. Ela não tinha pensado que tinha feito qualquer ruído, mas gritando por socorro ou correr para se esconder estava fora de questão, no momento em



que viu a arma apontada em sua direção. Ele tinha sido silencioso. Rápido. E, obviamente, mortal.

"Não mova um fodido músculo." Cade disse, sua voz quase levando toda pequena distância entre eles. "Você perdeu sua mente, Bayleigh? O que diabos está fazendo aqui?"

Bayleigh engoliu em seco. Ao vê-lo desta forma foi desconcertante. Movia-se como a própria noite, seu corpo ágil e gracioso como um gato perseguindo sua presa, e seu rosto estava duro, seus olhos letais. Este era um homem que poderia matar sem piscar um olho.

"A última vez que verifiquei esta é a minha propriedade e eu não tenho que verificar com você para relaxar." Disse ela, irritada com a forma como se encolheu. "Obrigada por soprar tudo isso para o inferno, a propósito."

"Eu pensei que você estava em apuros." Disse ele entre os dentes cerrados. "Todas as luzes estão apagadas em sua casa e você tem proteção absolutamente zero aqui, se alguém quiser prejudicá-la."

Bayleigh sentiu o calor de seu rosto e amaldiçoou a língua, mesmo quando ela abriu a boca. "As luzes estão apagadas na minha casa porque eu queria que você obtivesse uma pista. Eu não sinto como lidar com você novamente hoje. E sabia que você estava no meu quintal no momento em que pisou em minha propriedade."

"Sim?" Perguntou ele. Virou-se para a luz da lua que brilhava o branco de seus olhos apertados. Ele não parecia feliz. "Se eu fosse o inimigo, sabendo que estava aqui não teria feito um monte de bom. Você teria estado tarde demais para ter cobertura. Ou seja, estaria morta."

"Isto não é Bagdá, Cade. Que inimigos? Eu não tenho inimigos? Você, por outro lado, provavelmente tem mais do que sabe o que fazer com eles. Não acha que está exagerando um pouco?"

Ela ouviu a lâmina de metal contra couro quando ele guardou a arma e deu um suspiro de alívio. Seu pai e seus irmãos tinham a certeza que ela sabia como atirar com uma



arma, mas nunca esteve confortável com elas. E descobriu que especialmente não gostava de ter uma apontada para ela.

"Não, eu não estou exagerando." Disse ele, passando a mão frustrada por seu cabelo. "Vamos lá. Precisamos conversar." Ele estendeu a toalha para ela, mas ela já estava balançando a cabeça negativamente.

"Eu quis dizer o que disse esta manhã, Cade." Ela ignorou sua mão estendida e relaxou de volta na água, fechando os olhos como se isso fosse de repente fazê-lo desaparecer. "Você é sexy como o inferno e nós, obviamente, temos uma química, mas não nasci para isso. Eu sei o que quero e preciso de um homem, e você não é isso. Não posso foder sem sentido. Eu apenas não estou construída dessa maneira. Então, só me dê um pouco de espaço e vá para casa."

Bayleigh nem sequer sentiu-o vir até que foi tarde demais. Ela rangeu quando ele a puxou para fora da água e colocou a toalha em volta dela, com movimentos superficiais. Seus braços estavam presos à toalha, para que não pudesse lutar quando a jogou por cima do ombro como um saco de batatas e atravessou o quintal de sua casa.

"Nem um som, Bayleigh, ou vou bater em sua bunda tão vermelho, que não será capaz de se sentar por uma semana."

Ela congelou contra ele, sua boceta apertando com o pensamento de sua mão contra seu traseiro nu. Jesus, este homem era perigoso a cada pinga de sanidade deixou em sua cabeça. O pensamento de ser espancada sempre foi um desvio. Ou assim ela pensava. Mas assim que as palavras saíram de sua boca, ela estava jorrando como uma cachoeira em antecipação.

Ele destrancou a porta de trás e empurrou-a, o ar frio escapou trazendo arrepios em sua pele. Bayleigh mordeu o lábio quando ele puxou a arma do coldre e cutucou a porta abrindo um pouco mais com o pé. Uma vez que eles estavam lá dentro e que a porta estava fechada, ele a colocou sobre seus pés e tomou-lhe o queixo entre o polegar e o indicador.



"Fique aqui até eu voltar." Disse ele, e o olhar em seus olhos lhe disse que se ela desobedecesse que não ia gostar das consequências. Ela assentiu com a cabeça e deu um passo para trás quando ele fez o seu caminho através da casa, verificando o sistema de alarme e dentro de todos os armários.

Ela não tinha visto essa parte de sua casa quando estava dentro mais cedo naquela manhã, não que ela realmente estivesse prestando atenção em qualquer parte da casa com a língua na garganta dela e os dedos enfiados dentro dela. Mas agora que teve a oportunidade de olhar em volta, ela encontrou dentro da casa de Cade um estudo interessante do próprio homem. Isso foi aconchegante-masculino.

Algumas caixas ainda estavam empilhadas contra a parede, mas todo o mobiliário foi gasto, sofá de couro marrom que parecia confortável para dormir e um tapete em forma de gancho em cores neutras sentou-se no meio da pista em um arranjo. As mesas eram velhas e pesadas, e um par de cadeiras estofadas ladeavam a lareira. Era uma sala confortável, e fez Cade parecer um inferno de muito mais humano do que quando a primeira vez que pôs os olhos em cima dele.

Até o momento que finalmente voltou de verificar a casa, ela estava tremendo a sério e se preocupação começou a penetrar na neblina de luxúria que parecia rodeá-la sempre que ele estava por perto. Ele estava agindo muito estranho.

"O que está acontecendo, Cade?"

Ele desabotoou o coldre de ombro e colocou-o na gaveta de cima do buffet que tinha em sua sala de jantar, e sua boca ficou seca quando ele tirou sua camiseta sobre a cabeça e jogou-a no sofá, sem se preocupar em responder a sua pergunta. Ele veio em sua direção com um propósito, e sua mão apertou a toalha em torno dos seios.

"Nós vamos terminar o que começamos esta manhã." Disse ele. "Estou indo para afundar dentro dessa buceta doce até que eu possa pensar de novo, porque juro que não fui capaz de te tirar da minha cabeça, desde que você jogou as chaves nela. E depois que temos fodido a quase exaustão, nós vamos ter uma conversa sobre o que está acontecendo."



Bayleigh colocou a mão em seu peito para afastá-lo, mas era difícil manter a atenção na tarefa com a sensação de seus músculos tensos sob seus dedos. Ele era quente ao toque, o cabelo em seu peito apenas uma textura adicional à sensação.

"Não sou estúpida, Cade, e você não vai me distrair por me levar para a cama. Eu já te disse que mudei de ideia, embora eu ficasse feliz em jogar Monopólio, se você está apenas solitário."

Ela quase sorriu com a maneira como seus olhos se estreitaram. O homem não gostava de ser dito que não, e gostou da forma como o seu temperamento desgastava nas bordas e as veias do pescoço pulsavam quando ela se levantou para ele.

"Diga-me o que está acontecendo." Disse ela. "Você está em apuros? É o caso que está trabalhando? Meu irmão disse..." Bayleigh manteve a boca fechada, mas era tarde demais. O estrago já estava feito.

"Seu irmão disse o quê?" Perguntou ele.

Seus olhos escureceram e ela tentou não recuar quando estendeu a mão para ela. Ela não estava esperando a carícia suave de seus dedos contra a palma da sua mão, e se sentia culpada por pensar o pior. Violência vivia dentro de Cade, sem dúvida, mas ela sabia em sua alma que ele era um bom homem. Viu quando ele mencionou sua família, o amor e carinho que brilhava em seus olhos. E seu próprio irmão respeitava Cade, ela tinha sido capaz de dizer pelo jeito que falou sobre ele.

Ela soltou um suspiro longo e lento quando tomou seu pulso e levou a mão ao peito, ao mesmo tempo se aproximando, até que ela ficou presa entre seu corpo duro e parte de trás do seu sofá.

"Você está me vigiando, Bayleigh?"

"Não, não é de propósito. Mas isso não significa que os meus irmãos não vão parar de oferecer as suas opiniões, se eu quiser ou não. Brady ainda não prendeu a mente em seu próprio negócio. Brant é apenas um pouco melhor."



"E acho que você não é muito boa em tomar o seu conselho, caso contrário não teria estado na minha garagem esta manhã gozando em torno de meus dedos."

"Pare de tentar me distrair da minha pergunta, maldição." Ela empurrou contra ele, mas ele não se mexeu, e a ereção crescente contra seu estômago estava começando a se tornar uma distração. "Brady também disse que estava trabalhando em um caso com o DEA. É por isso que você estava esgueirando através do meu quintal como um ladrão?"

"Eu gosto de uma mulher que está determinada a conseguir o que quer." Seu sorriso era afiado e ela viu um flash de dentes brancos em linha reta pouco antes dele morder o lábio inferior. "Isso só faz com que seja muito mais gratificante quando eu a tiver implorando abaixo de mim."

"Não vou desistir." Alertou.

"Deus, espero que não."

Ele afrouxou a toalha que estava segurando contra o peito, e seu fôlego foi quando seus dedos traçaram a curva de seus seios. Seus seios estavam tão sensíveis, cada golpe vibrando através de sua boceta, como se ele já estivesse tocando lá.

Os pensamentos de Bayleigh espalharam quando ele tomou sua boca em um beijo quente, sua língua deslizando dentro e guerreando com a sua própria. Ela não conseguia afastá-lo. Não outra vez. Pelo menos não até que o tivesse dentro dela. Era como se estivesse esperando por muito tempo, e não podia negar-se por mais tempo.

Ele puxou a corda de seu biquíni e ela sentiu as taças soltarem – coisa do tecido úmido no local foi pressionada contra o peito dela. Suas mãos deslizavam pelas costas e seguraram sua bunda, puxando-a contra sua ereção, e ela enganchou uma perna ao redor de sua cintura para tentar maximizar o prazer.

"Não há como parar desta vez, Bayleigh. Vou levá-la sempre que posso. Vou invadir seu corpo e mente a tal ponto que tudo que você faça é pensar de mim, vai fazê-la me querer mais."



Sua boca encontrou a dela novamente, quase freneticamente, e ele a circulou para o quarto, seus sentidos tão nublados com luxúria, ela foi tonta com a sensação. Seus polegares apertando em suas partes inferiores do biquíni e ele puxou-os para que caíssem em torno de seus tornozelos. Ela gritou quando sentiu os dedos deslizarem pelas costas e nas dobras encharcadas entre suas pernas. Ele afundou dois dedos nas profundidades de sua vagina e puxou-os para fora, repetindo o movimento uma e outra vez até que seus joelhos cederam e apertou seu braço ao redor da cintura dela para impedi-la de entrar em colapso.

Suas costas arquearam e sua cabeça caiu, a boca apertando em torno de seu mamilo e seus dentes raspando contra o botão sensível. Seus dedos reuniram a umidade de sua vagina e arrastaram para o pequeno buraco franzido de seu ânus, circulando a entrada proibida.

"Cade." Ela ofegou, sacudindo a cabeça enquanto seu dedo pressionava na passagem apertada.

"Você está com fome de mim aqui." Ele sussurrou, reunindo mais umidade da boceta dela e trazendo-o de volta à sua passagem traseira, desta vez empurrando dois dedos dentro dela. "Você está apertando os meus dedos como se não quisesse me deixar ir. Vai fazer o mesmo com meu pau, apertando ao redor dele, quando eu te foder com movimentos longos e lentos."

"Não, Cade. Eu não posso." Ela choramingou. "É muito."

Ele repetiu os movimentos, reunindo umidade e lubrificação em seu buraco de trás, uma e outra vez até que ela estava empurrando contra ele, ansiosa para sua penetração. E, quando a boca rodeou seu mamilo mais uma vez e começou a sugá-lo a tempo do ritmo de seus dedos, estava perdida.

Ela veio desfeita. Sua bunda apertou ao redor de seus dedos e sua boceta divulgou os sucos de seu desejo. Gritos silenciosos ecoavam em sua mente enquanto se quebrou em um milhão de pedaços e escuridão cobriu como um cobertor. O tempo e o espaço deixaram de existir.



Bayleigh suspirou quando lençóis frescos tocaram atrás e os lábios de Cade sussurraram através de sua pele com beijos de borboleta. Ela estava flutuando em êxtase. Mas não foi até que sentiu o metal frio de algemas travarem em torno de seus pulsos que seus olhos se abriram. Uma vela solitária brilhou no criado-mudo, mas havia luz suficiente para ela ver seu entorno.

Não me lembrou dele ter tempo para acender uma vela. *Jesus, por quanto tempo ela tinha saído?*

A enorme cama, que foi colocada dominava o centro do quarto grande espetando colunas a partir dos quatro cantos e as algemas foram anexadas a um longo pedaço de corda preta pelo que os braços foram levantados diretamente acima de sua cabeça.

"Que diabos, Cade?" Ela sacudiu os punhos, puxou a corda, mas não cederam quando ela puxou.

"Eu disse que estava indo para amarrá-la a minha cama."

Ele ficou ao lado da cama e abriu o botão da calça jeans. Sua excitação era grossa e dura atrás do jeans, e sua respiração ficou presa na lembrança de como ele pareceu a última vez que o vira – impossivelmente enorme. Mas a ganância guerreou com a preocupação.

"Lembra-se do primeiro dia, Bayleigh? Assim que eu mencionei minhas algemas seus mamilos apertaram e o pulso em seu pescoço flutuava."

Ele empurrou sua calça jeans passando seus quadris e saiu delas, deixando o olhar preencher. Sua boca encheu de água com a visão dele. O homem nunca deveria usar roupas. Seu peito e abdômen ondulado com músculos, e os pequenos recuos apenas acima de cada lado do seu osso pélvico havia lhe lambendo os lábios com a necessidade de mordê-lo apenas lá. Tinha outra tatuagem que ela não tinha notado baixo em seu estômago, um projeto menor semelhante ao que envolveu em torno de seu ombro e para baixo do braço.

Ela notou a cicatriz em sua mão direita e as marcas brancas irregulares sobre o peito dele, mas o tecido franzido ao longo de sua coxa trouxe lágrimas aos seus olhos. Como ele tinha sobrevivido aos ferimentos que marcaram seu corpo? Eles não a repudiaram em tudo



somente adicionaram ao seu apelo global, mas que a fez pensar quem ele realmente era. A vida que levava.

"Eu gostaria que você pudesse ver o olhar em seus olhos." Disse ele, arrastando-se na cama ao lado dela.

Ela lutou contra os laços de novo, querendo nada mais do que ser capaz de tocá-lo. "Eu não gosto disso, Cade. Quero ser capaz de tocá-lo. Não vou ser controlada por qualquer homem."

"Você vai ter sua chance, querida. Na verdade, vou ter certeza de que você consiga me tocar. Eu sonhei com essa boca sexy tomando meu pau, engolindo-me todo."

Bayleigh lambeu os lábios nervosamente enquanto ele se aproximou, empurrando travesseiros debaixo de sua cabeça, para que ela estivesse apoiada em um bom ângulo. Ele correu os dedos pelos cabelos e montou nela, assim seu pênis estava alinhado com os lábios.

"Leve-me, Bayleigh. Deixe-me foder sua boca."

A queda de pré-sêmem que brilhava no final de seu pênis era muita tentação, e sua língua jogou fora, saboreando a essência salgada que explodiu contra sua língua.

"Porra." Ele rosnou, sua cabeça caindo para trás sobre seus ombros.

Sua boca se abriu em torno dele e sua língua circundou a cabeça levemente, gastando um tempo extra na parte de baixo, onde ele parecia ser mais sensível. Ela o deixou guiá-la, a pressão sobre o couro cabeludo ardendo quando ele empurrou ainda mais em sua boca. Seus olhos lacrimejaram enquanto ajustava ao seu tamanho e pânico agarrou a ela quando ele parecia crescer cada vez maior.

"Relaxe sua garganta, bebê. Respire pelo nariz. É isso aí." Ele sussurrou encorajando quando ela fez o que pediu. "Toda vez que eu bater na traseira de sua garganta, quero que você engula."

Bayleigh olhou para ele sob as pálpebras abaixadas, tendo em leve brilho de suor que revestia seu corpo e a forma como seus músculos tremiam. Suas bochechas estavam



escavadas e sua respiração dura quando ele começou a puxar para trás. E foi então que ela percebeu o quanto o poder que ela tinha com restrição ou não.

Ela rodou a língua mais uma vez em torno de sua cabeça, uma vez que ele tinha puxado quase todo o caminho para fora e, em seguida, engoliu-o para baixo, quando ele atingiu a traseira de sua garganta mais uma vez. Seus dedos apertaram em seu couro cabeludo e ela gemeu ao redor dele quando sentiu seu próprio prazer escalar. Apertou os lábios ao redor dele conforme empurrou de volta para dentro de sua boca, segurando-o preso enquanto sua língua trabalhava a magia em torno de seu pênis.

"Porra, eu vou gozar."

Bayleigh gemia e engoliu em seco, seus olhos lacrimejando enquanto o sentia inchar ainda mais na boca. E quando os jatos doces de gozo revestiam a garganta dela tudo o que podia fazer era bebê-lo e desejar mais.

Ele relaxou seu controle sobre sua cabeça e puxou o pau duro ainda em sua boca lentamente, com os olhos atordoados com prazer, ela lambeu os lábios, saboreando-o uma última vez.



Cade olhou para a sereia na frente dele e sabia que estava em apuros. Sabia que ela não tinha um monte de grandes experiências com sexo, ou realmente toda uma experiência para começar. Pelo menos, não no mesmo nível que ele estava acostumado. Mas tinha



acabado de engoli-lo como se tivesse nascido para chupar o pau dele, e dane-se se ele não estava olhando a frente para ela fazê-lo novamente.

Mas não havia nenhuma maneira no inferno que ele pudesse ir por mais tempo sem estar dentro dela. As duas últimas semanas tinham sido uma tortura. Ele moveu os travesseiros debaixo de sua cabeça e moveu-os sob seus quadris, apreciando a forma como a seda de seu cabelo espalhava por seus lençóis escuros. Seus seios eram maduros e cheios diante dele, com os braços ainda presos, e essa boceta nua estava tão molhada que podia ver o revestimento de creme em suas dobras.

"Por favor, Cade." Ela implorou. "Eu não posso esperar mais."

Ele estendeu a mão para a gaveta do criado mudo e tirou uma camisinha, jogando-se na cama ao lado dela antes de espalhar suas coxas mais amplas. Os travesseiros tornaram mais fáceis de vê-la totalmente, as dobras rosa de sua vagina e seu clitóris intumescido chegando através das pétalas. Seu dedo traçou ao longo das bordas e seu corpo arqueou, a cabeça se debatendo de um lado para outro.

Ele não podia resistir à tentação, e sua língua espetou dentro dela, saboreando e lambendo a paixão líquida que revestia a língua. Ela gritou e empurrou seus quadris contra ele, as restrições em torno de seus pulsos tensas, enquanto seu corpo se curvou e estremeceu. Seu dedo empurrou em sua bunda mesmo quando sua língua alternava entre circulando o clitóris e deslizando dentro dela. A sensação era demais, e seu néctar encheu a boca. Seu pênis ficou ainda mais duro quando ela gritou seu prazer.

Ele levantou-se entre suas coxas, seu pau saliente ferozmente quando pegou a camisinha e rasgou o embrulho. Deslizou rapidamente e levantou as pernas para os tornozelos descansarem em seu ombro.

"Cristo, eu já posso sentir a necessidade de gozar." Disse ele, sua voz tão rouca que mal reconheceu.



Seus olhos encontraram os dela, enquanto a cabeça grossa de seu pau separou suas dobras. Seu rosto estava corado e úmido com o desejo e sua respiração era irregular, entrou em pânico quando sentiu o tamanho dele quebrar seu túnel.

"Relaxe, bebê."

"Eu não posso." Ela gritou, sacudindo a cabeça em negação, mesmo quando ele empurrou dentro dela um pouco mais. "É muito."

"Você vai me levar, Bayleigh. Não lute contra isso." O polegar foi para o seu clitóris e pressionou o botão tenso, e as ondulações dentro de sua vagina quase lhe tinha gozando cedo demais. "Porra, você é apertada."

Ela relaxou ao seu redor pouco a pouco, e ele não deu a ela a chance de mudar sua mente. Bateu dentro dela ao máximo, arregalando os olhos com a invasão e, em seguida, tornando-se confuso quanto a paixão ela oprimiu. Ele deixou cair as pernas de seus ombros e arqueou sobre ela, apoiando os braços de cada lado do seu corpo, sua boca foi para seu peito enquanto ele atacava dentro e fora dela.

Este era o céu, pensou, raspando os dentes em seu mamilo e sentindo suas paredes internas apertarem ao redor dele. Vinha cozinhando em suas bolas, mas se conteve, querendo dar-lhe mais prazer. Mas quando olhou em seus olhos, não era paixão que ele viu lá, mas pânico. Ela estava pensando muito duro. Sobre o quê, não sabia, mas percebeu que ela era insegura sexualmente. E ele sabia que acreditava que iria decepcioná-lo, e que ela estava esperando não ser capaz de gozar com ele dentro dela.

"Não lute contra isso, Bayleigh. Apenas sinta. Sinta meu pau dentro de você. É tudo o que importa, bebê. Nada mais."

Ele mudou o ângulo de suas investidas para que estivessem mais rasos, batendo dentro em um ponto que a teve empurrando contra ele com surpresa e envolvendo suas pernas apertadas ao redor de sua cintura. O suor escorria das têmporas e ele sabia que não seria capaz de durar muito mais tempo.

"Agora, Bayleigh. Agora, porra."



As ondas em torno de seu pênis começaram em ondulações lentas e, em seguida, tornou ondas pulsando quando o orgasmo explodiu através de seu corpo. Ela gritou seu nome enquanto ele continuava a dirigir dentro de sua carne firme, e se apertou como um torno ao redor dele. Não havia nada que pudesse fazer para segurar sua própria libertação, e suas costas se curvaram e sua pele apertou quando atirou o córrego de fluxo de gozo quente dentro dela. Nunca em sua vida tinha lamentado o uso de um preservativo tão ferozmente. Ele queria ser dono dela. Possuí-la. E o látex fino o tinha impedido de fazer isso.

Caiu em cima dela, mal tendo a premeditação para recuperar o peso com o braço antes que a esmagou. Bayleigh estava mole debaixo dele, seus olhos fechados e sua respiração entrecortada. Ela estava fria, e um sorriso tremia em seus lábios quando ele soltou os pulsos das restrições.

Ele foi ao banheiro e descartou o preservativo, trazendo de volta um pano quente para enxugar as evidências de sua relação amorosa em sua pele inchada. Seu telefone tocou no bolso da calça jeans e ele pegou, sua expressão sombria enquanto lia o texto. Tinha duas horas de inatividade, antes que ele tivesse que voltar para o trabalho.

Olhou para Bayleigh, ainda no centro de sua cama, imaginando o que ia fazer com ela. Não tinha feito um ponto realmente dormindo com suas amantes ao longo do último par de anos. Não, desde que Carmen tinha sido a mulher que compartilhou sua cama. Mas, mesmo quando teve o pensamento, Bayleigh rolou para o lado dela e parecia enrolar em si mesma. Ela não era como as mulheres que normalmente levou para sua cama. Ela era mais suave. Não era tão cínica. E merecia ser realizada.

Cade suspirou e soprou a vela em sua mesa de cabeceira antes de puxar Bayleigh em seus braços e empurrar os cobertores sobre eles. Ele poderia segurá-la por mais um pouco. Não era como se fosse permanente. O lembrete fez pouco para aliviar sua consciência, quando ele se aconchegou contra ela, perguntando se ela deveria se sentir tão bem em seus braços.



CAPÍTULO NOVE

Cade deslizou para fora da cama duas horas mais tarde e se vestiu no escuro, deixando Bayleigh encasulada debaixo das cobertas. Ele usava calças pretas de carga e uma camisa preta de mangas compridas, e puxou o cabelo para trás na nuca para que não fosse ficar em seu rosto.

O cofre no seu armário abriu silenciosamente e pegou as duas pistolas que tinha na mão que não eram as armas de serviço, enfiou munição extra em seus bolsos e colocou óculos de visão noturna sobre sua cabeça. Ele não acreditava em entrar em qualquer situação despreparado, e não tinha nenhuma intenção de arrastar o seu Capitão ou qualquer um dos policiais locais em sua bagunça. Era sua para limpar, e isso era exatamente o que ia fazer.

Ele apagou a luz que tinha deixado na sala de estar e verificou todas as janelas e portas para que não houvesse nenhuma maneira que alguém pudesse ver o interior. Ele estaria de volta muito antes que Bayleigh acordasse, mas ainda não queria correr o risco de que alguém pudesse identifica-la tão facilmente.

Ele escapou da casa calmamente, certificando-se de seu quintal estava claro antes de ir para o riacho. Sabia que Declan estava lá, mas o homem era como um fantasma, entrando e saindo das sombras, como a névoa sobre a água. Um galho quebrou a sua esquerda, e Cade sabia que Declan tinha feito o barulho deliberadamente para identificar sua localização.

Seu irmão estava vestido de forma semelhante em preto, e Cade não percebeu pela primeira vez o quanto eles se pareciam na aparência, muito mais do que Shane e Grant, que assumiram após sua mãe. A única diferença nele e Declan era a coloração de seus olhos. Declan era uma sombra sinistra de cinza-prata, que poderia se transformar frio como gelo ou duro como aço. Ele também foi um par de centímetros mais baixo do que Cade, apenas no topo de dois centímetros em mais de um metro e oitenta e três.



"Há uma elevação apenas no lado oposto da sua rua." Disse Declan por meio de saudação. "É muito arborizado e há uma abundância de bons esconderijos. Eles têm um tiro certo sobre a casa da vizinha e a sua. Você mantém todas as luzes apagadas e as cortinas fechadas para que eles não estejam vendo muito, exceto para o seu ir e vir. Por outro lado, a sua vizinha é uma outra história. Eles podem ver através de sua casa, e não seria difícil para um bom atirador obter uma pérola sobre ela, se é isso que Carlos queira. A única vez que eles não podem ver dentro é quando você vai em suas visitas noturnas."

A testa de Declan levantou uma pergunta em silêncio, à espera de Cade para dizer-lhe exatamente o que estava acontecendo durante suas visitas noturnas, mas Cade optou por ignorá-lo e fazer o seu próprio.

"Eu pensei que você estava indo para uma missão." Ele seguiu Declan ao longo da borda do riacho por cerca de um quilômetro, antes de seu irmão responder.

"Acontece que você era a missão." Declan voltou e Cade viu um flash de dentes brancos quando o seu irmão sorriu. "Meus superiores tinham uma sensação de que você ia tentar chamar Carlos para fora. Eles nunca acreditaram por um segundo que você estava falando sério sobre como se tornar um policial da cidade. É uma boa cobertura embora. Tenho estado mantendo-me com os casos que você lidou no último par de semanas. Você já fez muita coisa boa para eles. Limpando muitas safras. O Capitão Kelly está certamente impressionado. Talvez você devesse ficar."

"Eu não sei." Cade disse, encolhendo os ombros. "É diferente, isso é certo. Não tenho sido baleado ou esfaqueado ainda. É uma mudança agradável."

"Dê-lhe mais alguns dias. Tenho certeza de que você terá outra cicatriz para adicionar à sua coleção."

Eles circularam em volta e dirigiram-se a subida íngreme que olhou para baixo em sua rua. Carlos não iria colocar ninguém muito importante de plantão a essa hora, a não ser que estivesse pensando em coisas como escalada para se livrar de Bayleigh. Ele teve que tomar a sugestão de Declan sobre um franco-atirador tentando levá-la ao coração, mas Carlos não era



assim normalmente impessoal. Carlos queria que Cade sofresse, e matando Bayleigh pessoalmente seria o caminho certo para fazer isso. Se Carlos soubesse o quanto Bayleigh estava começando a significar para ele, então, não haveria a dizer os extremos que ele iria fazer.

Cade observou Declan enquanto seguia logo atrás dele, a maneira como ele se movia como se fosse parte da própria natureza, seus movimentos fluidos, sua intenção mortal. Mais de um fantasma do que Cade jamais poderia esperar ser. E ele não se perguntou pela primeira vez exatamente qual parte do governo Declan trabalhava. Declan teve os dedos em um monte de tortas, e parecia estar sempre disponível para qualquer organização que precisava dele. Ele também não seguia as mesmas regras como agentes regulares foram restritos. Declan era uma lei para si mesmo.

Eles pararam em um afloramento de árvores um pouco acima de onde os homens de Carlos tinham tomado posição, e ele e Declan fizeram sinais com as mãos para indicar quantos viam. A boca de Cade apertou quando viu o atirador deitado no chão, completamente focado, olhando através da mira de sua arma na direção de sua casa.

Foi uma coisa malditamente boa que Bayleigh havia estado determinada evitá-lo e virou todas as suas luzes, ou poderia ter sido morta antes que tivesse chegado a ela. Carlos ia pagar por isso.

Havia o total de cinco homens, e Declan indicou com sinais de mão que ele precisava de pelo menos dois deles vivos, para ter de volta com ele no interrogatório. Cade concordou com relutância, mas entendeu o valor da informação. Havia muitos componentes que a missão deixou de destruir. Eles ainda tinham os cientistas e laboratórios para lidar com eles. Mas o atirador não estava indo para ser um dos sobreviventes.

Ele e Declan se moveram como um, caindo sobre suas metas a partir do topo da encosta e flanqueando-os em ambos os lados. Não houve necessidade de usar suas armas, não quando suas mãos eram armas tão eficientes.



Cade despachou o atirador rapidamente, torcendo seu pescoço com precisão mortal. Ele sentiu o deslocamento de ar atrás de si, sabendo que outro estava vindo por trás dele, e se esquivou a tempo de evitar a lâmina ímpia, por isso cortado ao longo de seu braço, em vez de em suas costas. Mas a dor em sua carne não o impediu de alcançar seu objetivo. Ele terminou o segundo homem fora de forma rápida e, em seguida, foi para ajudar Declan amarrar e amordaçar dois homens que ele tinha inconsciente.

"Volte para Bayleigh." Disse Declan. "Minha equipe vai limpar essa bagunça."

"Merda." Cade disse, sentindo o corte em seu braço.

Sangue embebia sua camisa e escorria os dedos. Foi mais profundo do que ele pensava, e não havia nenhuma maneira que poderia fazê-lo remendado sem Bayleigh descobrir.

"Você vai ter que tomar uma decisão onde ela está em causa, Cade. Ela ainda não sabe o que está acontecendo aqui, ou que você tenha jogado a sua vida em perigo. Parece um inferno de uma chance de ter uma mulher que é apenas uma foda sem sentido."

Cade teve Declan pela frente de sua camisa e apoiado contra uma árvore antes que a névoa vermelha de raiva pudesse limpar de sua visão. Ele deixou cair sua mão e ignorou o sorriso satisfeito de Declan. Deus, que tipo de idiota completo era ele? Tinha decidido assim que tinha visto Bayleigh que ia tê-la.

Tinha havido muito desejo entre eles para exercer qualquer tipo de autocontrole. E decidiu levá-la, com toda a intenção de ser uma merda sem sentido ou sete, assim como Declan tinha acusado. Talvez se ele não tivesse estado apenas dentro dela um par de horas atrás ainda se sentisse assim. Mas esteve dentro dela, e sabia imediatamente que ela não ia ser tão fácil de se afastar como tinha planejado.

"Você pode ir embora agora e podemos colocá-la em uma casa segura. Carlos iria esquecer-la assim que você perdesse o interesse, e sua atenção não estaria lascada. Eu já posso dizer que você está perdendo o foco." Declan disse, apontando para o ferimento no braço do Cade. "Ela está inocente nisso."



"Eu sei disso, maldição. Mas não estou afastando ainda. Ela sabe a pontuação, e veio para o caso sabendo que eu não estava nisso por um relacionamento. Este não é o seu negócio, Declan. Quero um de seus homens nela quando eu não posso estar lá. Nós a manteremos segura, Declan é inegociável. Não vou mandá-la embora."

"Não iria matá-lo admitir que seus sentimentos podem correr um pouco mais profundo do que você quer. Você está autorizado a ser feliz."

Cade fez uma careta para seu irmão e virou as costas para as palavras que cortaram nele como uma faca. Ele desceu o caminho que vieram, de volta por entre as árvores que cercavam sua rua, em um casulo privado, e ao longo do leito do riacho raso até chegar ao seu quintal. Declan estava certo. Ele não podia dar ao luxo de ter seu foco se estilhaçando. Ele poderia manter Bayleigh segura e manter seu relacionamento físico, enquanto não deixasse a emoção entrar em jogo.



Bayleigh sabia que Cade foi embora no momento em que ele tinha saído da cama. Ela tinha perdido o seu calor imediatamente, o toque de suas mãos através de seu estômago, segurando-a como se tivesse sido assim sempre.

Ela com certeza poderia pegá-los.

Isso ia doer quando o assunto acabasse, não há dúvida sobre isso. Ela já tinha dado muito de si para ele. Ele exigiu muito. E agora não havia nenhuma maneira de levá-lo de volta. Desejou que pudesse aproximar-se num caso com um homem sem expectativas ou



emoções envolvidas, mas simplesmente não foi construída dessa forma. E foi um erro para tentar com Cade.

Ela acendeu a luz de cabeceira e saiu da cama, caminhando até suas portas do armário abertas para encontrar uma camisa, uma vez que tudo o que tinha com ela era um biquíni úmido. Seu corpo doía e latejava em lugares que não estava acostumada a doer. Cade tinha tomado como nenhum de seus outros amantes antes. Ele prestou atenção às suas necessidades, trabalhou para se certificar de que ela estava satisfeita.

Ela tinha visto a expressão torturada em seu rosto quando segurou, esperando por ela encontrar satisfação. Isso a fez amá-lo mais. Deus, ela era louca. Não podia dar ao luxo de amar um homem como Cade MacKenzie.

Sua camisa pendurava nos joelhos e ela abotoou-a lentamente quando entrou na sala principal de sua casa. Estava escuro como breu dentro, nenhuma uma luz em qualquer lugar, e perguntou novamente o que estava acontecendo. Cade não estava na casa, e ela vislumbrou a arma em sua mão antes que deixou o quarto.

A porta se abriu silenciosamente, mesmo quando ela teve a ideia, e Cade deslizou para dentro, arqueando as sobrancelhas em surpresa quando a viu em pé lá.

"Gosto de vê-lo aqui." Disse ela. "Não acho que vai me dizer o que é isso tudo, não é?"

Ele jogou o ferrolho e se dirigiu para a cozinha, remexendo na despensa por uma garrafa de uísque, e Bayleigh mal continha o rolar de olhos. Ele misturou-se com a escuridão, apenas o seu contorno visível enquanto se movia ao redor com familiaridade.

"Você sabe, suas habilidades com as pessoas precisam de trabalho." Disse ela. "Você não tem sido capaz de manter a boca fechada durante a última semana, se intrometendo na minha casa e tentando me irritar por discordar de mim em cada posição que tenho apenas para ser contrário, e agora, de repente, você não pode encontrar nada para falar. O que está escondendo de mim, Cade?"

Cade sorriu para ela, o brilho de seus dentes brancos desconcertantes na escuridão, e ele jogou de volta o uísque como se fosse água.



"Por que eu preciso falar quando você faz o suficiente para nós dois?"

"Se eu fosse uma mulher normal, provavelmente estaria ofendida por isso, mas tenho irmãos. E juro que ouvi todos os insultos antes. Sei também quando um homem está sendo estúpido e tenta parar a conversa. Assim que você pode me dizer o que está acontecendo. Eu posso ser persistente."

Ela ouviu seu suspiro e foi até a parede para ligar a luz, cansado de ser confinada à escuridão.

"Não, deixe-a desligado por enquanto." Disse Cade.

"Eu não vou ter essa conversa com você no escuro."

"Então vou acender uma vela."

Ele vasculhou outra gaveta da cozinha até que saiu com os jogos, e acendeu a vela branca gorda que se sentou no meio da sua mesa de cozinha.

"Você está bem?" Perguntou ela, a sensação de que algo estava fora formigando na parte de trás de sua mente.

"Nunca estive melhor. Embora eu não me importasse de uma repetição do anterior."

"Não até que você comece a falar."

Ela observou Cade cautelosamente enquanto pegou outro copo do armário e o colocou sobre a mesa, uma peculiaridade desafiadora fixa em sua boca. Ela sentou-se e aceitou o uísque que empurrou na frente dela. E, em seguida, se sentou em sua frente, seus traços duros à luz das velas, e ela engasgou. Seu rosto estava penteado com suor e havia dor em seus olhos quando encontrou seu olhar. Ele bateu de volta o segundo copo e pareceu desinflar contra a cadeira.

"O que aconteceu, Cade? Você se machucou?"

Ela foi para cima e ao redor do seu lado em um instante, seus dedos escovaram a parte de trás do cabelo que tinha caído sobre a testa. Ela segurou dois dedos para batida do pulso rápido em sua garganta e, em seguida, trabalhou seu caminho até que seus dedos tocarem a substância pegajosa em seu braço.



Ele assobiou uma respiração ao seu toque e despejou mais uísque no copo. "Não toque."

"Você precisa de um médico."

"Sem, doutor. Não desta vez. Estamos seguros aqui para a noite, mas não quero que ninguém saiba que eu me machuquei. Eles vão aproveitar a fraqueza."

"Quem? O que está acontecendo, Cade?"

Ele suspirou e descansou a cabeça contra o peito, deixando a guarda pela primeira vez que o tinha visto. Isso o fez quase humano. Como se ele não fosse tão duro quanto queria que todos acreditassem.

"Sinto muito, Bayleigh." Disse ele, olhando para ela, seus olhos insondáveis piscinas de preto. "Vou ser honesto com você. Você está em perigo por minha causa. Porque eu não conseguia manter meus olhos e minhas mãos longe de você."

"Não foi apenas um dos lados, Cade. Eu não conseguia manter as mãos longe de você também. Agora me diga o que está acontecendo."

"Eu estava envolvido em uma operação encoberta há alguns anos atrás." Disse ele em voz baixa. "Entrei no cartel de drogas de Miguel del Fuego, com o objetivo de levá-los para fora da existência, de encontrar onde os compostos estavam escondidos, os cientistas, para os compradores nos EUA. Eu era uma das piores pessoas que existiam por três anos, porque tinha que provar que era quem eu disse que era. E acredite em mim, eu era muito convincente."

Bayleigh podia ver a tortura girando em seus olhos, a culpa sobre as coisas que ele tinha que fazer, e a visão partiu seu coração. Não admira que ele parecesse tão frio e distante. Estaria fazendo tudo o que pudesse para fechar-se fora do passado.

"Está tudo bem, Cade. Você não tem que me dizer alguma coisa que está desconfortável." Disse ela, lamentando que praticamente o obrigou a lhe dizer. "Vamos para o banheiro. Vou ver o que posso fazer para o seu braço."



Ela pegou a garrafa de uísque e seguiu até o banheiro no corredor pequeno. Não passando seu aviso de que ele tinha dentro e fechou a porta antes que acendeu a luz. Este banheiro estava sob as escadas, então não havia uma janela. Ele tirou a camisa, e ela fez uma careta quando a corte veio à tona.

"Eu odeio dizer isso, mas você vai ter que ver um médico. Precisa de pontos."

"Consiga-o limpo e deixe-me decidir a partir daí." Disse ele teimosamente.

"Será que o mataria para dizer, por favor?"

Encostou-se à penteadeira, suas pernas ligeiramente afastadas, e ele passou o braço em volta dela, puxando-a para mais perto, até que ela estava entre suas coxas. Seu coração batia em seu peito, e apenas tão rápido que podia sentir-se amortecendo para ele, com um toque.

"Por favor." Ele sussurrou contra seus lábios, sua língua traçando a curva cheia de ânimo leve antes de sua boca pressionar contra a dela.

Foi a primeira vez que a tinha beijado com tanta delicadeza, onde o calor teve a chance de começar como uma pequena chama e se transformar em algo mais, ao invés da explosão imediata que ela tinha crescido acostumada. Ela se afastou, os olhos dela largos e as pernas tremendo.

"Você não pediu para usar a minha camisa." Disse ele. "Parece que suas boas maneiras são tão ruins quanto aminhas."

"Eu vou ter certeza de devolvê-la depois de olhar o seu braço." Sua garganta estava seca como poeira, e se ele não parasse de circular com o dedo na parte de trás da coxa, exatamente onde sua camisa terminou, ia ser uma poça chorando aos seus pés. "Você tem um kit de primeiros socorros?"

"Sim." Disse ele, soprando um longo suspiro, sua excitação óbvia por trás do tecido esticado da calça cargo. Ele empurrou-a para trás suavemente e se abaixou para pegar o kit de primeiros socorros debaixo da pia.



Bayleigh molhou um pano com água morna e limpou o sangue. Viu seu quinhão de arranhões e cortes crescendo com Brady e Brant, e sabia quando uma ferida precisou levar pontos. Homem teimoso.

"Aqui." Ele disse, empurrando o uísque quando ela sentou-se ao lado da pia em sua mão. "Eu não tenho nenhum antisséptico. Isto é tão bom quanto qualquer outro."

Bayleigh tomou um gole rápido da garrafa, fazendo uma careta, quando o licor queimou um caminho todo o caminho até sua garganta e em seu estômago.

"Se você disser que sim. Dedão para cima, docinho."

Ela derramou o líquido âmbar sobre a fatia em seu braço e fez uma careta para a direita junto com ele, quando imaginou a dor da queimação, que deveria estar se sentindo.

"Desculpe, desculpe." Disse ela, soprando sobre ele como sua mãe costumava fazer quando eles tinham cortes ou arranhões. "Eu posso ver quase até o osso, Cade. Você tem que levar pontos."

"Você costura, não é?" Disse ele, pegando a garrafa de sua mão e batendo-a de volta. "Basta fingir que eu sou um pedaço sexy de seda delicada."

Bayleigh deu um passo para trás e olhou para ele em choque, o horror do que ele estava pedindo começando a penetrar. "Umm, eu não acho que..."

"Nós não temos uma escolha. Não posso ir para o hospital. O cartel que eu estava trabalhando em segredo me encontrou. O DEA não o destruiu, tanto quanto esperávamos. O filho de Miguel assumiu as rédeas e ele está aqui, e entrou em contato comigo. Ele sabe que estou interessado em você, e você está em perigo por causa disso. Ele não vai parar em nada para se certificar de que pague pelo que aconteceu. Você precisa entender a gravidade da situação. Esta é a vida ou a morte, Bayleigh."

"Parece um pouco exagerado para eu me tornar um alvo. Nós mal nos conhecemos."

Cade agarrou-a pelo queixo e a fez encará-lo. "Ele me conhece bem, Bayleigh. Sabe que eu normalmente não perseguiria uma mulher como você, a não ser que..."

"A não ser o quê?"



"Eu tenho linha e uma agulha escondida em uma bolsa lá." Disse ele, mudando de assunto. "Preciso ficar enfaixado e obter um par de horas de sono antes do sol nascer."

Ele pegou a garrafa de ibuprofeno a partir do kit de primeiros socorros e engoliu três deles, enquanto Bayleigh tomou a agulha e linha e engoliu a bile que ameaçava subir em sua garganta. Suas mãos tremiam e pequenos pontos pretos começando a piscar na frente de seus olhos.

"Tome outro drinque e relaxe." Disse ele. "Tente não pensar nisso como carne. Faça a sua mente olhá-la como algo que você se sinta confortável."

"Fácil para você dizer."

"Não é verdade. Você notou a cicatriz na minha coxa?"

Bayleigh sentiu o calor de seu rosto e ela ocupou-se por enfiar a agulha. Percebeu tudo sobre seu corpo. Ele riu baixinho e ela sentiu seu rosto queimar mais quente.

"Eu não tinha ninguém para costurar aquilo junto. Esse foi um pequeno lembrete deixado por Miguel. Sua maneira de ter certeza que era tão forte como ele soube que eu era. Eu tive pontos juntamente com minha mão esquerda. Isso não saiu muito."

Ela respirou fundo e despejou o uísque sobre a agulha antes perfurar sua carne. Ele nem sequer estremeceu quando ela começou a fazer pequenos pontos ao longo da ferida aberta.

"Eu pensei que você era canhoto." Disse ela distraidamente, com foco na tarefa em mãos. "Por que isso seria um grande negócio?"

"Não." Ele disse, com a voz tensa, embora ele não movesse um músculo enquanto trabalhava. "Levei um tiro na mão, há alguns anos, e tive danos em alguns dos tendões. Eu não poderia usá-la em tudo por um tempo, e tive que sentar-me atrás de uma mesa, até que pudesse mostrar que eu era eficiente usando minha arma com a mão esquerda. É parte da razão pela qual me foi dada a oportunidade de ir à paisana na organização de del Fuego. Eu não era de qualquer utilidade como um agente de campo, e eles precisavam de alguém desapegado para se infiltrar."



"Eu tenho que te dizer, não sou um fã do fato de quantas vezes você parece ser baleado ou esfaqueado. Talvez precise de uma nova linha de trabalho."

"Sim." Ele disse, seu suspiro suave contra sua pele. "Estive pensando muito isso ultimamente. Mas não posso fazer nada até que o cartel del Fuego seja cinza."

"Não." Bayleigh disse, dando um passo para trás, sentindo o estômago enjoado agora que terminou.

Cade escavou em torno do kit de primeiros socorros até que ele veio com alguns Neosporin, e espalhou-o livremente sobre seus pontos. "Aqui, me embrulhe. Não muito apertado." Disse ele, entregando-lhe um rolo de gaze.

Bayleigh envolveu a ferida, e tentou processar tudo o que Cade lhe tinha dito. Ela passou toda a sua vida tentando escapar do pensamento dos perigos que seu pai e irmãos enfrentavam diariamente. E ali estava ela, jogada em uma situação que não tinha controle sobre e se apaixonando a um homem que fez os irmãos parecerem animais dóceis.

"Acho que preciso ir para casa." Disse finalmente depois de um período de silêncio constrangedor. "Tenho que trabalhar amanhã, e não tive exatamente uma noite descansada."

Ela entregou-lhe os suprimentos e virou-se para abrir a porta, mas sua mão empurrou contra isso antes que pudesse abri-la. Seu corpo mudou, e ela sentia a presença dele pairando sobre suas costas antes que seus lábios penas em seu ouvido. Arrepios deslizaram sobre sua pele antes que ela pudesse controlar a reação dela.

"Se você acha que vou deixá-la ir agora." Ele sussurrou: "Depois que senti como você segura meu pau como uma luva, então está em um inferno de uma surpresa."



CAPÍTULO DEZ

"Cade, não faça isso mais difícil do que já é. Eu não sou construída para isso. Você poderia fazer me apaixonar por você."

Ele endureceu atrás dela, rejeitando as palavras, mesmo quando lhe trouxe satisfação. Ele queria o seu amor. Só não sabia se poderia devolvê-lo. Depois de Carmen, ele não tinha certeza de que era capaz de amar alguém de novo, e ele não tinha sequer desejado tentar por causa do perigo em sua vida. Não que sua cautela tinha-lhe ajudado em qualquer momento. Bayleigh tinha desenhado e ele estava enfrentando uma situação que poderia acabar semelhante a quando Carmen foi morta. Só que desta vez, não achava que ele seria capaz de sobreviver. Bayleigh havia se envolvido em torno de seu coração, rapidamente.

O amor não era algo com que pudesse lidar ainda. Ele só sabia que queria que Bayleigh pertencesse a ele. E que era seu dever mantê-la segura. Nada mais importava agora.

Sua mão deslizou até o comprimento de seda de sua coxa, esfregando em círculos lentos, provocando a carne sensível que já sabia estar molhada e cremosa por ele. Sua respiração engatou quando ele mordiscou o local apenas entre o pescoço e o ombro, e usou a outra mão para desfazer rapidamente os botões da camisa que tinha emprestado dele.

Ela estremeceu sob seus dedos e sua cabeça se encostou na porta do banheiro em derrota. Ela não podia negar-lhe, assim como nunca seria capaz de negar a ela. Ele virou-a para que o encarasse e tomou sua boca rapidamente, o beijo quente e profundo e molhado. Ambos foram ofegantes no momento em que se separaram, e Cade deu um passo para trás antes que perdesse o controle completamente. Ele nunca perdeu o controle com uma mulher. Nunca deixou levá-lo ao ponto onde o pensamento racional desapareceu e tudo o que restava era a natureza animal contorcendo dentro de si, tentando libertar-se e reivindicar o que era seu.



A visão dela pressionada contra a porta quase o tinha gozando em suas calças. Seu cabelo dourado estava despenteado sensualmente em volta do rosto e seus lábios estavam inchados e vermelhos de seus beijos. A camisa que ela usava estava aberta, mas foi travada apenas na borda de seus mamilos em cada lado, tentando-o com vislumbres cada vez que ela inalou. Seu olhar viajou até a carne nua entre as coxas, úmida de desejo.

Ele caiu de joelhos na frente dela, sua língua buscando o doce mel que revestia a boceta dela, e se deleitava com seus gritos enquanto chupava seu clitóris e espetava dentro dela com a língua. Suas mãos emaranharam em seus cabelos e suas pernas levantaram de modo que foi capaz de empurrar contra seu rosto. Ele se afastou um pouco, alternando carícias suaves no eixo rígido, mantendo-a apenas na borda de realização.

"Por favor, Cade. Pare de brincar."

"Mas é muito divertido." Disse ele, deslizando os dedos ao longo das dobras delicadas antes de afundar um dedo longo dentro dela.

"Ahh." Ela gritou, apertando para baixo em seu dedo, inundando sua boca com o seu desejo quando seu orgasmo se aproximava.

"Você é tão apertada em volta do meu dedo. Não posso esperar para sentir você no meu pau. Ficaré inchada do orgasmo que eu estou prestes a dar-lhe, e vou ter que empurrar o meu caminho dentro de você, centímetro por centímetro, enquanto sua boceta me aperta como um punho."

"Por favor, por favor." Ela implorou, quase chorando com sua necessidade.

Cade retirou seu dedo e, em seguida, acrescentou um segundo quando empurrou dentro dela, com a boca fixa para o broto tenso de seu clitóris e sugando-o, sacudindo-o rapidamente com a língua, até que sentiu a explosão dela vindo contra suas papilas gustativas. Ele bebeu-a até que os espasmos pararam e ela caiu contra ele em exaustão.

Segurou-a com o braço bom e inclinou-a contra a penteadeira quando desamarrou os sapatos e retirava o resto de suas roupas. Seus olhos estavam atordoados e semifechados e ele podia ver seu coração batendo sob os seios incríveis. Seu pênis estava duro e as bolas



foram contraídas e apertadas. Vê-la desfiar na frente dele não tinha feito muito para seu controle. Ele teria a sorte se nos últimos trinta segundos, uma vez que estivesse dentro dela.

"Sem mais fugir de mim, Bayleigh. Não há mais como negar o que você sente. Estamos nisso juntos, e juro que vou mantê-la segura. Você apenas tem que confiar em mim."

As sombras que nublaram seus olhos não passaram despercebidas, e ele desejava que pudesse caçar cada um dos bastardos que tinha a convencido que não era boa o suficiente – não especial em seus braços. Eles tinham desbastado sua autoconfiança e minou sua sexualidade ao ponto que ela tinha dificuldade até mesmo de chegar a um orgasmo. Ele ainda podia ver sua luta interna cada vez mais perto, ela tinha que gozar, e isso quebrou seu coração. Por mais que ele exigisse sua confiança, ela ainda não estava dando para ele. E tinha que ter a confiança dela, não, sua alma para ser capaz de fazer todas as coisas que ele queria fazer com ela, para ela.

Ele abriu a porta de vidro do chuveiro e ligou a água, certificando-se que a temperatura estava agradável e acolhedora. Vapor encheu a sala rapidamente e voltou para Bayleigh, tomando-a em seus braços e beijando-a suavemente, profundamente, até que ela era dócil e carente contra ele mais uma vez.

"Você não deveria ter seu braço molhado." Disse ela enquanto a levava para o chuveiro, o ajuste do bocal para que ele não obtivesse o seu cabelo molhado.

"Vai ficar tudo bem, querida. Apenas me beije novamente. Estou tão duro por você que sinto dor."

Ela surpreendeu ao beliscar o lábio inferior, e ele rosnou quando prazer disparou em linha reta até seu pênis. Sua boca era quente e agressiva quando sua língua acariciou ao longo da sua. Cade bombeou sabão em suas mãos e rapidamente lavou as atividades da noite de seu corpo, e quase derramou em sua mão quando ela agarrou seu pênis naquela pequena mão apertada e começou a bombear.

"Chega, Bayleigh." Disse ele, silenciando o protesto dela com a boca.



Ele apoiou-a contra a parede fria do azulejo do chuveiro e trouxe a perna para que estivesse volta do seu quadril. O calor de sua boceta envolveu seu pênis enquanto ele sondou as dobras saturadas. Seus olhos se fecharam enquanto empurrou a cabeça inchada dentro dela, seus músculos internos fixaram em torno dele e o puxaram para dentro. Ela estava tão molhada, tão quente, tão desprotegida.

"Porra." Disse ele, cerrando os olhos fechados em frustração. "Camisinha."

Ela apertou sua perna ao redor de sua cintura e ele deslizou para dentro um pouco mais, a necessidade de enterrar-se totalmente de repente esmagadora.

"Estou tomando a pílula. Não pare. Por favor."

A luta interior não durou muito tempo. Ele sabia que o controle da natalidade não era cem por cento eficaz, mas maldição se queria colocar o látex entre eles, agora que tinha um gosto do como ela se sentiu quando estava carne na carne.

Ele gemeu em sinal de rendição e mergulhou até o punho dentro dela, segurando completamente imóvel, uma vez que chegou lá, porque gozo fervia em suas bolas até o ponto de explosão e não estava pronto para que isso acabasse ainda. Seus músculos internos tremeram em torno dele e ele cerrou os dentes, assim como o suor escorria das têmporas.

"Maldição, você se sente muito bem." Disse ele, dando-se na batalha.

Ele tirou dela para a ponta de seu pênis e, em seguida, bateu de volta dentro dela, engolindo-a grito de prazer com sua boca enquanto crescia dentro dela e atirou córregos grossos de sêmen dentro dela. Parte dele odiava que estava tomando a pílula, que precisava acasalar e mostrar o seu domínio através da plantação de sua semente dentro dela, tudo o que ele conseguia pensar era como ele empurrou dentro dela uma e outra vez.

Seus pulmões queimavam com o esforço para respirar e ele poderia dizer que ela estava lutando para obter o controle de si mesma. Ela não teve um orgasmo, mas estava perto.



"Sinto muito, querida." Disse ele, puxando dela lentamente, olhando com admiração quando os fluidos combinados de seus corpos escorriam para o chão do chuveiro. "Vou corrigi-lo."

"O quê?" Ela perguntou, genuinamente confusa quanto bombeou mais sabão na mão e limpou suavemente entre suas coxas.

"Você não gozou. Apenas relaxe e vou certeza que estamos ainda em pouco tempo."

"Eu não tenho que gozar, Cade. Você me dá mais prazer apenas estando dentro de mim do que eu tive antes. Não esperava gozar a cada vez. Na verdade, pelo que tenho lido, a maioria das mulheres não goza cada vez que tem relações sexuais. Você não tem que tomá-lo como um desafio pessoal."

"Ah, mas eu faço. Se você não gozar isso significa que não fiz o meu trabalho direito. E sou sempre meticoloso sobre a obtenção de um trabalho bem feito."

Ele lavou a sabão e virou-a para que os seios fossem pressionados contra o azulejo. Arrastou seus dedos por sua coluna, apreciando os arrepios de sua carne, e depois mais baixo entre as bochechas da bunda dela, girando em torno de uma vez a estrela enrugada de seu ânus antes de mergulhar para as dobras encharcadas de sua vagina.

Ele a puxou de volta para que seu rosto e braços estivessem apoiados contra a parede e sua bunda fosse apresentada a ele. Seus dedos provocaram e atormentaram enquanto ela se contorcia contra ele, buscando a penetração.

"Cristo, você sabe o quão bonita parece espalhada assim? Estou ficando duro novamente. Como um maldito adolescente. Só você faz isso comigo, Bayleigh."

Ela balançou a cabeça em negação e gemeu quando os dedos separaram suas dobras e empurraram para dentro. Ela o levou dentro avidamente e empurrou de volta contra seus dedos, fodendo-os em um ritmo que teve seu gemido de prazer.

Ele trouxe a outra mão para cima e circulou delicadamente em torno de sua entrada traseira, mergulhando para sua boceta e coletando sucos, e depois os trazendo de volta para



lubrificar o pequeno buraco. Ele afundou o dedo indicador dentro lentamente, esticando o portal não utilizado até que ela estava empurrando contra ele, tentando tirar mais.

"Vou levá-la aqui em breve, Bayleigh."

Ele acrescentou um segundo dedo, então tinha agora dois em sua boceta e dois na bunda dela, e trabalhou-os a frente e para trás em conjunto até que suas pernas começaram a tremer da tensão de prazer.

"Vou empurrar dentro do seu traseiro apertado e afundar todo o caminho até as minhas bolas. Você vai amá-lo, bebê. Eu já posso dizer. Sua boceta está chorando agora, querendo o que eu posso te dar."

"Sim, sim." Ela sussurrou, seu corpo balançando para trás e para frente, em busca da satisfação que parecia tão dura.

"Alguma vez você já foi fodida no traseiro? Será que seus outros amantes te levaram lá?"

Ela balançou a cabeça, as palavras incapazes de serem faladas.

"É uma vergonha." Disse ele. "Talvez seja por isso que não poderia gozar para eles."

Ele tirou os dedos de sua boceta e substituiu-os com seu pênis. Foi tão duro quanto tinha estado à primeira vez que a tinha levado. Ele empurrou dentro dela lentamente, seu único objetivo neste momento em dar-lhe a versão que ela desejava. Sua mão deslizou por baixo dela, arrancando o mamilo túrgido quando seus impulsos cresceram mais profundos, mais fortes.

"Cade." Ela cantou uma e outra vez.

Ele manteve seus impulsos estáveis, mesmo quando seus dedos continuaram trabalhando dentro e fora de sua bunda, e trouxe a outra mão para baixo até que segurou sua boceta chorando. Seus dedos arrancaram em seu clitóris, tocando e circulando o nó inchado até que sentiu as ondulações de suas paredes internas em torno de seu pênis.

"Sim, bebê." Ele sussurrou. "Goze em mim. Banhe-me com o suco dessa boceta doce."



Suas palavras feias mandaram por cima da borda e seus gritos ficaram em silêncio quando paixão a percorreu. Sua vagina se apertou em torno dele e sua bunda apertou os dedos. Onda após onda rasgou-a até que ele já não podia segurar o seu próprio orgasmo de volta. Ele agarrou-a pelos quadris e fodeu duro diante de seu gozo revestindo de suas entranhas.

Ele pegou sua mão na parede acima de sua cabeça e debruçou sobre ela, com a esperança de Deus que não fosse envergonhar-se por colapsar no chão. A visão de seu rosto tinha um sorriso curvando seus lábios. Ele tinha certeza que ela estava dormindo em seus pés. Tirou dela com um gemido e os limpou, o tempo todo segurando o corpo dela frouxo contra ele.

"Vamos, bebê. Hora de dormir."

Ela enterrou contra ele, sua bochecha montando apenas sob o queixo, e ele sentiu o bloqueio abrir em seu coração.

"Merda." Sussurrou, fechando os olhos e olhando para o teto. Não estava pronto. Enquanto tivesse um pouco mais de distância entre eles, ela nunca saberia o quanto de controle que tinha sobre ele. Porque naquele momento, estava disposto a dar-lhe tudo.



CAPÍTULO ONZE

"Eu tenho que ir para o trabalho, Cade. Você não pode simplesmente me manter trancada em casa, porque decidi que estou em perigo."

Bayleigh derramou uma xícara de café e cavou ao redor em sua despensa por algo comestível. Ela saiu com uma metade de um pedaço de pão e uma caixa vazia de cereal. Ela verificou a geladeira e viu que ele tinha algumas garrafas de cerveja e dois ovos e suspirou em desgosto. A geladeira de seus irmãos sempre parecia o mesmo.

"Eu pensei que já expliquei isso. Os homens maus estão fora para nos pegar. Eles têm uma droga perigosa, que já matou três mulheres na área. Carlos me disse que estava vindo atrás de você." Disse ele, assinalando fora cada item em seus dedos quando sua raiva parecia crescer. "E você acha que é uma boa ideia ir perambulando fora para trabalhar, como se não tivesse um cuidado no mundo? Você perdeu sua mente?"

Cade sentou-se à mesa com o seu próprio café, com o cabelo ainda molhado do banho e vestindo apenas um par de jeans desgastados que a estavam deixando louca. A última coisa que estava pronta para fazer era falar sobre o que tinham feito durante a noite, mas não era provável que a deixaria esquecer. E ele não estava deixando seu posto a distância entre eles, sempre a puxando em seus braços por beijos que a sacudiu até o núcleo.

Ela pegou os ovos e os pães e cavou ao redor da cozinha até que encontrou uma frigideira. Rachou e bateu os ovos e depois embebeu o pão dentro antes de fazer pão francês. Ela não lhe respondeu, até que trouxe a comida para a mesa e sentou-se em sua frente.

"Eu tenho um negócio. Tenho responsabilidades. E tenho apresentações a uma cliente hoje. Não posso simplesmente jogar fora milhares de dólares em renda, porque você acha que eu poderia estar em perigo."



Ele estreitou os olhos para ela. "Eu não *acho* que você está em perigo. Você *está* em perigo. E não vejo por que você tem que ser tão teimosa sobre isso. Talvez seus irmãos possam convencê-la a usar o seu bom senso."

Bayleigh levantou-se da mesa e caminhou lentamente em direção a Cade, a camisa que tinha roubado dele mal abotoada e seduzindo-o a cada passo. Suas pupilas dilataram com desejo e ela viu seu pau inchar sob seus jeans. Ela se moveu, como se estivesse indo para escarranchar em seu colo, mas no último segundo mudou o joelho para que ele fosse pressionado diretamente contra suas bolas. Sua respiração desenhada foi o suficiente para saber que ela estava usando a quantidade certa de pressão.

"Você nunca me ameace com meus irmãos." Ela sussurrou em seu ouvido. "Eu tenho o suficiente disso a partir deles, e não vou tirar isso de você também, não importa o quanto acha que controla, que nós dormimos juntos dá a você. Eu sou velha o suficiente para tomar minhas próprias decisões e assumir as consequências de minhas ações. Eu controlo minha vida. Ninguém mais."

Mordeu sua orelha e sentiu satisfação em sua respiração desenhada. Depois da noite que passaram juntos ela descobriu rapidamente que Cade não iria quebrar a sua confiança, seus amantes anteriores tiveram. Se há alguma coisa que ele tinha lhe dado poderes, para começar a tomar o controle dos homens em sua vida. Meninos foram todos tendo uma surpresa.

Ela beijou-o uma vez e depois voltou para o lado dela da mesa, levando uma mordida de seu café da manhã, e ignorando o olhar predatório em seus olhos. Ela pagaria por seu pequeno golpe mais tarde, e dane-se se não estava olhando para frente.

"Eu preciso voltar para casa e mudar de roupa. Por mais que eu goste de usar sua camisa, acho que meus clientes seriam um pouco escandalizados."

"Eles estariam com ciúmes. Eu prefiro vê-la vestindo essa camisa do que a lingerie fantasia que você vende. É sexy como o inferno. Especialmente porque eu sei que você não está usando calcinha."



"Oh, sério?" Perguntou ela. "E eu estava ansiosa para lhe mostrar alguns dos novos itens que acabei."

"Você está brincando com fogo, Bayleigh. Juro que não quer manter empurrando-me."

"Suas ameaças não me assustam, Cade. Agora me leve para casa e que eu possa ficar pronta ao trabalho."

"Só se você me deixar levá-la e buscá-la." Disse ele. "Eu quero que você esteja a salvo."

"Tudo bem. Eu estive procurando por algum tempo de ajuda parcial. Você provavelmente ficaria bom em vender roupas íntimas às mulheres. Parece saber muito sobre isso."

Humor encheu quando ela viu o olhar desconfortável em seus olhos. Provocar Cade foi mais divertido do que ela pensava que seria. Foi bom ser a única mantê-lo fora de equilíbrio para uma mudança.

"Você percebe que não vou mostrar nenhuma piedade, da próxima vez eu te ter nua, não é?"

"Isso é o que eu estava esperando." Disse ela, rindo enquanto a levou de volta para sua casa.



Dez horas depois, a última coisa que Bayleigh queria fazer era rir. Ela tinha mostrado sua loja para descobrir que Cade havia instituído um guarda-costas dentro de sua loja, que



fez seus clientes mais cautelosos do que curiosos, e vários deles tinham deixado antes mesmo de ter a chance de navegar. E se isso não fosse ruim o suficiente, dois de seus clientes agendados não tinha aparecido, e nenhum deles se preocupou em chamar para deixá-la saber que não estavam vindo.

Até o momento que Cade entrou para buscá-la naquela noite, a paciência chegou ao ponto de ebulição.

"Você está pronta para ir?" Perguntou, ignorando a resposta dela quando obtinha um relatório do cão de guarda que tinha pairado sobre ela.

Bayleigh trancou a porta da frente e pegou sua bolsa e saco de costura, desde que tinha vários projetos que ela ia ter que gastar mais tempo trabalhando em casa e passou para aguardar pela porta dos fundos por Cade, o pé batendo impaciente.

Maldito, homem arrogante, pensou.

Ela tinha ido de viver uma vida perfeitamente normal para saltar em sombras e assistindo a todos que passaram por suas portas com desconfiança, só porque teve a má sorte de ter Cade MacKenzie morando ao lado dela.

Ele veio em sua direção, ainda falando baixinho para o cão de guarda, com os olhos atentos quando tomou em seu humor. Seus passos retardaram quanto mais perto ele esteve. Era óbvio pelo olhar em seu rosto que se lembrava perfeitamente onde seu joelho tinha terminado naquela manhã, e não estava olhando para repetir a experiência.

"O que há de errado, Bayleigh?"

"Além do fato de que você me tem sob sete chaves, e eu mal posso ir ao banheiro sem o homem Neandertal do lado de fora da porta, ouvir-me fazer xixi? Não concordo com isso, Cade. Ele está assustando meus clientes."

Ela poderia dizer pela contração de sua boca que ele queria rir, e ela jurou que se ouvisse sequer uma risada estava indo para bater mesmo no nariz. Ela voltou seu olhar estreito para o Neanderthal em questão, só para ter certeza que ele não cometeria o erro de



seguir o exemplo de Cade. Ele empalideceu adequadamente sob seu olhar e ela balançou a cabeça em satisfação.

"Leve-me para casa, Cade, em seguida, gentilmente tire os cartéis e agência estúpida prepotente e salte do precipício mais próximo. Eu não me importo o quão bom é o sexo. Não posso viver assim."

O homem Neanderthal se engasgou com sua risada e levou a mão para esfregar em sua boca e cobrir o seu sorriso. Cade não estava tão divertido.

"Escute aqui, querida..." Disse ele, dando um passo em direção a ela, mas ela colocou a mão em seu peito e empurrou-o de volta quando ouviu seu celular tocando no fundo da bolsa. Suspirou quando viu quem estava na outra linha. Um de seus 'não aparecidos' clientes do dia.

"Ginny?" Disse ela, atendendo ao telefone com falsa doçura. "Estou muito feliz em ouvir você. Estava começando a me preocupar."

Bayleigh ouviu desculpas 'meia-boca' da outra mulher sobre como sua agenda na sociedade era tão cheia de almoços e eventos de caridade que ela tinha esquecido tudo sobre a pequena bonita loja de Bayleigh. Bayleigh cerrou os dentes, irritada, tentando lembrar que Ginny Van Sice ordenou lingerie suficiente para seu terceiro casamento / lua de mel que Bayleigh seria capaz de pagar dois meses completos de despesas com a compra. Tudo o que tinha a fazer era deixar que Ginny se sentisse superior e ouvi-la se gabar. Foi um preço pequeno a pagar para o resultado.

Até o momento que desligou o telefone e tinha remarcado Ginny para o final da semana, uma dor de cabeça estava se formando atrás de seus olhos, e tudo o que ela queria fazer era ir para casa, abrir uma garrafa de vinho e dormir por 12 horas. Cade com certeza não a deixou ter um monte de sono na noite anterior.

"O que foi isso?" Perguntou Cade.

"Eu tive dois clientes agendados para acessórios hoje que decidiram não aparecer." Disse ela, seguindo Cade para seu caminhão, tentando não se deixar intimidar pela forma



como os dois homens ladearam ambos os lados dela para mantê-la segura. "É uma ocorrência comum com Ginny. É com Becca que estou preocupada. Ela nunca perdeu um compromisso, e não é o tipo volúvel como Ginny é. Ela é uma garota doce."

Cade entrou na cabine do caminhão e ligou o motor, retirando primeiro e deixando o rastro do guarda por trás deles.

"Qual é o seu nome e endereço completo?" Ele perguntou, puxando seu telefone e batendo discagem rápida.

"Becca Whitson. Abreviação para Rebecca." Disse ela, puxando para cima as informações pessoais de Becca em seu iPad.

Bayleigh leu o endereço para Cade e assistiu-o com curiosidade.

"Sim, é MacKenzie." Disse ele ao telefone. "Você pode fazer um passeio e conferir um endereço para mim?" Cade disse o endereço e desligou o telefone. "Está com fome? Eu não tive a chance de comer o jantar ainda."

"Sim, isso é bom. Por que tem alguém verificando Becca?" Bayleigh perguntou, o medo começando a rastejar através de sua pele e se agarrar ao seu corpo como uma aranha pegajosa tecendo uma teia.

"Você disse que ela era um cliente confiável. Meu instinto só teve uma pontada, e eu aprendi ao longo dos anos, não ignorá-lo. Tenho certeza de que ela está bem. Que tal chinês?" Ele perguntou, dirigindo através de um shopping center, onde havia vários restaurantes diferentes.

"Claro."

Eles tiveram uma mesa e ordenaram, mas o silêncio era tenso entre eles. Ela mordeu o lábio inferior, perguntando se tinha de alguma forma conseguido Becca em apuros. Seus nervos estavam trabalhando horas extras e seu apetite era inexistente. Ela não tinha feito nada, além de empurrar o alimento ao redor de seu prato, uma vez que tinha chegado.

"Bayleigh, olhe para mim." Cade disse suavemente.



Forçou-se a encará-lo, sentiu a emoção resolver sobre quando viu a simpatia e compaixão em seu olhar.

"Nada disso é culpa sua, querida. Você é apenas uma espectadora inocente. Se esta é culpa de alguém, que é minha por não ficar longe de você, quando eu sabia que deveria ter. Mas te dei uma olhada e sabia que não era tão forte. Você não pode controlar o que as outras pessoas fazem, especialmente quando essas outras pessoas são pura maldade. Apenas fique comigo, e vou mantê-la segura."

"Por quanto tempo, Cade?" Ela perguntou tristemente, sabendo a resposta antes mesmo que ele falou as palavras.

"Por quanto tempo eu possa, amor. Por quanto tempo eu puder."

A viagem de volta para a casa dela foi feita em silêncio, e Cade manteve verificando seu telefone, quase desejando que tocasse. Mas não havia nenhuma palavra de quem tinha contatado para verificar Becca. Cade estacionou o caminhão na garagem e, em seguida, a levou através de sua casa, ligando algumas luzes quando eles foram, antes de conduzi-la para fora da porta de trás e sobre a sua própria casa.

"Carlos tem homens vigiando a casa." Sussurrou enquanto abria a porta de trás. "Mas meu irmão e alguns de seus homens estão os mantendo contidos no momento, rastreando seus movimentos. Eles ainda não viram Carlos. Ele é quem estamos atrás, e ele é um bastardo escorregadio de um lunático."

Ela deixou várias luzes em toda a casa, e todas as suas persianas ainda estavam para baixo a partir de quando Cade lhes tinha baixado mais cedo naquela manhã. Ela foi diretamente para a geladeira e pegou uma garrafa de vinho branco, tirando a rolha com movimentos especializados e servindo-se de um copo cheio. Cade pegou uma cerveja e olhou para ela com cautela, obviamente sem saber como lidar com ela nesse estado de espírito particular.

"Então você vai ficar aqui esta noite?" Ela perguntou uma vez que o vinho tinha desaparecido e seu corpo começou a relaxar.



Cade olhou para ela com surpresa. "Achei que você ia tentar vir para cima com uma desculpa esfarrapada para nós não dormimos juntos novamente."

"Eu ia." Disse ela encolhendo os ombros. "Mas como você disse, o sexo é bom. Por que não aproveitar enquanto dura?"



CAPÍTULO DOZE

Cade fez com que seu rosto não traísse seus sentimentos, mantendo-o cuidadosamente em branco quando Bayleigh fez seu anúncio com todo o entusiasmo, como se recitasse uma lista de supermercado. Quando ela se referiu ao que tinham entre eles apenas como um bom sexo, deixou um gosto amargo na boca e uma raiva que queria refutar suas palavras. Mas isso era o que ele queria. Apenas sexo estúpido enquanto durasse, sem emoções, e ela estava dando a ele em espadas.

Ela soltou o cinto largo preto que apertava sua cintura, deixando-o cair no chão e, em seguida, puxou a túnica cashmere vermelha sobre a cabeça dela enquanto passou por ele e foi em direção ao quarto. Atirou a camisa para o sofá enquanto passou e seus pulmões se apertaram em seu peito quando viu o que ela estava usando por baixo.

Ele seguiu atrás dela lentamente, o balanço de seus quadris eroticamente hipnótico, e seu pênis estava inchado a ponto de que apenas o toque da cueca era doloroso contra a pele sensível. Ela abriu o zíper da saia preta longa que usava e deslizou por suas pernas, deixando-a nas botas pretas de couro e estiletos e a mais incrível calcinha que ele já tinha visto em sua vida.

"Doce Jesus." Ele sussurrou reverentemente quando ela se virou para encará-lo.

"Você gostou?" Perguntou, sua voz gutural quando ronronou a questão. "Eu só o tive esta manhã."

Responder estava fora de questão. Ele estava tendo um inferno de um tempo difícil para recuperar o fôlego, e até mesmo sua pele parecia que estar muito apertado para seu corpo. O espartilho que ela usava era vermelho 'foda-me', e arremessava os seios as alturas impossíveis, fazendo seu pênis saltar com no pensamento de qual seria a sensação de impulsionar entre os montes abundantes de carne. Sua cintura era pequena e um lado estava



inclinado em seu quadril queimando em uma pose que pretendia mostrar cada linha e curva de seu corpo.

Ela usava uma calcinha fio dental de renda vermelha em correspondência e ele podia ver seu desejo amortecendo o tecido de onde estava. Ligas desceram e prenderam ao preto até a coxa, que usava, e as botas de cano alto vieram apenas acima dos joelhos e ajustadas como uma segunda pele. Se estivesse segurando um chicote que ele poderia ter caído de joelhos em submissão. Como era, ele podia ver os lampejos de dúvida em seus olhos quando a deixou olhar o seu preenchimento, e ele sabia que isso ia ser um momento importante na sua relação – a mudança de poder – a satisfação mútua e necessidade que nenhum deles poderiam estar preparados.

"Você tira meu fôlego." Disse ele, tirando a camisa e desfrutando de sua reação ao seu corpo quando os olhos encheram de luxúria. Ele tirou os sapatos e soltou o cinto, puxando-o dos laços lentamente, com os olhos hipnotizados por todos os seus movimentos. Ele desabotoou sua calça jeans, dando algum espaço muito necessário para seu pênis, mas não removendo suas calças. Ainda não. Isso terminaria cedo demais se não tentasse manter algum tipo de controle sobre a situação.

"Quantas dessas engenhocas que você tem?" Ele perguntou, apontando para o corset e calcinha que ela usava.

"Uma loja cheia." Disse ela, arqueando uma sobrancelha. "Não sabia que você queria falar esta noite. Eu só posso colocar o meu robe se você quiser."

Cade sorriu para o desafio em sua voz e se aproximou. "Não importa o que você vista, querida. Tudo vai acabar no chão de qualquer maneira."

Ele moveu-se rapidamente, pegando-a ofegante contra sua boca quando a empurrou contra a parede e rasgou a calcinha de renda a partir de seu corpo. Seus dedos mergulharam nela, assim como sua língua saqueou sua boca e ela encharcou sua mão imediatamente, gritando seu orgasmo enquanto estremeceu e espasmou contra ele.



"É isso aí, bebê." Disse ele, beijando seu caminho até o pescoço para os montes sensíveis de seus seios, sua língua lambendo apenas na borda de onde a carne encontrou cetim. Ele empurrou sua calça para quando caíram em torno de seus tornozelos e saiu delas, e apertou seu aperto em torno de seu cabelo enquanto empurrou-a mais baixa.

"Você sabe o que eu quero, Bayleigh."

Sua voz era áspera e rouca e seus olhos estavam arregalados e abertos sobre seu quando ela lentamente se ajoelhou em frente a ele, suas unhas raspando em suas coxas e puxando o saco dele em nós apertados de antecipação.

Ele manteve o olhar fixo no dela enquanto ela lambia os lábios uma vez antes de tomar seu pênis na mão e bombeá-lo lentamente, e ele viu como o azul de seus olhos escureceu quando ela lambeu a pequena gota de pré-sêmen que tinha frisado na cabeça. Sentiu que uma lambida zumbiu através de suas bolas todo o caminho até os dedos dos pés, e ele gemeu quando o beijou e mordiscou seu caminho até a saída sem pelos abaixo, rolando-o suavemente em sua boca e, em seguida, beijando seu caminho de volta a cabeça novamente.

Não houve aviso quando ela abriu a boca e engoliu-o inteiro, relaxando a garganta e levando-o todo o caminho até o queixo tocar o escroto. Ele a segurou lá, pressionando contra seu couro cabeludo, enquanto engolia contra ele várias vezes, sua língua lambendo a parte inferior de seu pênis.

"Porra, eu já poderia gozar." Disse ele, baixando a cabeça para frente e inclinando um braço contra a parede por apoio.

Ela gemeu ao redor dele, as vibrações como um choque elétrico em seu eixo, e ela chupou com mais força, trazendo a outra mão para acariciar suas bolas. As sensações duelando trouxeram mais perto do orgasmo. Ele podia sentir o aperto na base de sua espinha, o prazer iminente que estalou em sua pele e formigamento atirou de seu couro cabeludo para os dedos dos pés.

"Eu estou indo para gozar, Bayleigh. Tome tudo de mim, bebê." Ele ordenou, segurando a cabeça firme quando começou a foder sua boca com movimentos curtos e duros.



O gemido que irrompeu de seu peito o surpreendeu em sua intensidade e sua visão ficou escura quando ele jorrou após fluxo de sêmen espesso em sua garganta.

Seus joelhos ameaçaram dar com prazer, como ele já tinha conhecido, disparou através de seu corpo, e ele puxou o pênis ainda duro da sucção suave de sua boca. Ela lambeu a última gota de sua essência de seus lábios e sorriu sedutoramente, com os olhos vidrados de paixão.

"Eu preciso de você, Cade. Não me faça esperar."

"Vou te dar o que precisa, querida. Levante-se." Disse ele, ajudando-a a manter o equilíbrio quando ela levantou-se, e a levou para a cama, ainda vestida com tudo, além da calcinha que tinha arrancado de seu corpo.

"Deite-se." Ele ordenou, a aspereza na voz dele arruinando seu corpo em arrepios de antecipação.

"O que vai fazer comigo?"

"Paciência, querida."

Ele abriu uma de suas botas e puxou-a do pé lentamente, sinuosamente, esfregando no arco de seu pé até que ela estava ronronando de prazer. Fez o mesmo com o outro pé e atirou suas botas ao armário, onde folheou a seleção de lenços que ela tinha dobrado ordenadamente em uma prateleira.

Ele escolheu um dos mais queridos, o tecido tão suave que parecia uma segunda pele, e seu pau saltou, enquanto observava seus olhos se encherem de expectativa e um pouquinho de ansiedade. Ela mordeu o lábio e deslocou-se na cama.

"Cade." Disse ela, balançando a cabeça enquanto dobrava longitudinalmente e cobria os olhos com cachecol, amarrando-a firmemente na parte de trás de sua cabeça. "Eu não sei."

"Shhh, querida. É apenas eu. Tudo que você tem a fazer é sentir."

Ele ficou para trás e só tomou na visão dela. Cetim vermelho e pele pálida, como o sonho molhado de todo homem. Ela era tão linda. Sincera e sarcástica e fodidamente sexy, ele mal conseguia tirar a respiração quando estava por perto. Ela não tinha medo de ir cabeça a



cabeça com ele, se discordou de alguma coisa. E aquele pedaço de vulnerabilidade, que entrou em seus olhos quando ela pensava que estava decepcionando-o de alguma forma o deixava louco. Isso fez querer caçar seu ex-noivo e fazer danos físicos, porque o homem, obviamente, não tinha ideia de que um tesouro ele tinha. Ela era combinação perfeita para Cade em todos os sentidos, intelectualmente e sexualmente e assustou o inferno fora dele.

"Você sabe como é linda, Bayleigh?" Ele perguntou, deslizando os dedos sobre a pele suave de seu pescoço e descendo para brincar com a parte superior do espartilho que lhe tentava além da razão.

Ele empurrou os copos de cetim para baixo, para os seios aparecerem livres, gordos, inchados e prontos para a sua boca e seus dedos traçaram ao redor dos mamilos tensos que estavam chegando mais e mais com o desejo.

As dobras nuas de sua vagina brilhavam com desejo e ele não pôde deixar de inclinar-se e beijar os lábios cremosos, lambendo o botão sensível suavemente uma e outra vez. Ele segurou seus quadris ainda quando ela começou a se contorcer contra ele, em busca de mais, e mergulhou sua língua abaixo, deslizando nas profundezas trêmulas de sua vagina quando seu doce creme explodiu contra sua língua.

"Oh, Deus. Por favor." Ela implorou. "Estou tão perto."

"Eu sei." Disse ele, a satisfação evidente em sua voz. Ele soprou o ar fresco através de sua pele aquecida e assistiu sua carne endurecer. "As coisas boas da vida valem a pena esperar, bebê."

Ele moveu-se de seu corpo para os montes tremendo de seus seios, lambendo sua língua em todo o pico bombástico de seu mamilo e sugando-o profundamente. Suas mãos foram para sua cabeça, puxando-o mais perto, mas ele reuniu seus pulsos com uma mão e segurou-a baixo, querendo dar-lhe tudo o que podia, antes que perdesse o controle.

Sua outra mão se moveu de volta para as dobras encharcadas de sua vagina, e ele deslizou dois dedos dentro dela, deleitando-se com o som de seu nome caindo de seus lábios enquanto ajustava a sua invasão.



"Goze para mim, bebê." Ele sussurrou, mordendo-lhe o mamilo com pressão suficiente para que a sentisse apertar ao redor dele.

Ela gostava dessa borda da dor. Quase precisava. Ele curvou seus dedos ligeiramente para cima e que pressionassem contra o ponto mais sensível dentro dela, e ela se dissolveu como prazer líquido ao redor dele.

"Cade." Ela gemeu, lutando contra o domínio que ele tinha em suas mãos, enquanto empurrava contra seus dedos. Ela se desfez em seus braços, seu corpo inteiro uma terminação nervosa sensível, enquanto ela embebia seus dedos com sua libertação. Um leve brilho de suor cobria seu corpo quando ela desceu dos tremores de seu orgasmo, e sua respiração engatou quando ele puxou para fora dela.

"Por favor, Cade. Eu preciso de você."

Sua voz tremeu como se ela estivesse à beira das lágrimas, e ele teve que lutar contra a necessidade de puxá-la perto e não empurrá-la ainda mais. Ele precisava dela para entender esse lado dele, mas não podia dar ao luxo de perder-se dentro dela. Era uma corda bamba trêmula que estava andando. Exigir tudo e não dar demais.

"Você vai me ter, querida."

Ele limpou todos os travesseiros da cama e levantou-a suavemente, puxando para trás o edredom branco para que caísse no chão. A gaveta de seu criado-mudo segurava exatamente o que ele estava procurando, e suas mãos foram automaticamente para a venda quando o ouviu remexendo dentro.

"Não toque." Ele ordenou. "Isso tudo acaba no momento em que remover essa venda."

"Isso não é justo, Cade. Eu quero ver você. Quero tocar em você também."

"Não esta noite, bebê. Cada centímetro de você é meu. Toda e qualquer forma que quiser você."

Ela hesitou antes de concordar uma vez e deitou para baixo no centro da cama. Cade tirou as ligas de sua meia e puxou a seda até a coxa de suas pernas, usando as meias para



ligar os pulsos para o ferro curvo de sua cabeceira. Ainda havia abundância para dar nas meias que seriam capazes de se mover em torno dela se necessária.

"Estou indo para virá-la de novo." Ele sussurrou, beijando-a antes de rolar o quadril ao seu estômago.

Seu próprio controle estava deslizando, a tal ponto que seu corpo tremia com o esforço para conter a gravidade de sua necessidade. Seu pênis nunca tinha estado tão duro, e destacou-se do seu corpo, veias densas e pulsando para mais um lançamento. Ele fez um rápido trabalho na linha dos minúsculos ganchos para baixo em sua coluna vertebral, e o corset caiu, deixando-a em nada, além da cinta-liga vermelha de renda, enquadrando sua bunda e fazendo água na boca.

Ele levantou-a e jogou o corset no chão antes de passar entre as pernas dela, beijando e lambendo seu caminho para baixo de sua coluna, seus dedos arrancando seus mamilos enquanto ela tentava se mover contra ele.

Suor revestia a pele e os músculos tremiam com a necessidade. O jogo tinha acabado. Ele não podia esperar mais. Não se quisesse sobreviver. Pegou dois dos travesseiros que ele tinha jogado no chão e os colocou sob o seu estômago, de modo que a bunda dela foi colocada em exibição.

"Deus, bebê. Você está tão molhada para mim."

Seus dedos mergulharam dentro dela, reunindo sua umidade antes de trazê-la para o buraco virgem de sua entrada traseira. Ela gemeu quando seu dedo deslizou facilmente dentro, e ela empurrou contra ele quando começou a esticá-la, adicionando outro dedo ao primeiro.

Ele não pôde resistir a sua boceta chorando, e se colocou em suas costas, mantendo os dedos na bunda dela, enquanto lambia as dobras úmidas, sugando e mordiscando, seus dedos trabalhando dentro e fora dela ingressando de volta quando montou o rosto com abandono. Ele poderia dizer que ela estava à beira do orgasmo e tirou os dedos livres e mudou-se de debaixo dela.



"Cade." Gritou. "Por favor, não pare. Não..."

Os soluços de necessidade empurraram para o ponto de ruptura, e ele pegou o vibrador que guardava em sua gaveta e o tubo de lubrificante que também tinha encontrado. Abriu suas coxas e empurrou o dispositivo espesso nas profundezas chorando de sua vagina todo o caminho até o fim. Ela suspirou, sua respiração cessando, com a invasão, mas ela aceitou facilmente.

"Porra, isso é sexy." Disse Cade, ligando o dispositivo para a configuração mais baixa, apenas o suficiente para empurrá-la mais perto da borda. Não levá-la de novo.

Ele apertou o tubo de lubrificante diretamente em seu buraco de trás, massageando e trabalhando-o dentro, até que ela estava empurrando contra ele, ansiosa por seu toque.

"Respire fundo e relaxe, bebê. Abra-se e me empurre."

Suor saiu na testa e os dentes cerraram na contenção quando empurrou a cabeça inchada de seu pênis após o apertado anel de músculos dentro de seu ânus. Suas mãos agarraram o colchão, e gemidos de prazer escaparam de seus lábios, mesmo quando ela gritou da borda afiada de dor.

Trabalhou-se dentro dela lentamente, dando-lhe tempo para se adaptar antes de puxar e empurrar de volta novamente. Gozo cozinhava em suas bolas e seus músculos tremeram quando ele perdeu o último limite da sanidade, o último pedaço de controle que tinha, e mergulhou dentro dela ao máximo, suas bolas batendo contra sua bunda. Ele não teve tempo para perder o fôlego, mas só começou a se mover sem restrição, seu controle atirado para o inferno.

Seus gritos de prazer o estimularam quando sentiu o botão no vibrador chutá-la até um entalhe. Ele podia sentir as vibrações fazendo cócegas em seu pênis contra a parede fina entre sua boceta e reto, e sabia que não havia nenhuma maneira que ele poderia segurar por mais tempo. Agarrou seus quadris e bateu dentro dela uma e outra vez, com a cabeça jogada para trás e seu corpo uma máquina.



"Porra." Ele gritou quando sentiu apertar em torno de seu pênis, seu orgasmo estrangulando-o até que pensou que seu pênis estaria ferido a partir da pressão.

"Cade... Cade." Ela gritou. "Eu amo você..."

Suas palavras tiveram o enrijecimento do corpo, mas já era tarde demais. Era como se ele estivesse esperando por sua declaração, e seu orgasmo começou em qualquer lugar e rolou através de seu corpo, como os orgasmos que teve antes. Ele gritou quando sua liberação explodiu por ele com um flash de luz, dor e saudade, e encheu o traseiro com o fluxo de gozo, até que ele era apenas uma casca do que tinha sido.

Ele caiu em cima dela, notando que ela estava fora completamente, o corpo dela tão dominado pelo prazer que não tinha escolha, além de escapar para um desmaio. Ele se retirou dela devagar e desligou o vibrador antes de puxá-lo dela e colocá-lo na mesa de cabeceira. Ele mal tinha energia para levantar-se e tomar banho rapidamente, antes de voltar para fora e pegar o edredom que tinha atirado ao chão. Esgotamento se apoderou dele quando a puxou em seus braços e se curvou ao redor dela no sono.

O sono estava apenas sobre para reclamá-lo quando ela rolou em seus braços, os olhos arregalados e sombreados, sua pele fria ao toque.

"Eu quis dizer o que disse, Cade. Eu te amo."

Dor estendeu a mão e visava em torno de seu coração até que era difícil respirar. "Eu sei que você acha que faz." Disse ele. "Mas eu disse que isso é tudo o que poderia ser entre nós. O amor não vale a pena, querida. Não importa o quanto você acha que precisa ou quer. O verdadeiro amor é doloroso. E isso não dura para sempre."

Ele fechou os olhos para que não tivesse que olhar para a miríade de emoções que cruzaram seu rosto, a compaixão, a decepção, a piedade. Ela o fazia se sentir como se fosse o único errado.

"Diga-me sobre ela." Ela sussurrou, acariciando seu rosto suavemente. "A única que você perdeu."





CAPÍTULO TREZE

O coração de Bayleigh sentia como se estivesse quebrando em mil pedaços. Ela sabia que ele seria o único homem que a faria arriscar tudo, dar tudo. E com o jeito que ele tinha acabado de ordenar seu corpo e encher a ponto de quebrar, ele realizou seu maior medo. Ela pertencia a ele: mente, corpo e alma. Mas ele não a queria. Não realmente. Não quando ele contou.

Seu corpo tinha endurecido contra o dela com a menção de sua amante morta, e ele fechou os olhos contra a dor. Ela sofria por ele mesmo quando queria afastá-lo, mas não podia colocar seu amor por ele no caminho, só porque não o retornou. Amava-o com tudo o que tinha, e que sentia por ele não segurava uma vela para o que ela sentia por Paul.

Sabia que Cade se importava com ela. Ele tinha tido tempo para conhecer os seus caprichos e seu temperamento. Ele tinha empenhado sua mente, e passou um tempo com ela do lado de fora do quarto. E a maneira como olhou para ela, quando foi enterrado profundamente dentro dela, como se fosse à única mulher na existência. Que as sementes de afeto estavam lá. Talvez ele estivesse com medo de amar. Ela não podia desistir dele ainda. Não, se ela realmente o amava.

"Você a amava?" Perguntou ela, escovando o cabelo para trás de seu rosto suavemente.

"Sim." Ele disse, encontrando seu olhar diretamente, a dor dura de memórias mostrando nas linhas duras do seu rosto. "Eu a amava."

Ela acalmou-o o melhor que pôde, as mãos acariciando sua carne resfriando, desejando que ela pudesse suportar parte da sua carga.

"Carmen era..." Ele limpou a garganta uma vez e engoliu a emoção. "... era um ponto brilhante na minha vida, durante os três anos de inferno que passei sob o comando de Miguel. Eu sabia sobre ela antes de ir à paisana, e tinha planejado desde o início seduzi-la e



usá-la para obter informações." Cade riu amargamente. "Mas esses pensamentos não duraram muito tempo, uma vez que cheguei a conhecê-la. Ela odiava o pai. Odiava o que ele estava fazendo, e queria vê-lo derrubado. Levei três dias para cair de cabeça sobre os saltos no amor com ela. Foi um daqueles momentos em que o tempo simplesmente congela no cérebro, como se quando a vi tudo ficou em câmera lenta e eu sabia. Nunca estive apaixonado antes, mas sabia que ela era tudo para mim."

O coração de Bayleigh apertou com sua ideia de que ele só poderia amar assim uma vez, mas permaneceu em silêncio.

"Eu lhe disse antes o tipo de pessoa que eu tinha que ser para sobreviver no cartel. Há muito sangue em minhas mãos, Bayleigh." Disse ele, levando-se em frente ao seu rosto, virando-as sobre como se pudesse realmente ver o sangue lá. "Eu voltava de trabalho após o outro, cada um apenas mais um teste de merda que Miguel me obrigava a fazer, e Carmen estaria lá. Ela sabia o que eu tinha acabado de fazer, e me levava em seus braços de qualquer maneira. Ajudou-me a esquecer."

"Estou feliz que ela estava lá para você." Bayleigh disse suavemente. "Estou feliz que você teve o conforto que ela deu."

A mão de Cade apertou em suas costas e ela aninhou mais perto.

"O que aconteceu com ela?"

Seu suspiro foi tão cheio de tristeza que ela quase desejou que pudesse levar a questão de volta. Quase. Precisava ouvir tudo. E ele precisava dizer isso.

"Eu ainda não sei o que aconteceu completamente. Alguém me traiu, e meu irmão, Declan, foi olhando para isto em silêncio, mas quem foi o traidor, está enterrado e Declan não encontrou ainda."

"Quem traiu disse a Miguel que eu estava trabalhando disfarçado, e ele também descobriu que Carmen estava me alimentando de informações para virar ao DEA. Miguel tinha-nos arrastado para fora da cama no meio da noite. Eles nos bateram tanto, e eu foi baleado quando tentava protegê-la." Sua voz era fria e sem emoção agora, como se a



memória fosse demais para ele suportar. "Um dos soldados de Miguel estuprou Carmen enquanto me pressionavam. Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser assistir."

Sua voz ficou rouca e Bayleigh sentiu as lágrimas que corriam por suas bochechas. "Eu sinto muito, Cade."

Ela não queria ouvir mais nada, mas ele não parecia ser capaz de parar agora que começou a falar.

"Esses mesmos soldados nos arrastou para o armazém que usamos para segurar os embarques antes de irem para as distribuidoras. Eu sabia que ia morrer então. Tinha sido uma parte do cartel muito tempo. O armazém era o lugar onde tomamos alguém que precisava ser eliminado. Havia drenos no chão, por isso foi fácil para limpar a bagunça." Disse ele surdamente. "Carmen não sabia disso, mas eu sabia. Eles matariam nós dois e eu era impotente para detê-los. No final, foi Miguel quem puxou o gatilho. Ele me olhou bem nos olhos enquanto matou sua única filha, e sem um pinga de remorso neles."

Bayleigh engoliu dolorosamente, seu coração rompendo para ele. "Como é que você saiu?"

"Meu irmão." Disse ele, a sugestão de um sorriso suavizando seu rosto. "Declan sabia que algo estava errado quando o cronograma da queda do embarque foi alterado. Ele e eu temos trabalhado juntos há muito tempo. Seu irmão também estava lá."

"Qual irmão?" Ela pensou rapidamente e percebeu que provavelmente era uma pergunta estúpida. Não haveria razão para um SEAL da Marinha fazer um trabalho americano. E então ela pensou sobre o que tinha acabado de admitir. "Você conhece Brant?"

"Mmm." Admitiu, brincando com as pontas dos cabelos. "Nós fomos para a faculdade juntos."

"Você percebe que em algum momento no futuro, quando eu tiver energia, vou ficar irritada com essas informações?"

"Eu não esperaria nada menos."



Bayleigh inclinou-se e tomou seu rosto entre as mãos, vendo a surpresa que surgiu em seus olhos quando ela o beijou suavemente nos lábios. Ela sentiu a picada de lágrimas mais uma vez quando viu o jeito que ele apagou seu rosto, como se não pudesse lidar com mais emoção.

"Eu sinto muito pelo que ele fez com ela." Disse ela. "E estou contente que você teve a oportunidade de experimentar o amor que tantas pessoas nunca o fazem. Eu conheço exatamente o sentimento que você descreveu. Aquele momento em que sua vida muda em um instante. Porque é como me senti quando te conheci. Eu amo você, Cade."

Seus olhos encheram de dor e tristeza e arrependimento, e ele sacudiu a cabeça, ela tinha certeza se preparando para negar que aqueles eram seus verdadeiros sentimentos.

"Você não tem que dizer isso de volta." Ela colocou os dedos nos lábios para impedi-lo de falar. "Tudo o que precisa saber é que isto está lá se quiser. Quando precisar dele. Eu tive um relacionamento onde não havia nada, além de acusações e palavras duras, onde não havia respeito. Eu sei a diferença agora, e sei que nunca poderei me contentar com nada menos. Paul me fez menor porque eu não era o que ele precisava. Mas você me fez mais, Cade. E sempre vou te amar só por isso."

"Eu desejaria..." Ele disse, movendo a mão e puxando-a para mais perto, para que se inclinasse sobre ele, seu cabelo cobrindo seus rostos. "Eu gostaria de poder lhe dar mais. Mas não posso passar por isso novamente. O amor machuca, Bayleigh. Isso é o que o Canal Hallmark não conta a ninguém. Dói como nada neste mundo. Eu posso cuidar de você. Eu me *importo* com você. Mas não acho que possa me deixar ter a chance novamente."

Ela sabia que ele não seria empurrado. Isso era algo que ia ter que descobrir por conta própria. Tudo o que ela podia fazer era amá-lo de todas as maneiras que sabia. Ela rastejou sobre ele para que suas pernas montassem seus quadris, e inclinou-se para beijá-lo novamente.

"Está tudo bem, Cade." Ela sussurrou. "Você não tem de explicar. Apenas deixe-me te amar."



Ele já estava quente e duro debaixo dela, seu pau cutucando em suas dobras inchadas quando o beijou mais profundo, sua boca sugando e acariciando sua língua com movimentos lentos e sensuais. Ela balançou contra ele lentamente, provocando cada vez seu pênis pressionado contra o broto tenso de seu clitóris.

"Deus, Bayleigh." Ele gemeu, sua voz torturada.

"Apenas deixe-me te amar." Disse ela novamente antes que se sentou em cima dele até o punho em um movimento suave.

Eles gemeram em conjunto e ela colocou os joelhos firmemente em cada lado dele, e estava de volta para que a penetração fosse mais profunda. Ele cutucou em seu colo e ela apertou com mais força para sentir a sensação de novo, apertando e relaxando os músculos em torno dele, mas não o deixando mover-se dentro dela como ele queria fazer.

"Você está me matando, bebê."

Seus olhos estavam apenas semiabertos, tão negros que quase podia ver-se em suas profundezas, e sua respiração era difícil. Seus dedos morderam em seus quadris, mas ela não se importava com a dor. Este era um presente que ela poderia lhe dar. Seu amor. Sua necessidade.

Suas mãos se arrastaram sobre o peito, os músculos sulcados saltando sob seu toque, e então continuou, até as coxas e barriga para os seios doloridos. Ele observava cada movimento dela, suor saiu na testa quando ela tomou seus mamilos entre os dedos e puxou-os para pontos duros.

"Mmm, Cade." Ela gemeu. "Eu poderia gozar assim."

"Se você não se mover em breve vou bater na sua bunda bonita até queimaduras."

"Você promete?" Seu sorriso era mau, mas ela decidiu colocá-lo fora de sua miséria. Seu próprio orgasmo estava muito perto para jogar por mais tempo.

Sua mão se moveu entre suas coxas, esfregando seu clitóris em círculos lentos, e sua cabeça caiu para trás sobre os ombros quando sensações se revoltaram através de seu corpo. Então ela começou a se mover. Seus quadris se levantando, até que a cabeça de seu



pênis estava apenas dentro dela, e depois caía novamente. Ela manteve os golpes firmes, usando seus músculos internos par deleite quando ela se levantou e abaixou. Para cima e para baixo. Seus dedos jogaram mais rápido, e ela beliscou seus mamilos até que podia sentir os espasmos começarem em seu ventre.

"Eu estou gozando, amor. Não posso segurar."

Suas mãos voltaram para seus quadris e ele começou a empurrar-se nela com golpes duros e rápidos, até que ela foi se desfazendo ao seu redor, gritando seu nome com sua libertação, mesmo quando ele gritou o dela. Ela sentiu sua semente contra suas paredes internas e seu orgasmo rolou em outro e mais outro.

Ela caiu em seu peito, sua respiração pesada e irregular, e ele puxou as cobertas sobre eles e colocou os braços ao redor dela. Bayleigh estava dormindo antes que pudesse ver a dor nos olhos de Cade.

"Se eu pudesse amar alguém seria você." Ele sussurrou.



CAPÍTULO QUATORZE

O ar mudou sutilmente, e o silêncio tornou-se espesso com o desconhecido, com o perigo. Cade acordou de um sono profundo, seu instinto cantarolando.

Bayleigh tinha dormido em cima dele, seus corpos ainda unidos, e ele desembaraçou-se e rolou para o lado dela suavemente, sem fazer barulho para alertar o intruso. Pegou a Ruger que sabia que ela manteve na mesa de cabeceira e sentiu em torno no chão por sua própria arma, antes de passar para a parte principal da casa.

Ele estava nu como um bebê, mas passou despercebido. A adrenalina subiu por seu corpo, seu único pensamento era proteger Bayleigh. Ele não iria perdê-la, não importa o custo.

Ele parou no corredor e escutou até mesmo o menor som. Não havia nada, mas sabia que alguém estava lá. O cheiro de café tinha-lhe abrandando os seus passos e deixando escapar um suspiro de alívio. Ele viu a silhueta de Declan na escuridão da cozinha de Bayleigh. O homem não fez nenhum som enquanto preparava duas xícaras de café e as colocava sobre a mesa.

"Desculpe interromper." Declan disse, segurando as roupas que Bayleigh tinha deixado deitadas em torno, as sobrancelhas escuras erguidas em questão.

"Você não fez." Cade resmungou, pegando as roupas e levando-as de volta para o quarto com ele.

Ele vestiu seu jeans antes de voltar para se reunir com seu irmão. Declan não teria vindo se não houvesse uma emergência, e Cade tinha um sentimento afundando em seu estômago, ele sabia exatamente por que estava aqui.

"Eles encontraram o corpo de Becca Whitson." Disse Declan.

Cade sentou-se em frente a seu irmão e tomou uma xícara de café que Declan passou para ele, tomando o líquido amargo quente com um longo gole.



"Foi como os outros?" Perguntou ele.

"Sim, com algumas novas adições à cena." Declan tirou uma pasta de arquivo e deslizou por cima da mesa. "Becca Whitson parece um lote terrível como Bayleigh. Elas têm a mesma coloração, mas são construídas um pouco diferente."

"Eu nunca vi a menina, mas eu sei que Bayleigh gostava dela. Ela tinha sido uma cliente por um tempo, mas tinha apenas recentemente contratado. Bayleigh estava projetando um grande enxoval para sua lua de mel."

Cade olhou através das fotos tiradas na cena do crime. Não havia nenhum ponto em perguntar como Declan tinha conseguido as fotos e informações tão rapidamente. Seu irmão tinha conexões que confundia a mente de Cade.

"Merda." Disse Cade.

Seu estômago se apertou com a visão na frente dele. Os soldados que Carlos tinha enviado para Becca não tinham sido gentis com ela. Mas foram as imagens espalhadas ao redor da cena do crime que ferveu seu sangue. Ele sabia que tinham visto Bayleigh pela manhã que veio a ele em sua garagem.

As fotos mostravam ambos, claramente Bayleigh pressionada contra a parede, com a cabeça jogada para trás em êxtase, enquanto seus dedos foram enterrados dentro dela. Havia outras fotos dela espalhadas bem como fotos dela dentro de sua loja, indo para o café, e movimentando-se ao redor do bairro. Carlos não poderia ter feito isso mais claro que Bayleigh era o seu próximo alvo.

"Eu posso levá-la, Cade. Colocá-la em um local seguro até que o cartel seja destruído. Carlos está vindo atrás dela. E a palavra veio da Segurança interna a cerca de uma hora atrás, que Miguel del Fuego morreu de qualquer droga que foi deslizada para ele. Carlos está no comando de toda a operação agora. Deixe-me protegê-la."

Cade jogou as fotos e olhou duramente para seus irmãos. "Não. Ela é minha. Eu não vou confiar sua segurança com mais ninguém."



"Você não está pensando direito. Juro que não vou deixar nada acontecer com ela. Eu mesmo vou observá-la. Não vou deixar alguém que você ama seja ferida. Não cheguei a tempo de salvar Carmen, e lamento isso todos os dias."

Cade passou os dedos pelo cabelo e massageou os músculos tensos na parte de trás do pescoço. "Não há nada que você pudesse ter feito. Você não é o fodido Superman. E está errado sobre Bayleigh. Eu não a amo. Não assim. Mas sou responsável por ela. Eu sabia desde o início que qualquer um que eu estivesse interessado se tornaria um alvo automático do cartel. Ela era isca, pura e simples. Uma vez que Carlos deixou claro que a tinha em sua mira, eu não tive escolha, além de atraí-la mais perto de mim. Precisava ser capaz de manter um olho nela o tempo todo."

"Então você está dizendo que transou com ela para sua própria segurança?" Perguntou Declan com um bufo. "Muito bonito."



Bayleigh apertou-lhe a mão sobre sua boca e debruçou sobre quando a dor das palavras de Cade a agrediram. Seu corpo estremeceu, como se tivesse recebido um golpe físico e choque manteve os olhos secos, mesmo quando suas mãos tremiam.

Limpar o pensamento não era possível. Tudo que ela sabia era que tinha que fugir. Ela não poderia enfrentar Cade novamente. Não depois que expos sua alma para ele. Não depois do que ele tinha tomado, não exigido, que desse para ele.

Ela correu de volta para o quarto o mais silenciosamente possível e vestiu um par de calças pretas de yoga, um moletom velho da faculdade, e chinelos. A mochila em seu armário



realizou uma muda de roupa, chaves extras e dinheiro. Seus irmãos tinham a certeza de inculcar a importância de estar sempre preparada para ela, uma vez que saiu sozinha. Ela nunca pensou que iria precisar dela, mas ficou feliz por ter ouvido os seus conselhos.

As cortinas de sua janela de sacada foram puxadas para baixo graças à paranoia de Cade, e ela levantou-as lentamente, colocando a mão na parte inferior e orientando-as para que nenhum ruído fosse feito. Puxou o trinco da janela e empurrou-a, deslizando no espaço entre as duas casas e ficando com as sombras sob os beirais.

Ela tinha ouvido Cade dizer que tinha homens vigiando a casa, e sabia que o cartel que ele mencionou também tinha pessoas assistindo-a. Estúpido nem sequer começava a descrever como se sentia. Ela foi atraída por ele desde o início, e que tinha ido para o caso, com os olhos bem abertos, mas que não fez suas palavras doerem menos. Ela era isca para destruir o cartel que tinha matado a mulher que ele realmente amou. Ele lhe disse o que poderia dar, e ela pensou que poderia mudá-lo. Lição aprendida. Não havia ninguém para culpar além de si mesma.

As árvores pareciam fechar em torno quando ela fugiu de sua casa. Longe de Cade. Usou seu telefone celular para chamar um táxi e deu o local que ela queria ser pega. Levaria mais dez minutos para alcançá-lo em uma corrida, então o tempo seria correto.

Não precisava de nenhum dos MacKenzies para protegê-la. Ela poderia se proteger. E se sentisse que estava em perigo tudo o que tinha a fazer era colocar uma chamada para seu irmão. Claro que, se Brant e Cade eram tão perto quanto Cade havia dito, então ela tinha certeza de que Brant daria seu esconderijo, se Cade pedisse-lhe.

Isso não importa. A única coisa que era importante era que se separasse de Cade e no que ele estava envolvido. Ela não seria ônus de qualquer homem. E não era uma vítima. Teve o suficiente de homens tentando lhe dizer o que fazer em sua vida. Agora tudo o que tinha de decidir era o lugar onde estava indo.



"Isso faz você se sentir melhor, mentir para si mesmo?" Perguntou Declan. "Você não pode sentar aí e me dizer que não ama aquela mulher."

"Por que você está empurrando isso, Declan?" Cade arrastou a cadeira para trás e foi buscar outra xícara de café, não querendo enfrentar a simpatia que viu no rosto de seu irmão.

"Porque você é um idiota. E porque merece ser feliz. O que está realmente com medo aqui, Cade?"

Ele apoiou os braços sobre o balcão e abaixou a cabeça, sabendo que ele poderia continuar negando o que sentia tudo o que quisesse, mas isso não significava que iria embora.

"Maldição." Cade jurou, esfregando as palmas das mãos contra os olhos. "Você quer saber o que diabos eu estou com medo?" Ele perguntou, sua voz um sussurro furioso. "Sinto-me culpado, porque o que eu sentia por Carmen não chega nem perto do que eu sinto por Bayleigh. Isso me faz pensar, se eu mesmo sei, o que é o amor realmente. Se eu já conheci. E se eu me deixar amar Bayleigh do jeito que ela merece ser amada, e, em seguida, ela é levada de mim? Não posso nem imaginar a dor de perder Bayleigh, porque o que eu sinto por ela é muito mais."



"Você realmente acha que tem a opção de *deixar de amar*?" Perguntou Declan, inclinando-se para trás na cadeira sobre duas pernas, seu olhar firme e sério. "Se você não a amasse, não estaria lutando com você mesmo. E dizendo a si mesmo que você não a ama não vai fazer a dor diminuir, se algo acontecer com ela. É tudo sobre o tempo que você tem e fazer mais do mesmo."

Declan caiu a cadeira para o chão e recolheu o arquivo, antes de ir embora.

"Portanto, agora que você decidiu parar de ser um idiota, ainda não muda o fato de que Bayleigh está em perigo. Se você não vai mandá-la para uma casa segura, a única outra opção é usá-la como isca, como originalmente planejado."

Cade virou-se e cruzou os braços sobre o peito nu, os músculos tensos quando as palavras foram ditas em voz alta. Ele já havia chegado à mesma conclusão, mas com Declan dizendo-as não tornava mais fáceis de engolir. Era a hora de Carlos e o cartel serem desmontados de uma vez por todas.

"O tempo está sendo desperdiçado." Disse Declan. "Um dos homens que capturamos finalmente quebrou e nos deu algumas informações. Vamos tirá-lo."

Ele acenou com a cabeça uma vez a Declan e foi buscar Bayleigh para que ela pudesse ouvir o plano de Declan. Mas ele sabia que, logo que entrou no quarto que ela não estava mais lá. A cama estava despenteada, lençóis torcidos, de onde eles tinham feito amor apenas um curto período de tempo antes. E que *tinham* feito amor. Ele sentiu isso todo o caminho para a sua alma com a maneira como ela se moveu sobre ele, enfeitiçando-o e deu-lhe tudo o que ele já tinha desejado.

"Porra." Ele olhou para o banheiro e através de seu armário, mas não havia nenhum traço dela. Ela correu. A partir dele. O sentimento não se sentia bem.

Ele sentiu Declan vir atrás dele, o celular já encostado ao ouvido enquanto falava com algum agente desconhecido, dando os detalhes da fuga de Bayleigh e alertando quem trabalhava no caso para estar à procura dela.



Cade puxou sua camisa e sapatos e prendeu sua arma, agarrando seu próprio telefone celular e discando o número de Bayleigh. Mas ele tocou uma vez e, em seguida, foi para o correio de voz. Pânico agarrou dentro dele enquanto pensava em tudo o que poderia acontecer com ela. Ela não tinha ideia do que um homem como Carlos era capaz. E se a perdesse, não haveria ninguém para culpar além de si mesmo.



CAPÍTULO QUINZE

Quanto mais ela teve de Cade, mais Bayleigh ficava preocupada. A vontade de correr de volta para ele martelou em seu crânio, até que uma dor de cabeça batia em suas têmporas. Cade não poderia amá-la, mas ele tinha jurado mantê-la segura, e estava sendo estúpida decolando se houvesse mesmo uma pitada de perigo. Sua família lhe ensinara mais do que isso. Mas uma mistura de orgulho, raiva e desgosto tinham obscurecido o seu pensamento.

Não importa que sua situação fosse que ela não queria enfrentar Cade novamente. Seu constrangimento era muito grande. Mas sabia que precisava de proteção. Sua única opção foi chamar Brant e pedir-lhe a sua ajuda. E o seu silêncio.

A parte traseira do táxi foi abafada e ela manteve um olho em seus arredores enquanto fizeram o seu caminho no centro. Não tinha uma tonelada de dinheiro com ela, apenas o suficiente para sobreviver por um par de dias, por isso não podia ficar em algum lugar extravagante.

Toque após toque ecoou no ouvido dela enquanto esperava Brant pegar o telefone. Sua voz veio concisa sobre a linha, direcionando o visitante para deixar uma mensagem e ela suspirou em frustração.

"Brant, sou eu." Disse ela, perguntando-se exatamente o quanto lhe dizer. "Eu sei que você é amigo de Cade, mas..." Sua respiração engatou com a menção de seu nome, e ela teve que lutar para se controlar. "Eu preciso de sua ajuda. Acho que estou em apuros, e você é o único que posso pedir. Apenas me ligue de volta. Por favor."

Ela desligou o telefone e piscou os olhos rapidamente, enquanto as lágrimas ameaçavam. Eles estavam em uma parte movimentada da cidade, e ela viu o sinal familiar de um motel chegando, a taxa de pernoite piscava em vermelho com o logo.

"Pare, por favor." Disse ela, puxando o dinheiro de sua bolsa e pagando o motorista.



Bayleigh pagou em dinheiro para o quarto, e deu um nome aleatório para a menina atrás do balcão. Desde que ela estava pagando em dinheiro, não tinha que deixar identidade ou cartão de crédito, e pediu para um quarto no segundo andar perto do escritório da frente, pensando quanto mais exposição tivesse mais segura ela estaria.

Seu celular vibrou no bolso e puxou-o para fora, vendo o número de Cade piscando, e ela apertou o botão de mudo, cortando-lhe a chamada. Foi à terceira vez que ele tentou alcançá-la. Com sorte, pegaria uma pista e pararia de tentar. Não havia nenhuma maneira no inferno que estaria falando com ele em breve.

O quarto era pequeno e pouco mobiliado, uma cama King Size e uma pequena mesa e cadeira eram a única mobília, mas parecia limpo, pelo menos na superfície. Ela fez uso do pote de café para aquecer seu interior, na esperança de aliviar o mal-estar que sentia por estar fora por conta própria.

Brant ainda não estava respondendo, e ela jogou o telefone na cama enquanto ia ao banheiro. Tomou banho rapidamente, deixando o cabelo úmido desde um secador de cabelo não era uma das comodidades, e vestiu uma camisa de grandes dimensões. O telefone na cama mostrou que ela tinha perdido outra chamada de Cade, mas Brant não tinha tentado chamá-la de volta. E ele teria se tivesse recebido a mensagem.

As cortinas blackout pesadas foram bem apertadas, mas ela verificou-as e a trava da porta novamente antes de deslizar sob os lençóis ásperos. Sua mente não iria resolver, e ela jogou inquieta, tentando não pensar o quão vazia a cama era sem Cade ao seu lado. Um sono inquieto, finalmente, veio sobre ela, seu corpo reconhecendo a necessidade de descanso, mesmo que sua mente não.



Bayleigh não poderia dizer o que a acordou pouco tempo depois. Não era um som específico. Mais de um movimento que não parecia pertencer no silêncio de seu quarto. Seus olhos se abriram e ela esperou por eles se ajustarem à escuridão. Mas não fizeram. Para ajustar tinha que haver pelo menos uma pequena quantidade de luz que vinha de algum lugar.

O quarto estava escuro como breu, como se estivesse dentro de um túmulo lacrado, e o pânico começou a agarrar seu caminho para fora, quando desorientação jogou truques em sua mente. Nem mesmo o aquecedor fez um som quando o silêncio a cobriu como um cobertor pesado, sufocando os pedaços de sua sanidade.

"Bom, você está acordada." Disse uma voz divertida, seu sotaque latino suave. "Temos tão pouco tempo juntos, pensei que seria melhor começar imediatamente."

Um fósforo queimou e seus olhos foram atraídos para a chama, uma vez que acendeu as velas em cada lado da cama. Uma explosão de risos em pânico borbulhava em sua garganta ao pensar que seu sequestrador estava tentando ser romântico, mas ele rapidamente a colocou em linha reta.

"O segundo andar tem em uma caixa de fusível separado do primeiro andar e no escritório da frente." Disse ele em tom de conversa. "Não foi difícil cortar a eletricidade, especialmente porque não existem outras pessoas perto de você para reclamar."



Seus olhos fizeram o ajuste rápido para a luz escassa, mas ela não pode quebrar seu olhar longe do louco na frente dela. Carlos del Fuego teria sido um homem bonito se os olhos negros não fossem realizando tanto ameaça. Ele não era muito alto, um par de centímetros tímido de um metro e oitenta, mas ele estava solidamente construído, músculo suficiente para que fosse óbvio que ele trabalhava. Seu cabelo preto foi cortado, e suas roupas eram caras e bem adaptadas. Ele não parecia um assassino. Exceto para os olhos. Aqueles olhos não conseguiam esconder o tipo de homem que ele era.

Deus, ela tinha que pensar, mas o terror estava construindo dentro dela como nada que já tinha experimentado, e se sentiu congelada, tentando lembrar os conselhos que seus irmãos lhe deram. Ela nunca tinha tido que lutar contra um atacante antes, e na prática era um inferno de muito diferente do que o evento real.

Apertou os olhos fechados e sua respiração desacelerou, tentando reunir seus pensamentos e decidir o que deveria fazer.

"Agora, agora." Disse Carlos, sua grade risada através de sua coluna vertebral. "Abra os olhos, pequena. Eu quero ver o seu medo. Isso me faz forte."

Ele sentou-se na cama ao lado dela e ela não teve tempo para pensar quando rolou na direção oposta, querendo nada mais do que colocar o máximo de espaço possível entre eles. Seu ombro bateu na mesa de cabeceira, fazendo o balanço de vela de forma precária, e uma perna escorregou para o chão, mas ele era muito rápido. Suas mãos prenderam em volta de seus braços, mordendo os dedos em sua pele dolorosamente, e ela gritou quando a puxou de volta para o centro da cama.

Sua força era enorme quando conteve os braços tão facilmente como se ela fosse uma criança pequena. Ela lutou contra ele impotente quando fez a mesma coisa com as pernas, ligando cada um dos cantos da cama. Ela abriu a boca para gritar, mas ele empurrou um grosso pedaço de pano em seus lábios, abafando rapidamente seus esforços.

Olhou em volta freneticamente, tentando pensar através do pânico, mas estava completamente à sua mercê. As cortinas grossas haviam sido gravadas para baixo contra a



parede e a costura de luz fora não podia entrar, e ele novamente fechou a porta depois que ganhou a entrada. Ela não tinha ideia de como tinha chegado lá dentro, especialmente porque não o tinha ouvido fazer um som.

"É interessante ver todos os seus pensamentos em flash em seu rosto." Disse ele. "Você está se perguntando como cheguei a estar aqui." Seu sorriso era sinistro, o branco de seus dentes brilhantes entre os lábios cheios que qualquer mulher mataria para ter. "Tudo o que posso dizer é que há vantagens em crescendo rodeado de criminosos. É uma educação que você não pode ter em ambientes normais."

Bayleigh tentou retardar a respiração, para que não desmaiasse, mas não estava tendo muita sorte com o pano dentro de sua boca.

"Não há escapatória para você agora." Ele abriu o zíper da jaqueta de couro e jogou-a sobre a mesa, deixando-o em uma simples camisa branca que se estendia ao redor de seus bíceps. "Acho que lhe serve bem vender seu corpo para aquele bastardo."

A raiva brilhou em seus olhos, e ela assumiu que *bastardo* era Cade. Carlos levantou a perna da calça e puxou uma faca perversamente afiada da bainha de couro amarrada a sua panturrilha. Seus olhos se arregalaram de medo quando ele virou a lâmina lentamente para que ela pudesse ver a curva reluzente dela à luz das velas.

"Você vê isso, *puta*?" Perguntou ele. "Vou levar essa mordança de sua boca, e se você fizer um som, vou começar a cortar. Entendemos um ao outro?"

Bayleigh acenou com a cabeça freneticamente, rezando por um milagre. Ele puxou o pano amassado de sua boca, e ela engoliu em seco, com a boca seca de medo.

"Cade virá por você." Disse ela, desejando que tivesse dormido com suas roupas em vez de camisa e fina calcinha que usava. "Ele vai te matar."

"Se esse traidor se importasse com você em tudo, ele teria colocado um rastreador em você como eu fiz." Carlos disse, segurando o telefone. "Não foi difícil de escorregar para dentro da casa e colocar no chip, enquanto você estava visitando a senhora do outro lado da



rua. Como eu disse, tenho talento que os homens que estavam assistindo a sua casa nunca poderiam sonhar."

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um par de luvas cirúrgicas, soprando em cada uma antes de colocar as mãos dentro, como se tivesse feito isso milhares de vezes antes. Uma vez que as luvas estavam dentro que ele tirou um pequeno frasco de pó branco, que não era maior do que seu dedo mindinho, do bolso.

"Cade MacKenzie tem sido um problema para mim." Disse Carlos. "Ele virou meu pai contra mim. Ganhou o respeito dos soldados do cartel, até que só ouviam suas ordens e questionaram as minhas. Ele seduziu minha irmã e a matou, e destruiu nossos laboratórios originais com a informação que ele segurava. Perdemos milhões de dólares que este pó que você não pode manter seus olhos fora. E o tempo todo, MacKenzie estava realmente trabalhando para o seu governo."

"Bom." Bayleigh disse, seus olhos brilhando quando a luta voltou para o seu corpo. Não havia nenhuma maneira no inferno que só ia ficar lá, impotente e deixá-lo matá-la. Se ia morrer, então lutaria até seu último suspiro. "Você parece estar sob a impressão de que os bandidos são supostamente para vencer. Vou gostar de vê-lo levá-lo à parte."

"Ele pode tentar." Carlos zombou. "Mas isso não vai mudar o fato de que você vai estar morta. Isso é vingança. Eu tenho os homens cuidando da irmã de Cade enquanto falamos. E tenho você só para mim. Eu só queria que ele pudesse estar aqui para ver o quanto você sofrerá." Ele deu de ombros, como se a ausência de Cade fosse um pequeno inconveniente. "Ele vai encontrar o seu corpo, e que terá de ser suficiente."

Bayleigh reprimiu um grito quando ele trouxe a faca e cortou o centro de sua camisa, a lâmina afiada cortando o tecido como a água. Ela não podia ajudar os tremores que assolaram seu corpo quando a olhou, seu olhar parando em seus seios com fome, antes de descer para as calcinhas rendadas brancas que ela usava. Ela olhou para ele, torcendo-lhe os pulsos contra as restrições, não se importando quando morderam em sua pele.



"MacKenzie sempre parecia ter toda a sorte." Os olhos de Carlos escureceram com a luxúria, e ele estendeu a mão para beliscar o mamilo, rindo enquanto ela se encolheu para longe dele. "Eu gostaria de ter mais tempo para apreciá-la."

Carlos desenvolveu o pequeno frasco e colocou a ponta de seu dedo mindinho dentro para que apenas uma pequena quantidade de pó branco agarrasse a seu dedo.

"Você se encolhe de mim agora, mas vai estar gritando meu nome antes de eu terminar com você."

"O inferno que vou." Ela cuspiu.

Esponaneamente lágrimas encheram seus olhos enquanto esfregava o pó branco no centro de seu peito, esfregando-o em sua pele quase com amor.

"Vai ser sempre o nome dele." Disse ela ferozmente quando seu corpo começou a apertar, o formigamento familiar de excitação deslizando através de sua pele. "Você pode tomar o meu corpo, mas vai ser ele que estarei pensando."

"Onde ela está?" Cade perguntou a Declan quando seu irmão arrancou o telefone com um de seus homens. "Porra, eu não posso ficar aqui esperando." Ele caminhou em sua sala de estar, à espera de seu irmão para lhe dar notícias.

Havia apenas cerca de uma hora deixada até nascer do sol, e ela já tinha ido há muito tempo. O telefonema que ele havia obtido a partir de uma hora antes de Carlos haver enviado todos os agentes na área de codificação. Eles tinham de encontrar Carlos antes que ele seguisse através de sua ameaça de matar Bayleigh. Porque uma vez que ele matasse Bayleigh, Carlos estaria no vento até que encontrasse a oportunidade perfeita para ir atrás do próprio Cade. Esta foi à última chance que eles tinham de fazê-lo, antes que desaparecesse novamente.



Ele e Declan haviam traçado os passos de Bayleigh para o outro lado das árvores em um campo aberto, onde a terra estava sendo nivelada para uma nova subdivisão. Não havia rastro dela, uma vez que ela deixou a área de areia, o que significava que tinha transporte de algum tipo. Ou pior, ela foi forçada a tomar o transporte de algum tipo. Mas ele não pensava assim.

Carlos tinha deixado escapar durante seu telefonema que ele tinha um rastreador nela, e que tinha estado em seu caminho por ela, mesmo quando falavam. Eles *tinham* que encontrá-la antes de Carlos ter um aperto nela. Suas chances de sobreviver censuravam se a tivesse em sua posse.

Cade tentou não deixar que o pânico o dominasse, mas foi ficando mais difícil a cada segundo que passava. Sua formação era a única coisa que o mantinha são. Ele não podia perdê-la agora.

"Isso foi à empresa de táxi." Disse Declan. "Eles pegaram uma mulher que correspondia à descrição de Bayleigh cerca de cinco quarteirões daqui. Eu tenho um endereço. Vamos."

O telefone de Cade tocou quando ele subiu no jipe de Declan e olhou para o número. A maldição murmurada escapou de seus lábios e ele sabia que estava na merda. Não teria sequer respondido se não fosse pelo fato de que Darcy poderia estar em apuros.

"MacKenzie." Disse ele, segurando o traço que Declan teve uma esquina em alta velocidade. Um par de veículos das agências sem identificação seguia de perto enquanto teciam dentro e fora do pouco tráfego que estava na estrada naquela hora da noite.

"O que diabos está acontecendo aí?" Brant gritou através do telefone.

"Nós temos a localização. Vamos chegar a ela."

"Você não deveria tê-la deixado ir, em primeiro lugar, imbecil. Ela estava chorando fofidamente quando deixou a mensagem no meu celular. Ela nunca chora. Se as coisas não estivessem indo para a merda aqui quando ela ligou, eu teria sido capaz de falar com ela para



descobrir o que diabos você fez. Mas seja o que for, peça desculpas e recupere-a sob sua proteção."

"Darcy está bem?" Ele disse, inclinando um olhar para Declan. "O que aconteceu?"

"Ela está bem. E os homens que Carlos enviou foram tomados com cuidados. A equipe de limpeza estará aqui para se livrar deles em um par de horas. Vou cuidar de Darcy porque prometi que o faria. Agora você cuide de Bayleigh, ou vou te matar. Melhor amigo ou não."

O telefone ficou mudo e Cade jogou no assento ao lado dele, frustração e raiva impotente comendo para ele.

"Você não pode ir mais rápido?" Ele gritou. "Maldição."

Seu punho bateu contra o painel e deu boas-vindas a dor que cantou em sua mão. Ele não achava que já tinha ficado tão apavorado em toda a sua vida. Nem mesmo quando ele estava olhando nos olhos de Miguel del Fuego, quando matou sua própria filha. Bayleigh era tudo para ele. Ela era sua vida e seu futuro. Não podia sequer pensar que não iria chegar a tempo. Ele só tinha que fazer. Puro e simples.

Eles pararam em um estacionamento do motel que era mais do que meio vazio, e Cade estava fora do jipe e correndo em direção ao escritório antes que rolasse até parar por completo. Declan agarrou por trás, os braços apertando como um torno em torno dele antes que pudesse invadir o escritório e aterrorizar a menina atrás do balcão.

"Você tem que se acalmar e pensar direito." Declan sussurrou em seu ouvido: "Ou eu juro por Deus que vou encontrar homens suficientes para sentar em você, enquanto vou dentro. Prioridade número um é ter certeza que ela está segura. Você vai colocar em risco, se não fizermos isso como uma equipe."

Cade acenou uma vez e sacudiu-o, empunhando sua arma e verificando o clipe. "Qual é o quarto?" Perguntou ele. "Agora, Declan. Você e eu faremos isso agora, ou vou sozinho."

"212." Ele respondeu, tirando sua própria arma e seguindo Cade subindo as escadas.

Declan fez sinais com as mãos a um par dos outros agentes e enviou-os ao redor da parte de trás do prédio, e ele tinha mais dois como apoio fora da porta.



Cade e Declan ficaram na posição em cada lado da porta azul escura, o número 212 de bronze cravado no centro manchado. Seu corpo ficou tenso quando a adrenalina bombeou através de suas veias em tempo com o seu coração. Ele não podia dar ao luxo de pensar o pior. Seu foco tinha que ser completo e ele apagou sua mente e deixou a sua formação assumir, esperando por Declan dar o sinal para entrar.

Ou ele tinha *planejado* esperar. Pelo menos até que ouviu o fino, choro através da porta. Todas as apostas estavam fora, então, e seu controle dissolveu. A única coisa em sua cabeça era a necessidade de proteger. Ela era *sua* mulher.

O pé de Cade chutou contra a porta fina e ele ouviu vagamente as maldições de Declan quando caiu aberta. Levou um segundo para que seus olhos se acostumassem à escuridão do quarto, mas ele nunca esqueceria a visão na frente dele enquanto vivesse. Carlos ficou ao lado da cama, seu corpo nu e ereto, preparando-se para rastejar entre as pernas de Bayleigh enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Sua cabeça balançou em negação, mesmo quando seus olhos brilhavam com luxúria e seu corpo estava pronto para ser tomada.

Cade deixou Declan levar o tiro fatal, sabendo que seu controle estava em pedaços, e ele não queria que Bayleigh visse o lado dele que poderia matá-lo facilmente. Ele poupou um olhar quando o sangue floresceu no peito de Carlos, e ele caiu em cima da cama. A equipe de agentes de Declan tinha com ele entrou em ação, mas seus olhos eram apenas para Bayleigh. Ele guardou a arma e foi até ela, ajoelhando-se ao lado dela e trabalhando nos nós em seus pulsos.

"Ele a drogou." Declan disse, desviando os olhos do seu corpo nu.

"Bayleigh." Disse Cade. "Deixe-me ajudá-la, querida."

Ele puxou os lençóis desgrenhados em seu corpo quando ela se encolheu para longe dele.

"Não me toque." Ela implorou. "Eu não posso lutar contra isso, se você me tocar. Dói muito ruim."



Os nós de seus tornozelos eram mais apertados, e Cade usou a faca que Declan atirou-lhe, cortando livre rapidamente.

"Shh, tudo bem, bebê. Apenas relaxe. Eu tenho que tirá-la daqui antes que a droga consiga todo o caminho em seu sistema. Segure um pouco mais de tempo por mim."

Ele rolou os lençóis em volta dela e levantou-a nos braços. Ela gemeu luxuriosamente, seu corpo movendo contra ele, em busca de uma realização que ela não queria, mas foi deixada com nenhuma escolha a não ser tomar. Ela mordeu seu pescoço, sua língua acariciando em pequenas lambidas quente contra sua pele.

"Bayleigh, você tem que controlá-lo." Disse ele desesperadamente, mesmo enquanto seu corpo se apertou.

Ele não iria levá-la assim. Não foi possível levá-la assim. Mas sabia que, se não encontrasse alívio logo em seguida, a dor pioraria até que ela pudesse perder sua sanidade. A droga ainda não foi testada o suficiente para quais efeitos foram diferentes para todos, embora, desde que tinha sido dado a ela na pele, não estava em perigo de morte como com uma dose interna.

Declan lhe entregou as chaves do jipe. "Leve-a daqui. Vou pegar uma carona com um dos meus homens. Nós temos a localização de vários dos membros do cartel, e alguns outros em questionamento. Esperemos que um deles tenha informações sobre os laboratórios onde esta merda é desenvolvida."

Cade concordou com a cabeça e saiu pela porta e desceu as escadas antes que alguém pudesse impedi-lo de falar. Ele viu carros de patrulha puxando para cima atrasados para a festa, o Capitão saindo de um deles com um olhar estreito de olhos que tinha Cade estremeendo. Ele estava indo para obter um inferno de uma bronca de cada chefe que tinha, local e federal. Mas simplesmente não podia ser ajudado. Bayleigh foi a sua primeira prioridade. O resto deles poderiam esperar. Ou, melhor ainda, ele poderia renunciar de verdade e dizer a todos para beijar sua bunda. Isso soava como o curso de ação mais prudente.



Ele sentou Bayleigh no banco do passageiro com cuidado e colocou a mão na testa. Seu rosto estava corado e orvalhado com a transpiração, e seus olhos eram selvagens, procurando por alguém – alguém, para lhe dar o que precisava.

"Agente, bebê."

Ele correu para o outro lado e ligou o Jeep, acelerando para fora do estacionamento e voltando na direção de suas casas. Não sabia se ela poderia durar os 15 minutos que levaria para dar sua privacidade.

"Cade, por favor." Ela gritou. "Eu estou dolorida."

"Eu não vou levá-la assim, bebê. Não quando você nem sequer sabe que sou eu realmente."

"Eu sei que é você." Ela ofegou. "Você é um idiota. Mas você é tudo que eu tenho no momento. Se não gozar em breve vou morrer. E então você pode ir pular de um penhasco. É a minha vez de usá-lo para uma isca."

Seu coração apertou em suas palavras, sabendo com certeza agora que ela tinha ouvido essa parte de sua conversa com Declan. Ele precisava se explicar, dizer-lhe que ele tinha sido um tolo. Mas não até que ela pudesse entendê-lo claramente. Ele estava realmente surpreso que ela era tão coerente quanto era. Carlos não lhe dera uma dose grande o suficiente, ou Bayleigh estava colocando um inferno de uma resistência. Ele tinha a sensação de que era o último.

Ela encolheu os ombros para fora do lençol e fugiu através do banco até que estava praticamente montando sua coxa.

"Porra, Bayleigh." Disse ele, desviando de perder um carro quando ela bloqueou sua visão da estrada.

Suas mãos estavam ocupadas, trabalhando na fivela do seu cinto e descompactando-o com velocidade recorde. Ele amaldiçoou seu corpo, desejando que ele tivesse controle suficiente sobre seu pau, para dizer que não saltava para a vida toda vez que o tocou, mas nunca em um milhão de anos teria o controle assim. Só um santo faria.



"Pare, bebê. Estaremos em casa em poucos minutos."

Suas mãos quentes agarram em torno dele e ele chupou em uma respiração dura, com o pé pressionando o acelerador até que ele estava quebrando tantas leis que não queria pensar nas consequências. Seu braço curvou em torno de seu corpo e os joelhos montaram sua coxa quando ela estava aberta para ele, e ele mergulhou dois dedos dentro dela por trás. Ela gritou e mordeu seu ombro enquanto apertou em torno dele e gozou em um instante.

Sua visão esmaeceu enquanto ela acariciava e seu corpo se contorcia quente. O suor apareceu em sua testa quando sentiu os primeiros sinais de seu próprio orgasmo. Sua rua veio à tona e ele deu um suspiro de alívio, tendo o canto em duas rodas. Ele foi malditamente feliz que estava no meio da noite e todos os corpos ocupados na rua estariam dobrados na cama. Não havia nenhuma maneira que ele pudesse levá-los para dentro de sua casa prudentemente.

"Mais, mais." Ela cantou, uma e outra vez.

Ele conseguiu o pé no freio e derrapou até parar por acaso em sua garagem. Declan recuperaria o veículo depois. Cade tinha os meios para agarrar o lençol e puxá-lo ao seu redor quando a levantou fora do Jeep, sua boceta encharcada pressionando contra seu pênis, procurando desesperadamente por ele enquanto tentava atraí-lo para dentro.

"Droga, Bayleigh. Pare com isso." Os dentes agarraram juntos quando ele tentou reposicioná-la. "Eu não vou levá-la assim. Vou fazer você gozar tudo que quiser, querida, mas não posso fazer isso com você. Não até que esteja pronta para me ouvir."

Ele tropeçou através de sua porta da frente, o equilíbrio precário, e bateu atrás dele com o pé. Sua boca apertada na sua, quente e úmida, quando ela mordeu os lábios, invadindo seus sentidos enquanto alternava entre movimentos lânguidos de sua língua e mordidas cortantes.



Suas pernas se apertaram ao redor de sua cintura e girou de modo que ela foi pressionada contra a parede. Ele precisava voltar no controle. De algum modo. Jesus, ela o estava deixando louco.

"Foda-me, Cade." Ela puxou sua camisa até que tinha sobre a sua cabeça e jogou no chão. "Eu estou te implorando."

"Quarto." Ele murmurou. "Vou cuidar de você, bebê."

Ela jogou a cabeça para trás e se moveu contra ele, o broto de seu clitóris duro deslizando para cima e para baixo em seu pênis. Ele amanhã ia estar dolorido, mas não havia prazer com a dor, e segurou sua própria libertação, enquanto ela se desfez novamente em seus braços.

"Por favor." As lágrimas corriam pelo seu rosto, e seus olhos foram torturados com a necessidade. "Eu preciso de você dentro de mim. É tudo que eu sempre precisei. Não me negue isso. Apenas uma última vez e podemos ir nossos caminhos separados."

Ele não podia suportar a dor profundo que lhe causou que não tinha nada a ver com a droga que Carlos lhe dera.

"Olhe para mim, Bayleigh." Disse ele, segurando seu rosto entre as mãos e forçando-a a olhá-lo nos olhos. Suas pupilas estavam dilatadas ao ponto em que o azul não apareceu. "Eu não vou levá-la sem você saber a verdade. Eu te amo, querida. Com tudo o que sou. "

Ela lutou contra a sua posse quando soluços arruinaram seu corpo, quando os quadris continuaram a empurrar contra ele.

"Não, Cade. Apenas sexo. Está tudo bem."

"Besteira." Seu pênis cutucou contra a entrada de suas dobras, mas ele segurou-se de volta, precisando dela para reconhecer o que ele precisava dar a ela. "Nunca foi apenas sexo. E eu serei amaldiçoado se esta é a última vez. Eu quero você para sempre, Bayleigh."

Ele bateu dentro dela, seu controle além do ponto de ruptura. Não havia nenhuma maneira que fosse capaz de segurar seu orgasmo. Ela estava escorregadia e quente ao redor



dele, e martelou nela quando orgasmo após orgasmo rolou por seu corpo. Suas bolas se apertaram e ele empurrou dentro dela uma última vez quando o mais poderoso clímax que ele já experimentou arruinou seu corpo. Seus joelhos se dobraram e ele conseguiu ir para o chão, sem esmagá-la.

A madeira estava fria sob suas costas, mas Bayleigh estava quente em cima dele, suas respirações corriam como motores a vapor e exaustão estava guerreando com a necessidade. Ele sabia que não terminaram. Seriam necessárias várias horas para que a droga trabalhasse o seu caminho através de seu sistema. Assim que ela saísse do cochilo que estava, estaria pronta para mais.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O final da manhã transmitia a luz solar através das cortinas, e Cade assistiu ao jogo de sombras das árvores nas paredes que tocavam com o vento aumentando. Haveria uma tempestade antes de tempo, tanto dentro como fora. Havia muito entre eles que precisava ser resolvido.

Ele conseguiu não afogá-los no chuveiro meia hora antes, mas foi por um triz. Felizmente, Bayleigh seria capaz de descansar agora, completamente, sem pesadelos de Carlos subindo em cima dela.

"Estou cansada." Ela murmurou contra seu ombro.

Ele virou a cabeça para olhá-la. Ela ainda tinha os olhos fechados, mas a onda de desejo perpétuo finalmente deixou sua pele, e agora estava pálida como a lua. Olheiras descansavam debaixo de seus olhos e seu cabelo estava despenteado e enrolado em torno de seu rosto. Ele nunca a tinha visto parecer mais bonita. Só o fato de que ela estava viva era um milagre em si.

Seu anúncio foi tão ridículo que ele teria rido se tivesse a energia. "Você deve estar." Disse ele. "Acho que estou paralisado da cintura para baixo."

"É melhor não estar." Ela tentou apoiar-se em seus braços, mas não teve a força para manter-se até muito tempo. "Eu tenho que chegar em casa, e preciso de alguém para me levar. Já que você é o único aqui, estou votando em você para o trabalho."



Seus dedos apertaram contra suas costas enquanto suas palavras bateram contra ele. "Bayleigh." Disse ele. "Eu não quero que você saia. Fique comigo. Faça a sua casa comigo."

Ela tentou rolar para fora de seus braços, mas a letargia era muito grande, e ele foi capaz de detê-la facilmente. Prendeu-a na cama e a fez olhá-lo nos olhos. Não havia como esconder agora. Mostrou-lhe tudo o que estava rodando dentro dele. Sentimentos que nunca deixou ninguém ver.

"Não faça isso, Cade." Disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. "Vamos apenas riscar isso para uma experiência de aprendizagem e seguir em frente. Não preciso de você para dizer coisas que não quer dizer, por que você acha que feriu meus sentimentos. Estou bem, mas preciso seguir em frente. Não é grande coisa."

"O inferno que não é." Ele rosnou. "Você disse que me amava, Bayleigh. Foi uma mentira?"

Ela engoliu em seco, e seu olhar se desviou de seu ombro. A vulnerabilidade que brilhou em seus olhos o fez querer chutar a si mesmo. Ele tinha feito nada além de machucá-la, desde que se conheceram. Tudo por causa de suas inseguranças e medos. Precisava de mais do que tudo para ouvi-la dizer essas palavras novamente.

"Não." A palavra era quase inaudível. "Não era uma mentira. Eu te amo. Isso nunca vai mudar."

Ele deu um suspiro de alívio e abaixou a cabeça para que descansasse contra sua testa.

"Você me deixou muito cedo." Disse a ela. "Não ouviu tudo o que eu disse a Declan. Eu estava correndo com medo, bebê, e estava tentando chegar a algum motivo que pudesse continuar negando o que sentia por você. Não demorou muito tempo para perceber que negar isso não o tornava falso."

Ela tentou piscar as lágrimas, sua determinação de não deixá-lo vê-la chorar óbvia. Lembrou-se do que seu irmão disse. Bayleigh nunca chorou. Mas parecia que era tudo



que ele a tinha feito fazer, já que havia esmagado o que estava construindo entre eles com suas palavras cruéis.

"Eu te amo, Bayleigh. Quero dizer cada palavra. E vou dizer isso sempre. O pensamento de te perder é quase paralisante, e não posso viver sem você."

Ele se inclinou e beijou-a suavemente. O desejo fervendo distante, e tudo o que havia entre eles era agora o amor que tinham um pelo outro. Ela perdeu a batalha quando suas lágrimas fugiram, arrastando lentamente por suas bochechas pálidas.

"Case-se comigo, Bayleigh. Faça-me vivo novamente. Seja o meu futuro."

Seus braços apertaram ao redor dele em um abraço feroz, e seu 'sim' era quase inaudível.

"Ainda que eu provavelmente devesse fazer você sofrer mais." Disse ela, com um sorriso vacilante.

"Sem dúvida. Mas se isso te faz sentir melhor o seu irmão ameaçou chutar a minha bunda."

A risada dela trouxe alegria em seu coração, uma alegria que não sentia há muito tempo, que ele não conseguia se lembrar da última vez. Ele segurou a mulher que amava em seus braços, sabendo que seria capaz de enfrentar qualquer coisa, contanto que ela estivesse ao seu lado.

"Eu vou te proteger." Ela sussurrou. "Sempre."

"Sempre." Ele prometeu.



EPÍLOGO

Brant Scott olhou para o teto do quarto, com o coração ainda batendo e seu pau ainda duro, como se já não tivesse tido dois dos orgasmos mais poderosos que já tinha experimentado.

Darcy estava enrolada em torno dele, sua coxa jogada sobre sua perna e mão descansando baixa em seu estômago. Ele podia dizer pela sua respiração que ela já estava dormindo, e ele tentou não pensar sobre o quão bom ela se sentia em seus braços. Quão *certo*, ela se sentiu lá.

Isso foi um erro. Duas pessoas jogadas em uma situação de alta tensão que havia necessidade de uma tomada de adrenalina. Isso foi tudo.

Ele sabia que iria deixá-la, mesmo quando tinha dado na tentação desse corpinho apertado. Colocou-se com seus insultos, língua afiada e humor seco até que ele não tinha escolha, além de silenciá-la com a boca ou enlouquecer. E maldição se ela não combinava com o calor, com o seu próprio, até que ele tinha estado quase tonto com a luxúria, rasgando as roupas de seu corpo como um animal e empurrando dentro dela antes que eles sequer conseguissem entrar na casa.

Cristo, assim que a ideia sem controle foi feita ele queria entregá-la e levá-la novamente. Ela fez isso com ele. Fez perder todos os fragmentos de controle que já teve. E ele prometeu há muito tempo que nunca deixaria outra mulher chegar a ele dessa forma. Sua primeira esposa havia lhe ensinado essa lição muito bem.

Brant ignorou a necessidade de seu corpo e entrou debaixo das cobertas, puxando-os para que Darcy não fosse ficar fria, e tocou seu rosto uma vez com a ponta do seu dedo. Remorso em seu interior foi mais forte do que ele queria admitir.



Suas roupas não estavam à vista, e ele revirou os olhos, lembrando-se que ainda estavam no gramado da frente. Ele tinha que sair daqui. Já tinha recebido a chamada antes que ele era necessário para outra missão. Quanto mais cedo ele cortasse os laços melhor.

Darcy não era uma mulher agarrada. Ela entenderia que o que aconteceu entre eles foi nada mais do que loucura, e nunca lhe daria outro pensamento. Pelo menos, era o que ele disse a si mesmo. Ela poderia estar ferida que não tinha dito adeus, mas entenderia. Eles seriam obrigados a ver um ao outro no futuro, mas sabia que seria capaz de passar por isso sem muito constrangimento.

Brant fechou a porta da frente de Darcy atrás dele e começou a recolher suas roupas, ignorando a sensação de aperto no peito. Isto foi o melhor, ele continuava dizendo a si mesmo uma e outra vez quando se vestiu rapidamente.

Seu Jeep usava um par de novos buracos de bala graças aos homens de Carlos del Fuego, mas ainda ronronou a vida quando ele virou a chave na ignição. Brant lutou contra o impulso de olhar para trás enquanto foi embora, mas se tivesse, teria visto Darcy na janela, a inocência que outrora brilhou em seus olhos quebrada.

FIM



Acesse meu blog: <http://angellicas.blogspot.com>



Próximos:

